



50 ANOS

TIMOL

TEATRO INFANTIL
MONTEIRO LOBATO

TIMOL - 50 ANOS

1965-1974

1975-1984

1985-1994

1995-2004

2005-2015

Quando adentrei a Biblioteca Monteiro Lobato para assumir o cargo de auxiliar de biblioteca não fazia a mínima ideia da efervescência que acontecia naquele espaço.

Isso aconteceu no final da década de 70 do século passado e eu, recém-saído do ensino médio e estudando engenharia, me deparei com várias crianças e jovens, alguns pouco mais novos do que eu, lendo, ouvindo música, pintando, jogando e atuando num tal de TIMOL.

Muitos daqueles que vinham ouvir música e dançar (Michael Jackson bombava com “Billie Jean” e outros mega-sucessos) na Discoteca, bagunçando muito, como Paula, Anamara, Toninho, Paulinho e outros também faziam parte do TIMOL.

Pensava que era um teatrinho quase caseiro, desses que fazíamos nos quintais inspirados por Lobato. Mas ao assistir pela primeira vez uma montagem, “Oculosândia”, dirigido por Marcos Caruso e encenado por essa moçada, vi todo o cuidado com o figurino, o cenário, a iluminação e, principalmente, o *timing* e a interpretação. E assisti a outras apresentações e ensaios e percebi que, além da encenação, aquele era um grande espaço de socialização desses jovens.

Independente de terem seguido ou não uma carreira artística, com certeza essa experiência marcou positivamente suas vidas, por tudo que envolve uma produção teatral coletiva. Assim como também foi responsável, em parte, por minha contaminação pelo vírus do trabalho cultural, como também foram as outras diversas manifestações culturais que aconteciam na biblioteca.

Deixei a engenharia e hoje, passados tantos anos, estou coordenando o sistema municipal de bibliotecas. Longa vida ao Timol.

**MIRO
NALLÉS**

Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas

Teatro da Biblioteca Monteiro Lobato.

Os 50 anos do TIMOL confundem-se com a história da Biblioteca Monteiro Lobato.

A todos que se empenharam e perseveraram neste ideal formador de crianças e jovens para a Dramaturgia, na cidade de São Paulo, nosso reconhecimento.

Esperamos que as novas gerações deem continuidade ao TIMOL, por muitos e muitos anos, com o mesmo entusiasmo e dedicação que seus antecessores o fizeram.

Parabéns, TIMOL!!!

**ANGELA M.
ARANTES FIGUEIREDO**

Diretora da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato

INTRODUÇÃO

E

m junho de 2015, o TIMOL completou 50 anos da primeira montagem, 50 anos dedicados ao Teatro Infantil, feito por crianças e jovens, para crianças e jovens. Uma história rica, cheia de altos e baixos, com alguns hiatos em sua cronologia, mas que ajudou a formar gerações de atores e outros profissionais de Teatro que estão aí até hoje.

Menos de um mês depois desta data, perdemos o amigo Arthur Leopoldo e Silva, uma das figuras mais importantes do grupo. Permitimo-nos a delicadeza de dedicar a ele um espaço nesta publicação.

Em 1965 nascia o Teatro Infantil Monteiro Lobato – TIMOL. Nesse ano foram montados três espetáculos. No início as apresentações eram no Teatro Leopoldo Fróes, na praça da Biblioteca. Nascido da ocupação de espaços públicos, contando com o apoio de alguns funcionários dedicados e abnegados, nasceu o Grupo. Até o 1º Semestre de 2015 foram montados mais de 100 espetáculos, segundo o que conseguimos coletar.

Fruto de uma iniciativa coletiva, o TIMOL sempre teve como característica a participação de seus integrantes em todas as etapas do processo, desde a escolha e o estudo do texto até a confecção de figurinos, cenários, iluminação e sonoplastia – formando a consciência de que a Arte de representar é muito mais do que subir no palco e encenar – com o apoio de inúmeros amadores, no sentido mais amplo da palavra, e de alguns que eram já profissionais, ou que no futuro seriam.

Depois da demolição do teatro da praça, um depósito foi aos poucos sendo transformado no auditório que está aí até hoje. Primeiro com iluminação improvisada com latas de leite em pó, depois refletores; primeiro com cadeiras da Biblioteca, depois poltronas; palco, paredes, figurinos trazidos de casa e depois desenhados e confeccionados especialmente para as montagens; trilhas, som, música ao vivo e até os próprios textos... Todas as etapas de uma boa produção eram feitas no TIMOL.

Enfim, uma história muito rica, de luta e sobrevivência, que deve ser contada e estudada para que este modelo seja multiplicado – como, de fato foi: outras bibliotecas infantis de bairro, como as de Vila Maria e Santo Amaro, criaram seus próprios grupos teatrais nos mesmos moldes do TIMOL. O mais importante é que o TIMOL continue por muitos anos mais, que se mantenha vivo e atuante.

Nas próximas páginas, com o material disponível e os depoimentos de alguns participantes, tentamos registrar um pouco dessa trajetória, uma viagem no tempo que chega até os dias de hoje, passando por cinco décadas de história.

E que sejam comemorados os 100 Anos!

LUIZ FELIPE
AZEREDO SANTOS

O MUSEU DA EMÍLIA - 1965



19 e 20 de Junho de 1965

TEATRO LEOPOLDO FRÓES

Grupo de Teatro Infantil da Biblioteca
Monteiro Lobato

O MUSEU DA EMÍLIA

Peça em 1 ato de Monteiro Lobato

Personagens por ordem de entrada:

Dona Berta.....Leda Neuva Neves

Tia Nastácia.....Mariss Martinez

Narizinho.....Silvans Martinez

Pedrinho.....Cesar Idelfonso Barroso

Emília.....Lais Bedrikow

Visconde.....Idelfonso Barroso Filho

Capinha.....Marcia Vicência

Direção Geral.....Jacob Hillel





FALA,
TIMOL!

cinquenta anos do TIMOL – Teatro infantil Monteiro Lobato. Que orgulho!!!!!!

Muito feliz por ver o grupo vivo e atuando e apresentando textos escritos por jovens participantes. A chama viva!!!!!!

Noemi do Val Penteado e Ophelia França, diretoras da Biblioteca infantil Monteiro Lobato, acreditaram que eu poderia reunir e dirigir um grupo de crianças e jovens adolescentes para fazer uma peça de teatro. Eu devia ter entre 14 e 15 anos na época. Estreamos no Teatro Leopoldo Fróes, com cenário, figurinos, iluminação e tudo aquilo que uma produção de teatro para crianças deveria ser. A plateia vibrava e participava torcendo. Foi lindo. Continuamos e fizemos uma peça atrás da outra. Uma no primeiro semestre, outra em outubro, mês da criança, e outra no Natal. Adaptamos uma sala que servia de depósito para as apresentações, depois do fechamento do Teatro Leopoldo Fróes.

O TIMOL movimentava muita gente. Desde as funcionárias que ajudavam a carregar as cadeiras da biblioteca para o auditório, até a coleta de latas de leite em pó para fazer os refletores



para o auditório.

Criatividade passou a ser a marca do TIMOL: os atores vivendo intensamente as personagens, a identificação com a plateia; cenário e figurinos e iluminação, produção com pouquíssimos recursos, mas muito bem feitos, criativos. A alegria e o entusiasmo nos alimentavam. Os atores cresceram e criamos dois grupos distintos: O grupo experimental do TIMOL, com os adolescentes, e o TIMOL com os mais jovens. Eu dirigia os dois em dias alternados. Isto não durou muito, os grupos se fundiram logo depois. O que aprendi em todos os cursos de teatro que fiz, aplicava e adaptava para os nossos jovens: o contato com Eugênio Kusnet e o Método de Stanislavski, o contato com Maria Esther Stockler e o Método Laban. Participei do TUCA, da peça “Morte e Vida Severina”. Daquela produção,

TIMOL - 50 ANOS

convidei músicos para compor para o TIMOL, como Maranhão. Somado a tudo isso, a alegria das crianças, o senso crítico e bem humorado do adolescente, e a comédia como meio de comunicação vital alimentaram nossas produções.

Minha casa de criação, meu lugar de retorno como espaço livre para tentar, experimentar, discutir, reconhecer e participar criativamente da realidade da vida. Minhas raízes. TIMOL. Essa atividade que durante os anos aproximou jovens tornou-se a terra fértil para o crescimento de artistas como Marcos Caruso e José de Anchieta, e tantos outros, com quem trabalhei diretamente.

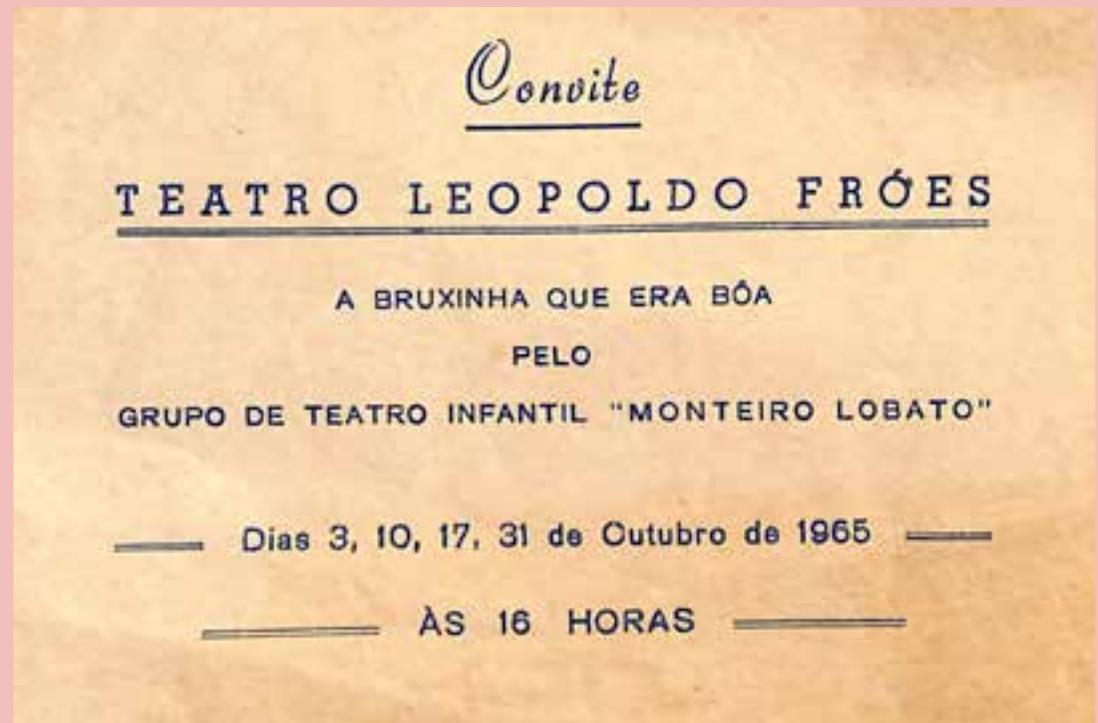
Neste momento eu deveria nomear todos os companheiros que levaram a ideia que aprenderam no TIMOL para dentro de suas vidas. A vontade de participar criativamente da vida, onde tudo é possível!

Com o Teatro aprendemos o lugar do outro, olhar e escutar o outro. Que teatro é uma arte que necessita de uma assembleia para se realizar. Que ao fazer parte de um elenco, você pertence a um coletivo, conjunto, grupo para defender ideias. E que através da comunicação e da expressão você difunde seus ideais, sua visão do mundo.

Obrigado a todos,

IACOV
HILLEL

A BRUXINHA QUE ERA BOA - 1965



P

articipei das primeiras montagens do TIMOL. Eu tinha 9/10 anos na época e comecei a frequentar os ensaios por causa de amigas da escola, Silvana Aggio e Marisa Solano, que já faziam parte do grupo. Assim, eu e minha irmã, Maria Eugenia Obniski, entramos no Teatro.

Comecei no “Museu de Emília”, substituindo a colega que fazia a Dona Benta e minha irmã entrou para fazer a Narizinho. Essa segunda montagem não chegou a ser apresentada ao público. Mas logo depois começamos a ensaiar “A Bruxinha Que Era Boa”, de Maria Clara Machado (eu era uma das bruxas más). Ainda posso ouvir nossas risadas ecoando no palco, principalmente a da Bruxa-Chefe, encarnada pela Marisa Solano.

Depois foi a vez de “Margarida do Castelo”, de Nilda Maria Quadros. Eu fazia a mãe da Margarida, Rosa,

FALA,
TIMOL!

que contracenava com o pai, Tonho, vivido pelo Iacov Hillel. Inesquecível a expressão de dor que ele me passava na cena, comentando sobre a filha que vivia enclausurada no seu “Castelo”. Na estreia, Dona Noemi, uma das diretoras da Biblioteca, ajudou a me pentear. Meu cabelo era comprido e teve que ser preso e ficar grisalho. Achei tão bonito o resultado, que fiquei triste em desmanchar. Emoção maior foi conhecer e conversar com a própria autora, que estava presente, na ocasião.

Fazer parte desse grupo foi muito importante na minha formação como pessoa, principalmente na fase que foi a entrada na adolescência, quando questionamos os valores de todos, pais e sociedade, forjando, assim, nosso próprio caráter. Nessa etapa é imprescindível conhecer e saber a verdade das coisas, ser instigado a distinguir o que está por trás das intenções e ler as entrelinhas.

Tudo isso exercitávamos lá, nos laboratórios, nas cenas, descobrindo e construindo as personagens. Foi tão marcante que naquela época eu havia escolhido ser atriz, profissão que não abracei por conta de outros caminhos que minha vida tomou: formei-me em Economia e fiz uma carreira bancária.

Mas o “bichinho do Teatro” tinha me mordido. Sempre atuei em grupos de representação de funcionários, defendendo seus interesses, assumindo

posições às vezes contrárias às da Administração. Mesmo aposentada, participo ainda ativamente de nossas Associações, com foco na saúde dos colegas, atualmente uma das profissões mais estressantes.

Escrevi um monólogo sobre o sonho de ser atriz e pude representar em meu local de trabalho, dirigida por uma aluna do Iacov, na EAD. Coincidências da vida? Mais tarde fui aluna da primeira turma do Curso Livre de Teatro do TUCA-SP, aperfeiçoando o que tinha começado na adolescência.

Atualmente faço a formação de Cantoterapia, em Florianópolis (SC). Sou regente de grupos de canto e dou aulas individuais. Criei e produzi roteiros para pequenas apresentações musicais nos vários locais em que trabalhei. Sempre apliquei em meus grupos, ao longo desse tempo, muitos dos exercícios e laboratórios que fazíamos, comandados pelo Iacov. Conheço os efeitos que fizeram em mim e sou agradecida por este aprendizado. Esta chama continua viva até hoje.

CICA
CENSONI

QUERO A LUA - 1966

TIMOL - TEATRO INFANTIL "MONTEIRO LOBATO"

APRESENTA

"QUERO A LUA"

de

TATIANA BELINK

Outubro - SÁBADOS ÀS 16,00 HORAS
DOMINGOS ÀS 10,30 HORAS

NA

BIBLIOTECA INFANTIL "MONTEIRO LOBATO"
RUA GENERAL JARDIM, 485



Outubro - Mês da Criança

TIMOL

TEATRO INFANTIL "MONTEIRO LOBATO"

APRESENTA

"QUERO A LUA"

DE

TATIANA BELINK

AOS SÁBADOS ÀS 16,00 HORAS

AOS DOMINGOS ÀS 10,30 HORAS

NO

Audtório da Biblioteca Infantil "MONTEIRO LOBATO"
Rua General Jardim, 485, ao lado do Teatro Leopoldo Froes

ENTRADA FRANCA





FALA,
TIMOL!

AMINHO SURREADO*

I- Sob o pano, desce o pano.

(...)

A Maria do Carmo apresentou-me uma menina da idade dela, Marisa Martinez, que fazia parte do elenco do Teatro Infantil da Biblioteca Monteiro Lobato, o TIMOL.

Antes de ir conhecer a biblioteca, que ficava em frente à Faculdade de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo, de onde saíram os nossos melhores sociólogos, fui ao Teatro Leopoldo Fróes, onde a Marisa atuava com o papel título nas “Reinações de Narizinho”. No final do espetáculo, dirigi-me aos bastidores e ela apresentou-me ao diretor da peça.

Qual não foi a minha surpresa quando conheci o Iacov! Naquela época o Iacov fazia-se chamar Jacó para facilitar o contato com as crianças. Era um mocinho de quinze anos e aquele não tinha sido seu primeiro trabalho, que aliás foi muito bem feito, com crianças dotadas para a cena. Muita gente que representou naquele espetáculo é bem conhecida hoje.

O Iacov disse-me para que eu aparecesse na Biblioteca Monteiro Lobato, que ficava ao lado do teatro, na segunda-feira, para fazer um teste. Eu fui e aceitaram-me no grupo!

A partir daquele dia, o curso Normal era a atividade da tarde e o teatrinho, a paixão do pôr-do-sol. Como minha mãe chegava em casa depois das oito da noite, eu ia para o teatrinho todos os dias na maciota. Meus dias estavam divididos entre a Caetano de Campos e o TIMOL.

(...)

“Arte” e “Escola” eram vinte e quatro horas

por dia, não importando a qualidade de uma ou de outra.

Depois de uma aula de genética, muito lógica, sobre os estudos de Mendel com assuntos relativamente áridos que anotávamos com rapidez e fúria de taquígrafas nas folhas soltas que iam para o fichário, nada melhor que uma distração no teatro; saindo da escola, ia em seguida ao TIMOL: pegava a Rua Marquês de Itu, recheada de boates e “dancings” que começavam a acender suas proibidas luzes avermelhadas, entrava na Rua General Jardim e na esquina da Cesário Mota já avistava o “meu” teatro.

O Iacov havia escolhido uma peça da Tatiana Belinky, “Quero a Lua”, e faltava um ator para o papel do bobo da corte; candidatei-me à vaga e começamos a preparar a peça, ensaiando no saguão da biblioteca até às oito, antes que as pessoas que cruzavam o caminho onde eu rodava a minha carroça a vissem transformada em abóbora.

O teatro da biblioteca funcionava no meio de tudo que era despejado no seu espaço.

Foi dona Noemi Do Val Penteado quem reformou o lugar, pedindo subsídios à Prefeitura, visto que não pudemos reaproveitar as poltronas do vizinho Leopoldo Fróes, parece que um figurão da política municipal havia prometido enviá-las de presente a uma figurona do teatro paulistano, que estava aumentando seu espaço cênico. Coisas do “vaudeville” brasileiro...

Havia muita diferença entre os ambientes da escola e o do teatro: na escola vigoravam a ordem e o progresso, sob a batuta da dona Guiomar e de uma nova orientadora, dona Cidinha; mesmo “adultas”, tínhamos regras estritas a obedecer e a rigidez dos horários a respeitar.

Ainda que quase ninguém tivesse namorado, e caso uma das alunas o tivesse, não seria permitido que o rapaz viesse esperá-la na porta da escola, quanto mais abraçá-la, pegar na sua mão e principalmente beijá-la,

mesmo que fosse no rosto.

No teatro, era diferente: todos se beijavam no rosto quando chegavam e quando se despediam, e a primeira vez que o Iacov me deu um beijinho na face, enrubesci. Era novidade beijarmo-nos como hoje em dia, para cumprimentar alguém.

Na escola não se falava “nome-feio”, exceto na “língua do P”, mas no teatro dizia-se “Merda” antes que qualquer espetáculo começasse; acho que aquela foi a primeira noção significativa/significado da minha vida!

Na sala de aula líamos sem expressão o “Auto da Vila de Vitória”; no teatro, trechos de dramaturgos modernos; no pátio da escola, jogávamos queimada; no teatro fazíamos expressão corporal; diante da professora apresentávamos os trabalhos decorados; no teatro improvisávamos; na escola ficávamos com os dedos doloridos de tanto escrever; no palco realizávamos exercícios guturais e “brincávamos” de dizer os trava-línguas com um lápis preso entre os dentes, atravessado nos lábios. O negócio era sério!

Proibida de ir aos bailinhos que as meninas da classe continuavam a frequentar, compensava-me durante as improvisações de teatro, que funcionavam catarticamente como nas sessões de psicodrama.

Um dia a dona Noemi chegou para assistir a nossa improvisação e encontrou toda a trupe aos prantos, sob as luzes feitas com holofotes de latas de leite Ninho.

Dona Noemi era a diretora da Biblioteca e forte incentivadora do grupo; ela deveria ter quase 70 anos e ficou eletrizada com o que viu, compreendendo que cada um de nós havia escolhido instintivamente o teatro pelo prazer que aquilo nos trazia e pelo sofrimento moral provocado por todos aqueles que nos assediavam.

O assédio nos lares acompanhava o que acontecia nos bastidores da vida nacional;

como a “nação” e a “família” gozavam das mesmas estruturas internas e defendiam valores semelhantes aos dos quartéis, sofríamos em casa, guardando as devidas proporções, inclusive com torturas físicas e morais, as mesmas sanções que os opositores do regime recebiam nos porões da ditadura; apenas não tínhamos consciência de nada, mas um forte instinto de sobrevivência vindo do fundo da alma.

Na classe das normalistas, todo o mundo esbanjava a “normalidade requerida”; no teatro era diferente: todos queriam sair da norma, da forma e da pasteurização esterilizante.

(...)

No TIMOL havia de tudo um pouco: o menino genial, que aos doze anos tinha ido ver o mais conceituado psicanalista de São Paulo da época, o doutor Paulo Gaudêncio, para iniciar uma terapia gratuita e longe dos pais, porque era homossexual e queria ser completamente assumido; também havia lá um “garoto” perdido no nome e no gênero que lhe foram atribuídos pelo pai, num momento de opção urgente que é a escrituração da certidão de nascimento. Também se via gente riquíssima, duas irmãs parentes de Aloísio e de Arthur de Azevedo, que, vivendo em São Paulo há pouco tempo, conviviam com filhos humildes dos zeladores dos prédios da redondeza, ou aqueles seis irmãos dentro de um apartamento quitinete em frente à biblioteca.

A mais rica experiência sociológica do TIMOL aconteceu quando chegou a Eliana, que era filha de uma funcionária pública estadual, cujo marido a deixara só, com sua menina negra, gordota e cega. Ela subiu ao palco mas não interpretou a Tia Anastácia, filha de escravos e empregada doméstica nas adaptações das histórias de Monteiro Lobato do repertório infantil, e sim uma personagem de mãe na peça “Margarida do Castelo” de Nilda Maria Quadros.

Inconscientemente saíamos dos

estereótipos humanos que a sociedade traçara e que a própria sala de aula do Instituto de Educação Caetano de Campos nos permitia.

A marcação que o Iacov fizera para ela no palco permitia-lhe que deambulasse em busca da luz que não via, mas que sentia de maneira tão natural no meio dos praticáveis que somente quando os holofotes se acendiam no final dos espetáculos é que o público compreendia o sentido do esforço da atriz.

Além da Eliana, várias outras crianças se encontravam na situação de “viuvez” de pai ou de mãe, embora transitassem com meninos absolutamente integrados em lares perfeitos, gente de todas as idades, dos 7 aos 17 anos, misturada e cheia de riqueza nos quesitos experiência de vida e sensibilidade.

O TIMOL era um caldo de cultura onde a verdadeira vida pulsava. Dele saíram artistas conhecidos e premiados como o próprio Iacov Hillel e Marcos Caruso, e por ele passaram verdadeiros artistas, professores e críticos.

Eugênio Kusnet, grande ator russo, especialista na aplicação do Método Stanislavski, mandou seus alunos de teatro da Fundação Armando Álvares Penteado irem conferir a qualidade do que era proposto, Sábato Magaldi reservou meia página da Folha Ilustrada para nós. Mesmo diretores e atores profissionais iam ver nossos trabalhos, porque éramos um “grupo sério”.

Dois anos depois, a APTC (Associação Paulista de Críticos Teatrais) patrocinou o Festival de Teatro Amador do Estado, tendo à mesa do júri, entre outros, Silney Siqueira, visitador frequente da nossa turma. Ele havia montado “Morte e Vida Severina” no TUCA (Teatro da PUC) e ganhado o primeiro prêmio das mãos de Jacques Lang, então produtor do Festival Internacional de Teatro Universitário na França, em Nancy.

Nosso grupo participou do Festival estadual de Teatro Amador, apesar dos problemas com a

idade dos atores, que ficaram sujeitos às pressões impostas pelo Juizado de Menores e competiram até com os terceiranistas da EAD, a Escola de Arte Dramática; o TIMOL levou o primeiro prêmio com “Quem Casa Quer Casa”, de Martins Penna, um exemplo de teatro brasileiro de costumes, novidade no século XIX. Naquele espetáculo o Antônio, um menino de 9 anos que era gago e entrou em cena levando umas “asas de anjo”, arrebatou os aplausos da plateia; ele não abria a boca, mas sua presença era a sua voz; ninguém na casa dele sabia daquilo, daquela força toda saindo de uma criança talvez esquecida.

Soube mais tarde que meu pai assistira incógnito ao espetáculo e naquela ocasião não teria aparecido para mim lá por causa de uma dançarina do teatro de revista, ou do corpo de bailados do Teatro Municipal.

Fomos muito aplaudidos e no final da apresentação, no momento de agradecer, o Antônio levou um prêmio especial.

Maranhão, compositor conhecido na época pelos festivais de música popular brasileira, ganhou um prêmio da APCT pela música que compôs especialmente para nós e eu fiquei em dobradinha, empatada ‘ex-aequo’ com a atriz Sônia Guedes, no prêmio de melhor coadjuvante; aliás, mesmo premiada como melhor atriz coadjuvante, nunca vi esse troféu, ou medalha ou diploma, porque a “Folcoche” não permitiu que eu participasse da cerimônia de entrega; a verdade é que os grandes vencedores foram o Iacov Hillel e o grupo, através da coesão que ele soube criar ali.

**WILMA
LEGRIS**

*Da obra: “Caetano de Campos: Memórias de uma Aluna Bem (e Mal) Comportada”, Luna Editorial Ltda, 2010, São Paulo; pgs 139 – 147.

PRÉSEPIO AO VIVO - 1966



QUEM CASA QUER CASA - 1967

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
 CERTIFICADO DE CENSURA

Nº de Registro: 1006/67-SP LIVRO 2 PÁGINA Nº 130

TÍTULO do PROGRAMA: * QUEM CASA, QUEM CASA *

AUTOR: MARTINS PEREIRA

RESPONSÁVEL: GRUPO EXPERIMENTAL DO TIMOL

Aprobado pelo S. C. D. P. = 2 1 7 8 8 =
 Validade até 4 de agosto de 1967

Brasília, 4 de agosto de 1967

LIVRE
 Certificação de Censura
 GUYER DO S. C. D. P.



DIA 25 DE SETEMBRO DE 1967 — AS 20,30 HORAS
GRUPO EXPERIMENTAL DO TIMOL (CAPITAL)

TEATRO INFANTIL "MONTEIRO LOBATO"

«QUEM CASA QUER CASA»

I ato de MARTINS PENA

direção de: JACOB HILLEL

Ação — Rio de Janeiro em 1845

Personagens:

Fabiana	Fernanda Azevedo
Paulina	Wilma Schiezari
Oiala	Rosamaria Maciel
Eduardo	Rodolfo Cavalcanti
João	Eduardo Camargo
Nicolsu	Rodion Grácel
Sr. Bernardo	Luiz Carlos da Costa
Sabino	Arnaldo Gaspar
Anjos	Laurem Paiva
	Idelfonso Barroso
Anseimo	Luis Estevão Vieira

Música de: MARANHÃO

Iluminador: ANTONIO BARRETO e JOSÉ LUIZ ARAUJO — Figurinos: RODION GRÁCEL — violão: TUCA.



O MUSEU DA EMÍLIA - 1968



RAÇAS

Lembro-me de um conto, de autor desconhecido, que fala sobre graça e desgraça, ambas se alternando, como se girássemos uma moeda e suas faces opostas se mostrassem quase que simultaneamente, quando talvez o que valesse a pena estivesse no desconsiderado ínterim entre elas. É a estória de um menino que encontra um potro selvagem nas montanhas. O animal o acompanha até sua casa. Os dois tornam-se amigos. Que graça! – diz a família. – Que graça ímpar vinda dos céus! Passam-se alguns anos. Certo dia, durante uma cavalgada, o menino – agora um rapaz – cai e quebra a perna. Que desgraça! – diz a família. Pouco tempo depois, os jovens do vilarejo são recrutados para a guerra. O rapaz, convalescente, é dispensado. Que graça! – diz a família. Naqueles dias, o cavalo desaparece. Que desgraça! E retorna algum tempo depois, acompanhado de uma égua prenhe. Que graça! E por aí segue a estória, alternando graça e

FALA,
TIMOL!



desgraça, cara e coroa, frente e verso.

Conheci minha primeira desgraça aos seis anos, quando perdi minha avó e, com ela, o espaço e o afeto que me acolhiam às tardes, depois da escola, enquanto minha mãe trabalhava. Passei então a ficar com meus tios.

O tio e a tia, João e Maria, tinham seis filhos; quatro deles, bem pequenos. Comigo, o contingente dos pequenos chegava a cinco. Somando-se mais um primo, filho de outra tia, seis. Resultado: seis crianças no exíguo espaço de um pequeno apartamento. Resultado do resultado: tia Maria enlouquecendo com aquele bando que ela filosoficamente chamava de “uma plantação de

capetas”. A tia acabou descobrindo o que ela chamou de “pracinha”: um quarteirão inteiro, com muito verde, que podíamos avistar da sacada do edifício. E foi conhecer o lugar, para ver se poderia soltar os capetas por lá.

Por certo a tia não imaginava que seu justo anseio por um pouco de paz resultaria num infinito bem, que nos acompanharia por toda vida. Foi o início de um longo trecho. Na praça, além dos jardins e das árvores muito antigas, havia o Teatro Leopoldo Fróes e a Biblioteca Monteiro Lobato, que oferecia atividades dirigidas ao público de seis a dezesseis anos: Leitura, Pintura, Música, Teatro: meu primeiro amor na Arte, a primeira

forma de expressão que descobri, quase junto com a Literatura.

A desgraça, traduzida na morte da avó, dobrava a esquina. Agora era a vez da graça. A rotina dos capetas mudava consideravelmente: saíamos da escola, almoçávamos e íamos à biblioteca, onde passávamos a tarde, as tardes de todos aqueles anos.

Muita água correu por baixo da ponte que liga aquela tarde de 1967 às melhores lembranças de nossa vida, quando Iacov Hillel reuniu alguns frequentadores da Biblioteca na sala do Jornal “A Voz da Infância”, para a montagem de “Sinos de Natal”, de Lúcia Benedetti, a primeira peça da qual participei, com minha prima Tuca, a Maria Angelica Garcia. Nossos personagens eram dois anjos que desafinavam e por isso tinham sido expulsos do coro celestial... Uma simbologia para a estranheza que sentíamos quando tentávamos nos enquadrar, ao menos um pouco, na aparente normalidade das coisas? Dois outros primos também participaram da montagem: Clayton Miguel – um pastor magrelinho, inquieto e sardento no presépio vivo que fechava o espetáculo – e Cleto João (Tinho): o Rei Mago Baltazar, que vinha de terras distantes, montando um cavalo árabe, para louvar o Deus feito Menino. Tinho foi ainda diretor do Jornal “A Voz da Infância”. Mais tarde, o caçula dos primos, Claudio Garcia (Cacau), faria

também parte do TIMOL, já sob a direção de Marcos Caruso.

Girou o Tempo, giraram as faces da moeda; conheci minha segunda desgraça quando Tinho nos deixou, ainda menino, naqueles anos.

Lembro-me agora de outro conto, também de autor desconhecido, “O Macaquinho e a Desgraça”: uma mulher caminha pela trilha de um bosque, levando um pote de mel na cabeça, tropeça e cai. O mel se espalha pelo chão e ela se lamenta: “Meu Deus, que desgraça!” Um macaquinho assiste à cena e, quando a mulher se afasta, resolve bulir no mel, que ele até



então desconhecia. Experimenta e se deslumbra: “Ah, que delícia! Como é saborosa a desgraça!” E nos dias que se seguem, não tem outro desejo, senão este: “Deus, quero mais desgraça! Não posso viver sem ela!”

O Teatro, cujas reservas de desconhecido mel espalham-se entre graças e desgraças, trafega por esse aparente paradoxo. Ali, na mágica geografia de seu território, pode-se trafegar entre tragédias e comédias, passear pelas esquinas que se dobram a cada limiar, prometendo outros que vão além, sempre além. Assim encontram-se os lados da moeda, um extremo deságua em outro, o que parece morte pode virar vida, o que parece miséria promete riquezas. E a plateia – essa entidade que se forma e se recria diante de todos os palcos do mundo – complementa a magia.

Não imagino minha vida – nem a de meus primos – sem essa magia, sem a Biblioteca e suas salas de livros e cores e jogos e música; sem o TIMOL e seus territórios, onde os capetas podiam virar anjos e reis e pastores e tudo o mais, entre tantas sintonias possíveis e impossíveis, principalmente as impossíveis, que eram as nossas preferidas.

**VARA
CAMILLO**



A

os 16 anos de idade me mudei para a Vila Buarque e lembro-me da primeira vez que entrei na Biblioteca Monteiro Lobato. Foi num dia de semana, depois do almoço, para retirar um livro de história na sessão circulante. Já na porta principal, afixado no vidro, um cartaz dizia: “O TIMOL precisa de meninos para o elenco da sua próxima peça”. Abri a porta do auditório e o ensaio de “O Fantasma Camarada” parou. O

FALA,
TIMOL!

diretor, Iacov Hillel, perguntou: “O que você quer?”. E ouço até hoje o som das minhas quatro palavras: “Eu quero ser ator”. Naquele momento, deixaria o livro de história para mais tarde, para outra história começar: a do ator, diretor, autor, cenógrafo, figurinista, iluminador, sonoplasta e produtor. Se hoje exerço todas essas funções profissionais devo aos anos que passei na melhor escola que poderia ter tido: o Teatro Infantil Monteiro Lobato.

Foi no palco de caixotes de madeira, sob refletores feitos de lata de leite em pó, que nasceu o ator. Foi na mesa do próprio Monteiro Lobato, sentado na sua cadeira, no saguão da biblioteca, que

escrevi a minha primeira peça. Foi na sala de artes da biblioteca que desenhei meu primeiro cenário. Foi na discoteca que selecionei todas as trilhas sonoras das minhas peças. Foi na sala de costura que havia no segundo andar que idealizei todos os figurinos que criei. Foi depois da saída do grande Iacov Hillel que assumi a direção desse importante grupo de teatro paulistano. Um teatro feito por crianças e para crianças, que recebia críticas de Tatiana Belinky no jornal Folha de São Paulo e de Clóvis Garcia no Estadão. Um teatro amador que recebeu apoio oficial do Secretário Municipal de Cultura, Sábato Magaldi, para sua reforma e modernização. Um teatro respeitado, que sempre foi divulgado nos roteiros de jornais e programas de televisão pela qualidade de suas montagens, de segunda a domingo com ingressos gratuitos. Um teatro que formou inúmeros profissionais que hoje trabalham nas diversas áreas da Arte.

Hoje, com 63 anos de idade e 42 anos de profissão, tenho a segurança de dizer que, se tivesse que escolher um caminho para recomeçar, escolheria voltar para o TIMOL.

MARCOS
CARUSO



UM FANTASMA CAMARADA 1968



VINOL
ARGUMENTO

Um fantasma camarada
de Helen Louise Keller

PERSONAGENS

JOSÉ.....	MARCO
ROBERTO.....	MARCO
BASTIAN.....	PIROCA
LEONARDO.....	LARI
D. JACQUES.....	GRUPO
MARCO.....	TASA e APALICA
LEONARDO.....	GRUPO



Figurinos desta página: José de Anchieta

A DÁDIVA - 1969



Yacov Hillel, "A dádiva"

III Encontro de Teatro: a década de 60

O teatro infantil e juvenil na década de 60 teve uma grande importância para a formação do teatro em Timor. Foi nesse período que se iniciaram as atividades da biblioteca Monteiro Lobato, com o objetivo de promover o acesso à cultura e ao conhecimento para as crianças e jovens da comunidade. O teatro tornou-se uma ferramenta importante para a educação e a conscientização social, refletindo as preocupações da época e contribuindo para a formação de uma consciência crítica e participativa na população.



Bem a mesma preocupação de público, o Teatro Infantil Monteiro Lobato — Timor — surgiu em 60, como parte das atividades da biblioteca Monteiro Lobato. Desde o início, com Yacov Hillel, o Timor ainda hoje conserva a mesma proposta de desenvolver em crianças e adolescentes, de 5 a 18 anos, sua formação artística. "Todo é feito pelas crianças, diz Hillel, desde os cenários até a publicidade. Limitada às visitações da biblioteca". Como não há ingressos, há sempre público, mas às vezes surgem problemas. Como em 63, quando as crianças fizeram uma criação coletiva — "Quando eu era menor tirava água do poço. Agora que sou grande perdi o balde", que foi cerceada pela diretoria da Monteiro Lobato.

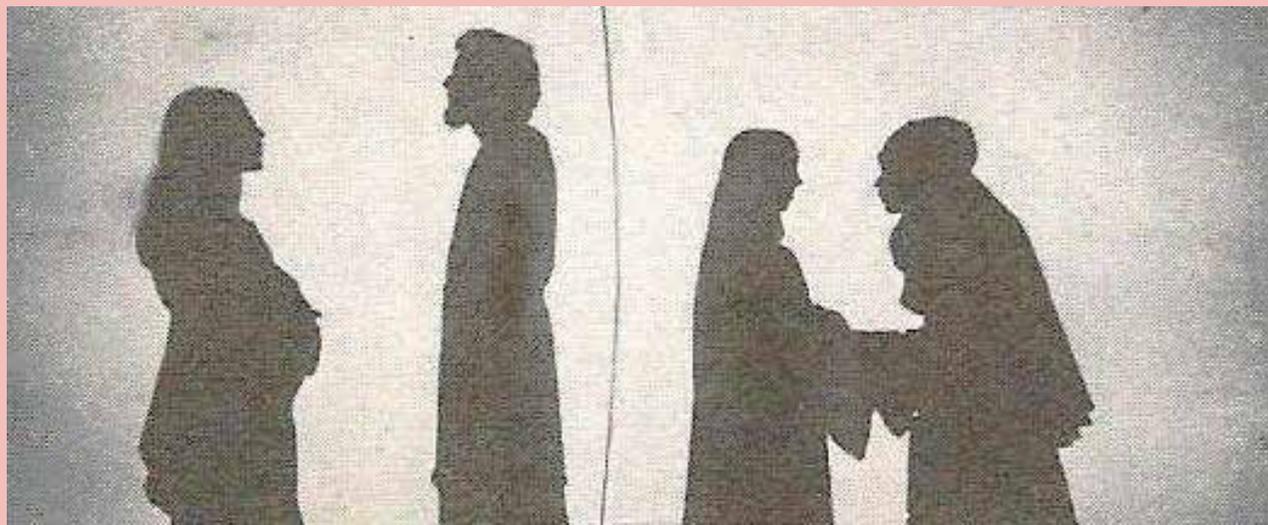
**QUANDO EU ERA
MENOR TIRAVA
ÁGUA DO POÇO,
AGORA QUE
CRESCI PERDI O
BALDE - 1969**

Este espetáculo não teve permissão para ser apresentado na Biblioteca. Mais tarde, foram feitas algumas leituras no Teatro de Arena. Esse trabalho permanece vivo na memória de todos os que participaram. Nas palavras de Iacov Hillel: "Um texto e um procedimento muito modernos para a época... Uma pesquisa sobre depoimentos e escritos da meninada. TIMOL com toda honra."

PLUFT, O FANTASMINHA - 1970



ALTO DE NATAL SEGUNDO SÃO LUCAS - 1970





FALA,
TIMOL!

heguei à BIJ Monteiro Lobato em 1968, aos 18 anos. Fui trabalhar com Dona Marina, na Circulante, que me dizia sempre: “Faça-se indispensável”. Dona Ophelia França, diretora das BIJs, me pediu para cuidar do TIBBIM, que estava abandonado e do TIMOL. Conheci Iacov ainda adolescente e ela me me pediu para supervisionar o TIMOL, pois não era saudável um jovem trabalhar com um grupo de crianças... (coisas da época.)

Lá fui eu para a área de teatro, o que me tornou melhor, apaixonada pela leitura e pelo teatro, além de culturalmente mais completa

Na primeira fase do TIMOL, me marcaram “O Auto de Natal” (imagem que eu tocava e cantava: “Quem é o infante que no regaço da mãe tranquilo dormita...”) e “A Gata Borralheira...” quando eu tocava violão e cantava, junto com Caio na bateria!

Em relação ao Caio, acho que vale a pena destacar, estava sendo indiciado como subversivo pelo Regime Militar. Era lindo, tocava e cantava muito bem, meigo e... me apaixonei por ele e ficamos noivos.

Na segunda fase do TIMOL (Iacov vivia se desentendendo com Dona

✱
O Teatro Infantil Monteiro Lobato (TIMOL) apresentando nos fins de semana, às 16 horas, no Leopoldo Froes “A Verdadeira História da Gata Borralheira, como Aconteceu no Brasil por Volta de 1930”, de Maria Clara Machado. Os atores são adolescentes de 11 a 16 anos que frequentam a biblioteca ao lado do teatro: rua Gal. Jardim, 485.

Ophelia), lá fui eu, pasmem! Dirigir o TIMOL. A única montagem de que tenho lembrança foi “Pluft, o fantasminha”, de Maria Clara Machado. Vejam a fantástica Roseli Silva na foto que enviei e a Yarinha Camillo, interpretando Pluft.

Recordações enormes me fazem feliz e ao mesmo tempo triste: Arthur Leopoldo (já falecido) e Antonio Hélcio Spessoto que aparecem em várias das fotos.

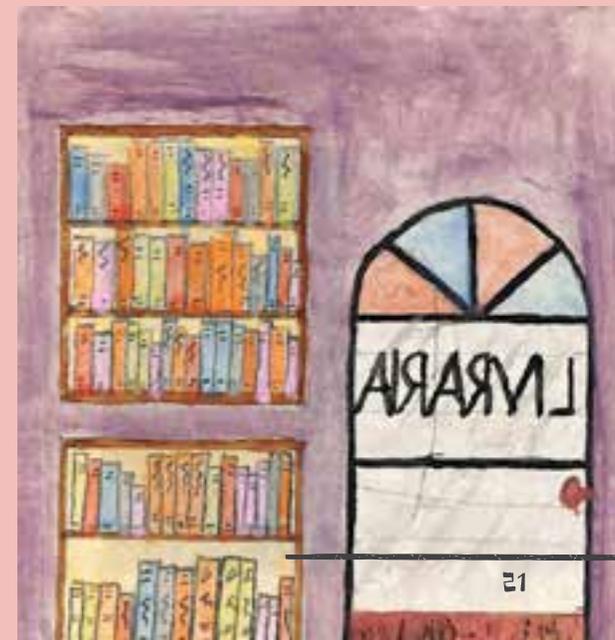
Yara Camillo, Maria Angélica, Tia Magdalena da AJL, Claudia Costin, Analaura, Paulo Bonfim, Alda, que cuidava da “Voz da Infância”, Marcos Caruso, persistente, abnegado, bem humorado e exigente desde menino, a quem acompanhei a vida toda e considero um irmão, e Iacov, sempre arrojado e pioneiro.

Obrigada a todos, pois cresci leitora, sensível e por que não dizer apaixonada por tudo que fiz, a ponto de voltar como Diretora da Monteiro Lobato 20 anos depois.

Já dizia a poetisa Suzanna de Campos:

*“Tudo o que sou, tudo o que tenho,
Tudo o que a minha existência ainda
prevê,
Entre as aspirações com que me iludo,
Tudo depende agora de você”s.
(o “S” é por minha conta!!!)*

CHRISTINA
TAVARES



A VERDADEIRA HISTÓRIA DA GATA
BORRALHEIRA COMO ACONTECEU
NO BRASIL POR VOLTA DE 1930
1971



FALA,
TIMOL!

Uma experiência marcante, importante e inesquecível em minha adolescência, foi participar do grupo de teatro TIMOL. As descobertas que fiz através da prática teatral, nessa fase de minha vida, foram determinantes para o meu desenvolvimento como pessoa e a minha desenvoltura como artista.

Apesar do curto espaço de tempo em que frequentei a biblioteca, levando sempre comigo minha pequena irmã de cinco anos, pude participar também da AJL e das salas de leitura, pintura e música. Mas fazer teatro foi sem dúvida uma verdadeira revolução em meu interior. Fizemos teatro com muita seriedade e dedicação, apesar da pouca idade. Considero um privilégio ter conhecido e convivido com todos os membros do grupo sob a direção de grandes artistas como Iacov Hillel e Marcos Caruso, que alcançaram o devido reconhecimento e admiração no meio artístico da dramaturgia.

Fazer teatro com eles era prazeroso como uma brincadeira, mas tinha o esforço e a seriedade de gente grande, de profissionais. Nunca poderia ser mais claro para mim o significado da palavra: amador. O artista verdadeiro é

o que ama fazer o que faz, de tal forma que o faz com todo o profissionalismo. Acho que me confundi um pouco. Quero dizer que amava participar do grupo e de todo o processo: ler e decorar o texto, fazer os exercícios de dicção, repetindo as frases “trava- línguas”, com um lápis atravessado na boca, os exercícios de relaxamento etc. Lembro-me dos ensaios, de experimentar os figurinos, de toda a preparação, que começava em casa: os rolinhos no cabelo com laquê, que eu fazia com a ajuda de minha mãe, a maquiagem, a ansiedade e a concentração nos bastidores antes da estréia, a alegria de estar no palco e fazer o público rir, a realização de construir em grupo um projeto e concretizar um

sonho juntos. A experiência maravilhosa do teatro ficou na minha memória, nos gestos, na interpretação, na expressão dos sentimentos, na profundidade, na seriedade, na dedicação, na satisfação e, sobretudo, na necessidade de nos expressarmos através da arte. O TIMOL foi uma grande oportunidade de “despertamento” e descoberta! Um tempo de alegria, satisfação e realização. Um tempo que deixou saudade. Obrigada TIMOL, por ter sido motivo de tanta felicidade!

ANALaura DE
SOUZA PINTO





FALA,
TIMOL!

M

inha participação no TIMOL foi indireta, mas inesquecível.

Naquela época, aos 14 anos de idade, frequentava a biblioteca regularmente. Fui membro da AJL – Academia Juvenil de Letras –, desenhei algumas capas e escrevi pequenos textos para o Jornal “A Voz da Infância”. Porém, desde então já sabia que o meu lugar no teatro não era o palco ou sua produção, mas a plateia!

Todos os integrantes do TIMOL eram meus amigos. Meus melhores amigos daquele tempo distante. Foi lá que encontrei adolescentes que transitavam

no mesmo âmbito de interesse; que conversavam fluentemente sobre literatura, teatro, música, pintura etc., e que também dividiam as grandes dúvidas dessa difícil idade de descobertas e hesitações.

Assistia às montagens das peças – os ensaios, os exercícios, a confecção de cenários, enfim a construção do espetáculo –, para mim uma novidade espetacular, cheia de magia e encanto. Além disso, encontrava sempre os jovens atores nas salas de leitura, pintura, jogos. Principalmente aos sábados, quando tudo podia terminar com um hambúrguer no “Jotas”, lanchonete que ficava ao lado e que fazia também um insuperável sorvete chamado “Colegial”. Não eram também incomuns os encontros na casa da Analaura, que já brilhava ao piano

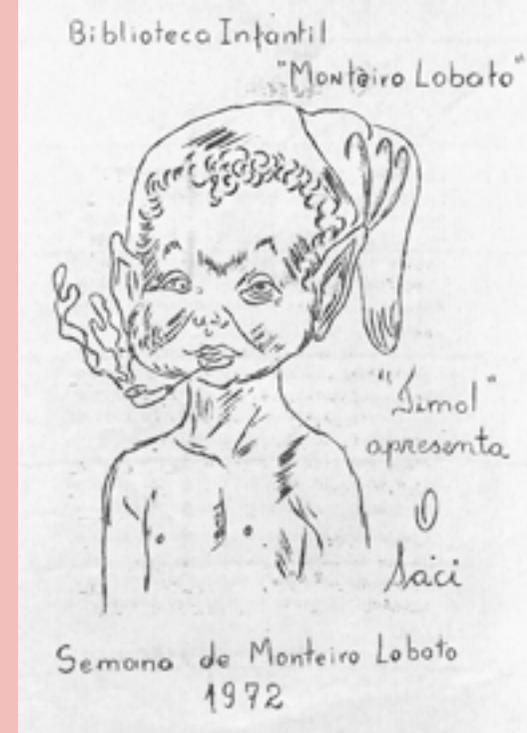
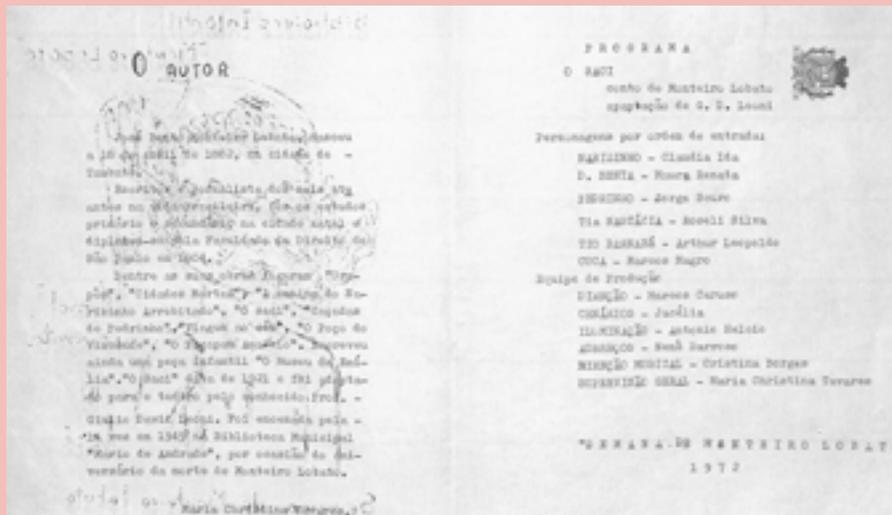
tocando a “Sonata ao Luar”, seguida de sua irmã, Maria Edite, ainda muito pequena, tocando...o bife!

Algumas cenas de palco ficaram para sempre na memória. E também as representações magníficas de jovens muito talentosos, como Roseli Silva, Analaura de Souza Pinto, Arthur Leopoldo e Silva, Laércio Aranha, Alípio Donizeti da Silva, Daniela Bousso, Claudia Costin, o brilhante diretor Iacov Hillel, as músicas do Caio, Sérgio, as bibliotecárias e outros, muitos outros.

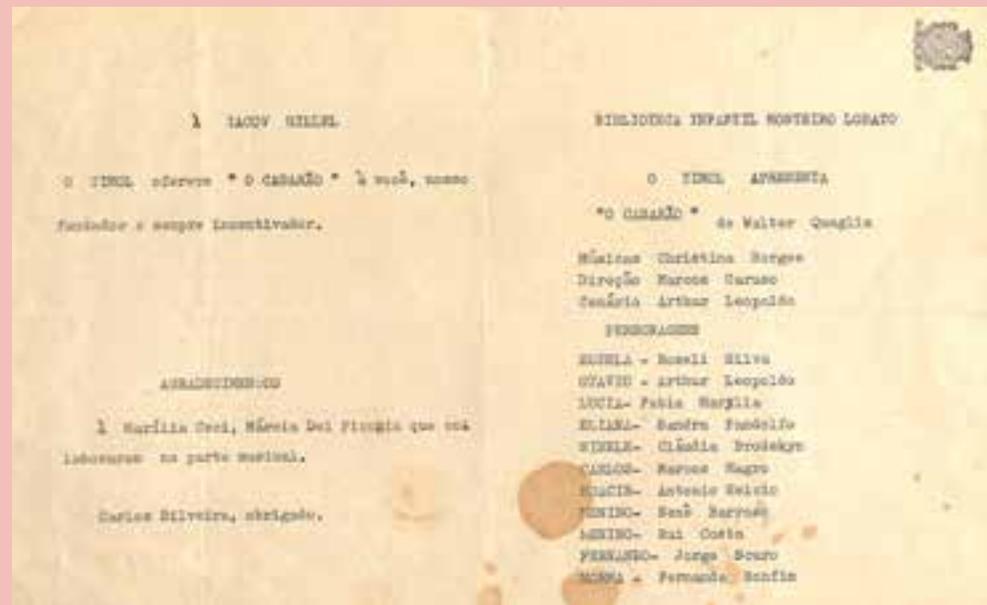
Logo depois, tudo mudou. Fui trabalhar em um escritório no centro, como contínuo e aprendiz. Comecei então a frequentar a Biblioteca Central. Depois veio o período de faculdade e a bifurcação de caminhos... Nunca mais voltei à querida Biblioteca. Mas guardo dela, e do convívio com aquelas pessoas, lembranças muito felizes da juventude. Um dia desses surpreendi-me sussurrando uma antiga canção que falava em procurar um tal de “pedicuro americano...” Foi então que, de repente, lembrei-me com prazer que a música fazia parte de uma montagem, se não me engano de uma versão de “A Gata Borralheira”, do TIMOL.

NELSON
SCRENCI

O SACI - 1972



O CASARÃO 1972

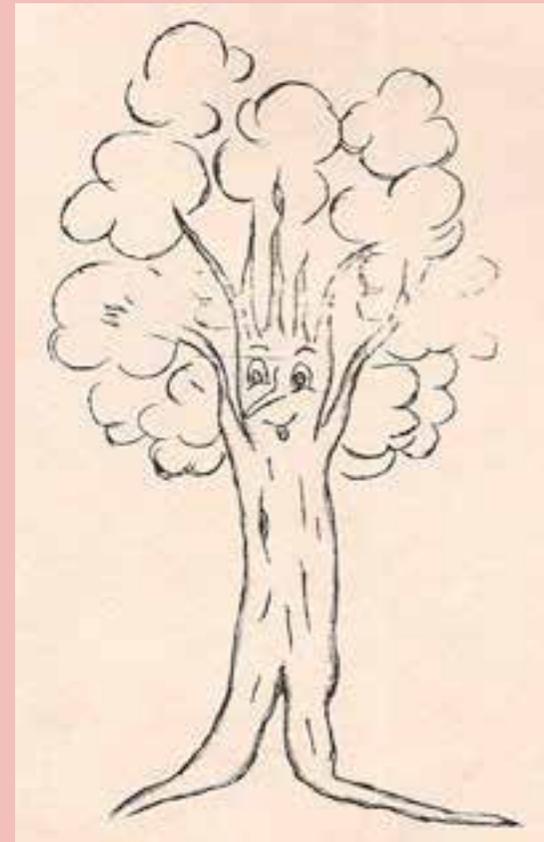


A ONÇA E O BODE - 1972





A ÁRVORE QUE ANDAVA - 1972



UMA NOITE ENCANTADA - 1975





FALA,
TIMOL!

Teatro... Todo mundo deveria fazer teatro...

Entrei no TIMOL ainda criança e fui até a adolescência, e hoje vejo o quanto o TIMOL fez parte de minha formação, como pessoa, como profissional, apresentando valores como espírito de grupo, de responsabilidade, desenvoltura, flexibilidade...

Era bom demais. Atuávamos, mas tivemos também que dançar, cantar, arrumar cenários; tínhamos noção de luz, de trilhas sonoras e sonoplastia, um universo sem limites. Abriu um campo



tão grande de possibilidades que chego à conclusão de que, sem dúvida, pude ser uma pessoa melhor.

Trazendo essa experiência para minha vida pessoal, vejo que quando observo as relações humanas, as angústias e alegrias, minhas e de outros, atravesso os furacões e flerto com os sonhos; percebo nitidamente o quanto ter feito teatro ainda está presente em minha vida. Aliás, um PRESENTE em minha vida.

Por isso sempre vem à minha mente esta frase: Teatro... todo mundo deveria fazer teatro. Pelo menos em alguma fase de sua vida. Beijo.

DÉBORA
LAGANO



INOPSE DE UMA GRATIDÃO PRIMEIRO ATO

Um jovem adolescente entra para o TIMOL e recebe a “Dádiva” de perpetuar para sua vida as delícias de uma “Noite Encantada”, sem, naquele momento, ter a consciência da dimensão que aquele ato representaria para sua formação humanística.

SEGUNDO ATO

O jovem adolescente, agora adulto, participa de memoráveis reuniões na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, onde reencontra antigos companheiros, faz novas amizades e, olhando fotos e relembrando fatos, colabora na produção deste documento comemorativo dos 50 anos do TIMOL.

Nos bastidores a certeza de que vale a pena sonhar e realizar.

Parabéns ao TIMOL pelos 50 anos de existência, aplausos e agradecimentos àqueles que me permitiram participar e reconstruir um pedaço desta história, com a certeza de que muitos espetáculos de sucesso ainda estão por vir.

FRANCISCO
COLOMBO

UMA NOITE ENCANTADA - 1975



E

FALA,
TIMOL!

Eu sou Luciene Paiva, mais conhecida por Tutu. Frequentei a Biblioteca desde pequena, e a minha história com o TIMOL surgiu (no primeiro momento) como espectadora, na platéia, viajando por histórias, vivenciando a magia e o encantamento que uma peça de teatro proporciona. Foi nesse primeiro contato com o TIMOL que me tornei fã!

Lembro-me de ficar em grandes filas, na maior ansiedade para assistir às novas peças que o TIMOL iria apresentar. Assisti a muitas! Num desses momentos, minha irmã mais velha (Lauren Paiva) fez o papel de anjinho na peça “Quem casa quer casa”, dirigida por Iacov Hillel. Naquela altura, eu e tantas outras crianças contávamos as horas para assistir aos espetáculos do TIMOL. E dava aquele friozinho na barriga... Esperar na fila e imaginar o que estava por vir, ou seja, a fantasia já começava ali fora.

Encantei-me por esse mundo, mas só tomei coragem um pouco mais tarde, para entrar para o grupo e começar a atuar. Que sonho! Minha primeira apresentação foi em “Vida de palhaço”,

depois fiz “Uma noite encantada” (junto com minha irmã caçula, Laucia Paiva); “Santa Santinha”. Todas de autoria e dirigidas por Marcos Caruso. E por último “De Berço a Bengala”, criação coletiva do grupo, também dirigida por Caruso. E aqui encerrei a minha curta carreira de atriz, mas trago comigo lembranças e uma experiência única, que poucos adolescentes têm oportunidade de vivenciar.

Quando subimos ao palco, as improvisações, os exercícios, os ensaios para as apresentações, os laços que criamos são inesquecíveis. O TIMOL é aquela lembrança que não some da memória. Essa experiência me trouxe segurança para falar, para me expressar (só por isso já teria valido a pena). Mas também deixou muitas, muitas saudades. Então, voltei para assistir a algumas apresentações do TIMOL e para rever e matar as saudades dos meus queridos colegas. A essa altura, alguns já atuavam profissionalmente. Foi aí que me tornei novamente fã do TIMOL.

Passei um longo período sem voltar, até que resolvi trazer meus filhos para conhecer aquele mundo de magia, do

qual falei tantas vezes. Qual minha surpresa nesse retorno? Encontrei a querida Valéria Lauand, dessa vez dirigindo o grupo e fazendo um trabalho maravilhoso com os jovens (de agora). Tive o prazer de assistir a esse grupo, com a apresentação de: “Evaporou-se”. E vou continuar a prestigiá-lo, sempre que puder.

O que me trouxe muita alegria, nessas visitas ao TIMOL, foi que minha filha Olivia Fidalgo subiu ao palco, convidada pela Valéria Lauand, para participar de duas improvisações. E ver minha filha ali em cima (naquele palco onde estive há mais de 30 anos) também foi um momento inesquecível!

Só tenho a agradecer a todos os que tomaram a frente desse grupo, desenvolvendo esse trabalho maravilhoso! E com certeza tenho muito de que lembrar. Meu desejo? É poder encontrar muitas pessoas, nesse encontro marcado para a comemoração dos 50 anos do TIMOL. Pessoas que marcaram minha vida, pela amizade, pela solidariedade, de quem tenho muitas saudades!

TUTU
LIMA



FALA,
TIMOL!

A gente lembra da infância pelas coisas boas, pelos sons, cores e cheiros.

Quem é que não pensa na casa da vovó e logo lembra do cheirinho bom da comida, do bolo...

Quem é que não pensa em brincar na praça e logo lembra do cheirinho de terra.

Quem é que não pensa no TIMOL e logo lembra do cheirinho do teatro, das cadeiras de madeira, do estalar do palco.

Pois é, assim foram minha infância e adolescência, repletas de sons e cheiros para serem lembrados.

VERA
BUCHAIN



PRÉSEPIO DE RUA - 1975



S

FALA,
TIMOL!

empre gostei de teatro e TV.

Quando soube do grupo de teatro infantil Monteiro Lobato - TIMOL- fiquei encantada! Era perto de casa (em frente), era tudo o que eu precisava para fazer parte. Comecei aos 12 anos, sob a direção de Marcos Caruso, que me incentivou e ajudou muito no meu desenvolvimento teatral e pessoal. Fiz várias peças, mas a Branca de Neve, de "Uma Noite Encantada", de Marcos Caruso, foi o máximo.

Contracenar com vários grupos, por alguns anos, foi a melhor coisa que já me aconteceu. Hoje, posso dizer que foi a melhor época da minha vida e o quanto me ajudou pessoalmente e profissionalmente: deixei de ser tímida. Esse grupo é especial, muitos talentos revelados e a revelar. Hoje digo que deveria ter seguido a carreira artística, que tanto adoro, despertada pelo TIMOL.

TELMA
LELIS GARCIA

PERFEITÁPOLIS, A CIDADE DA ALEGRIA - 1976



F

FALA, TIMOL!

requentei a biblioteca até os 17 anos. Li mil livros, fui da Academia, entrei no teatro... Ainda adoro ir, mas não tinha muito talento. Percebi quando o Caruso me elogiou, depois de um dia em que achei que tinha feito tudo igualzinho, rsrs. Aí entrei na faculdade e a vida tomou outro rumo. Mantenho uma amiga querida, as boas lembranças e a alegria de ver o Caruso me reconhecer mil anos depois...

E no início da vida de médica-assistente, ao receber um plantão, ouvi de um paciente... “Oi, Katia”. Pensei logo... “Sem ‘doutora’ antes do ‘Katia’? Como assim?”

E era o Paulo, que tinha 14 anos quando me conheceu. E tinha mesmo continuado a atuar, era amigo da Letícia Sabatella e do Ângelo Antonio – o que causou um rebuliço no hospital quando os dois foram visitá-lo... Ele me contou que quase todos tinham continuado a ligação com o teatro e que o Caruso já era famoso... Acho que isso eu já sabia.

E ele tinha virado paciente da UTI. Porque tinha AIDS no tempo em que



ter AIDS era devastador. E tinha um namorado sadio, de cabelos cacheados, que o amava muito. Que fazia de tudo para deixá-lo feliz... O que era bem difícil, porque ele tinha muita dor e raiva. Raiva de uma doença que estava matando uma pessoa tão jovem e cheia de sonhos e planos. E matou.

KATIA OLIVEIRA

V

iva!

Minha passagem pelo TIMOL não foi muito longa... Participei da peça “Perfeitópolis”, representando Dona Malagueta, nos idos dos anos 70!

Em comemoração aos 50 anos deixo aqui registradas minha alegria e saudade. Aprendizado valioso se fez, pois trabalhar em equipe acabou criando laços de irmandade com alguns dos participantes, e para sempre!

Gratidão à vida por ter me direcionado até lá... Àquele espaço mágico, alegre, que deixou marcas em meu coração, que vão além do espaço, do tempo.

Beijo enorme, abraço apertado em todos os TIMOENSES.

BETE MONTEIRO



DE BERÇO A BENGALA - 1977

PROTAGONISTAS:	ACTORES:
ROBERTA	ÉBORA
ANABELA	INDILENE
CARLES	MILO
EUOLÉSTICA	ROSANA
IRINE	ENYIA
MARCIA	VALÉRIA
INDILHO	ALBERTO
APRESENTANDO:	
LUCIA	ARIANA
EUCLARA	LENTA
ROSTRA	CRISTINA
VEROCA	JULIO

.....
 DIREÇÃO.....MARCOS CARMO
 DIVULGAÇÃO.....MILO CESAR
 TEXTO.....T.L.M.O.L.
 INDICAÇÃO.....MARCOS CARMO
 COLABORAÇÕES.....TONINHO & SÍLVEIRA

OQUE A PEÇA TEM E NOS DIZEM:

..LEVAMOS CINCO MESES TRABALHANDO, DISCUTINDO, MONTANDO E REAJUSTANDO ESTA PEÇA, PARA PROPORCIONAR AOS JOVENS, CRIANÇAS E ADULTOS, UMA DIVER SÃO SARDIA.
 ..E SABER POR QUEM, PORQUE NOS TAMBÉM SOMOS JOVENS COMO TODOS QUE ESTÃO POR AÍ, BUSCANDO, RESPONDENDO, E ALGUNS ATÉ TRABALHANDO.
 ..A BOGA PEÇA DIZ AO PÚBLICO QUE A VIDA É UMA COINCIDÊNCIA, E QUE O NOSSO MEDO É MUITO PEQUENO EM TODOS OS ASPECTOS, E TIRAMOS DA BOGA VI DAs, EXPERIÊNCIAS QUE HOJE PODEM ESTAR ACERTANDO A QUALQUER HORA, E A QUALQUER MOMENTO POR AÍ.
 ..QUEM SABE SE ESTA VIDA NÃO É A SUA, DE SEU PAI OU SUA MÃE OU ATÉ MESMO NO NOSSA!!!

T.L.M.O.L.

"SOMOS UMAS CRIANÇAS QUE NASCERAM JUNTAS, VIVEMOS E CRESCEMOS JUNTAS, MAS TAMBÉM UMA EXPERIÊNCIA QUE SACRIFICOU SUA VIDA PARA NOS MANTER UNIDOS; ENTEO O BERÇO ATÉ A BENGALA"



**FALA,
TIMOL!**

Os 16 anos tinha muita vontade de fazer teatro e não sabia por onde começar. Minha mãe me levou a conhecer um jornalista que tinha uma coluna sobre teatro no jornal do bairro onde eu morava, Vila Mazzei, na Zona Norte. O nome dele era Pascoal XIII.

O Pascoal XIII me falou que tinha um amigo, Marcos Caruso, que dirigia um grupo teatral amador na biblioteca Monteiro Lobato. Esse grupo era o TIMOL. Assim comecei a minha carreira artística com o nome de Cristina Mazzei.

Em 1977 a minha primeira experiência junto ao teatro amador foi na peça 'De Berço a Bengala', criação coletiva do TIMOL onde interpretei Rosita. Foi fascinante ter como diretor o Marcos Caruso com quem aprendi os meus primeiros passos na carreira de atriz de uma forma muito profissional!

Em 1978 atuei como Senhorita Mil Cores em "Perfeitópolis, a Cidade da Alegria", de Marcos Caruso. Casa sempre lotada e foi assim que, numa tarde após a apresentação da peça, um senhor na plateia se apresentou como o diretor Kleber Afonso e disse que gostaria que eu fizesse parte da peça profissional

dele, chamada "Pinocchio".

Também em 1978 participei de "O Casarão", no TIMOL, direção de Marcos Caruso. A partir de então começou a minha carreira de atriz profissional em teatro, novelas, filmes, e minha carreira de modelo. Aos 26 anos abri minha própria agência de modelos chamada Cristina Mazzei, na Rua Frei Caneca, em São Paulo.

No TIMOL aprendi tudo o que um verdadeiro ator deve saber... atuar, dançar, cantar, improvisar, escrever e dirigir um roteiro, criar um cenário e vestuário, de uma forma profunda e original. Desde 1989 vivo nos Estados Unidos atuando na área de Modas, mas nunca vou esquecer que foi no TIMOL o início da minha vida artística.

Obrigado ao TIMOL e em especial ao Marcos Caruso, ao diretor Kleber Afonso (falecido) e ao Pascoal XIII; ficaria muito feliz em poder encontrá-lo, pois perdi o contato.

Agradeço também a minha amiga Valéria Lauand por me manter informada deste projeto do TIMOL, que com certeza trará muita inspiração à vida de muitos artistas que agora estão a começar.

Beijos a todos,

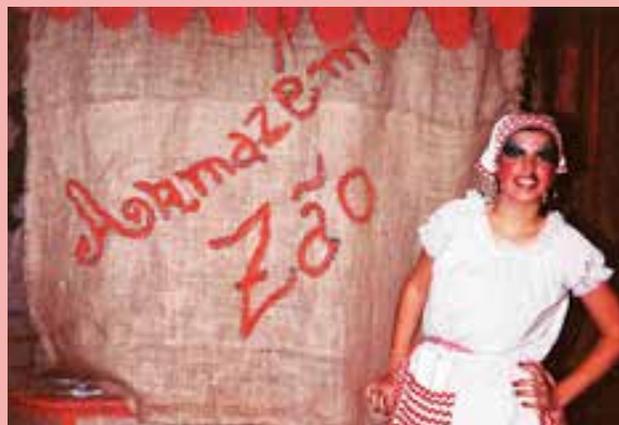
**CRISTINA
MAZZEI**



Revista AMIGA - 28 de junho de 1979: coluna de Silvio Di Nardo noticia a inauguração da placa que nomeia o Auditório Lucia Lambertini (abaixo)



PERFEITÁPOLIS, A CIDADE DA ALEGRIA - 1978



TEATRO TIMOL
apresenta

PERFEITAPOLIS, a Cidade da Alegria





Teatro

Criado há 11 anos na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (rua gen. Jardim, 401), faziosa a Terezi, Teatro Infantil Monteiro Lobato, dirige ações por Marcos Caruso e montando peças representadas por crianças.

Atualmente, está em cartaz a peça "Proibido, a Cidade da Alegria", representada às 17h, e às 19h, no 10 horas.

A entrada é franca e crianças e adultos podem ter assentos especiais.





FALA,
TIMOL!

cima de tudo quero é que o TIMOL CONTINUE!

Foi nele que conheci a liberdade, onde me descolei da educação/formação básicas: família, escola...

Acredito que para a maioria dos integrantes basicamente foi isso também: formação, conhecer o mundo “lá fora”, além dos nossos horizontes limitados até então.

A nossa descoberta maior: existia Vida em outras dimensões, em outros aspectos; existia Conhecimento, novas pessoas que já pareciam “velhas” conhecidas de alma.

O mundo rodou, mudou, a geração é outra, são outros os hábitos... Mas esse reduto que é/foi o TIMOL não pode sumir; ele deu a todos nós – seus integrantes, em variadas décadas – o leitmotiv da biografia/história de cada um. Nem estou falando – ainda – da formação teatral, falo da base de vida que adquirimos lá. Das novas crenças, de laços afetivos consistentes, de um novo espaço externo que ia além dos limites familiares e educacionais. Era um “espaço externo”, mas NOSSO, muito nosso! Tomávamos conta daquilo, éramos donos daquela liberdade nova



que a BIJ nos oferecia, éramos donos de um futuro a perder de vista, de um presente livre, que prometia e nos proporcionava crença, fé e Gozo.

É tremendamente injusto deixar que o TIMOL seja negado à atual e às próximas gerações de crianças e adolescentes. Mesmo que atenda poucas pessoas, a formação brilhante e duradoura que se oferece nesse fazer teatral se multiplica, se expande em progressão geométrica, atingindo outros.

Em seus 50 anos o TIMOL passou por hiatos em sua história, por vários abandonos e correu o risco de sumir. Que bom que hoje ele esteja nas mãos da Valéria Lauand, ressuscitado. Mas a situação ainda é periclitante, corre o risco de cair de novo, se não receber um apoio mais firme e constante.

TIMOL - 50 ANOS

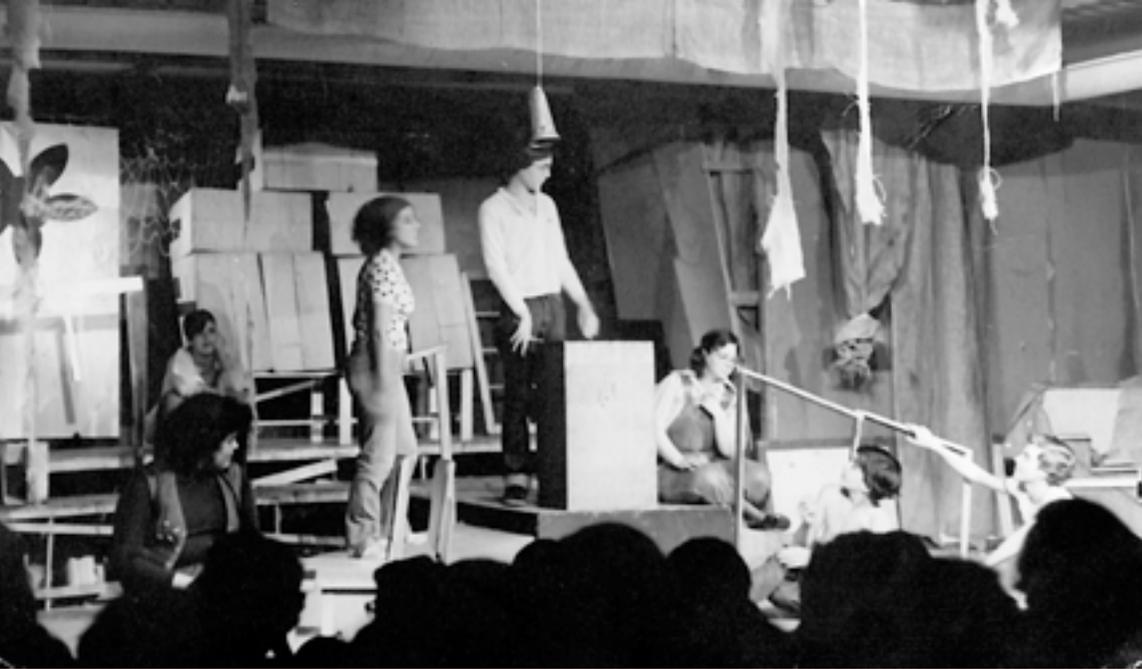
Fiz parte do grupo de 78 a 82 ou 83, já não me lembro mais. Tínhamos, teoricamente, de deixar a Biblioteca aos 18 anos; ultrapassei esse limite até quando foi possível, era a minha segunda casa, minha primeira escola profissional. Trabalhei sob as batutas de Marcos Caruso e Arthur Leopoldo e Silva.

Com Caruso, aprendi as primeiras letras do atuar, da interpretação – alfabetização que não esqueço e uso até hoje em meu trabalho de atriz. Com Arthur aprendi a “pensar teatro”, a ver o Todo, a entender uma linha a seguir.

Iacov conheci pessoalmente algum tempo depois, fora do TIMOL, mas já era meu velho conhecido no terreno dos afetos de palco. Na verdade ele é o “Culpado” de tudo, né?! E foi via TIMOL/Biblioteca/AJL que me liguei a Hugo Possolo – como não mencionar o meu Calhorda Favorito...? – parceiro das primeiras aventuras no mercado teatral. E assim cada um foi encontrando a sua linha, os seus parceiros e mestres, sua base de vida, seus afetos, sua (ou não) carreira.

Não vamos apenas rememorar, o importante é batalhar pela continuidade e estabilidade do TIMOL.

CARMO
MURANO



O CASARÃO - 1978





FALA,
TIMOL!

Desde pequena tinha o sonho de ser atriz. Vivia brincando em casa, inventando personagens. Uma vez, num natal, improvisei uma roupa de Papai Noel e lá fui eu, de casa em casa, imitando o bom velhinho, ho ho ho! Nasci no Centro e na adolescência fomos morar na Vila Buarque e lá descobrimos a BIJ, eu e minha irmã Anamara. Era um mundo mágico, tinha tudo, lá: a brinquedoteca, a sala de leitura, a sala de jogos, a discoteca e... NOSSA! Tinha o TEATRO!

Logo fizemos amizade com o Toninho (Toni Faquetti) e o Paulinho (Paulo Chiavegatti). Passamos a ser inseparáveis e eles faziam parte do TIMOL. Eu era fã deles e não perdia nenhuma apresentação de “Perfeitópolis”, sabia todas as falas e cantava todas as músicas.

Daí eu e minha irmã, Anamara, entramos para o TIBBIM e aprendemos a manipular fantoches; fizemos uma peça, não me lembro o nome. Eram duas meninhas que moravam num morro e queriam conhecer a cidade; eu fazia a Mariazinha. Na cena do alto do morro as personagens eram duas bonequinhas, fantoches, manipuladas

TIMOL - 50 ANOS

por nós, mas quando elas desciam o morro para conhecer a cidade não eram mais fantoches e sim nós mesmas em tamanho natural, tínhamos fala e tudo. Pronto! Era minha primeira cena no palco, eu estava me apresentando no mesmo teatro do TIMOL e havia crianças nos assistindo e aplaudindo, como no TIMOL. Era muita emoção.

O Caruso nos assistiu e nossaaaaa!!! Ele próprio nos convidou para fazermos parte do TIMOL. Na hora eu ria e chorava ao mesmo tempo, diante daqueles quase dois metros de altura. Ah! Ele era grande mesmo! Grande de todas as formas... Grande diretor, grande amigo, grande mestre, grande companheiro. Aprendi muito com ele. No mesmo ano fiz “Auto de Natal”, depois “Oculosândia”,



OCULOSÂNDIA - 1979

“Um ladrão no Quarteirão” e “A Dádiva”. Um período feliz, de muito aprendizado, e que me levou para o teatro profissional, mas mesmo assim continuei no TIMOL.

Paralelamente fizemos uma peça com adaptação e direção do Paulo Chiavegatti, chamada “Tal de Chapeuzinho Vermelho”; eu fazia a “tal Chapeuzinho Vermelho”. Fizemos algumas apresentações no auditório do TIMOL. O Paulinho também era incrível na sua criatividade. A fase “Caruso” chegava ao fim e era hora de dizer adeus ao nosso mestre. Começaria a fase do Arthur, pessoa que eu tinha visto uma vez e que conhecia de nome, pois o Caruso, em “Oculosândia”, o homenageou, colocando nome no Príncipe de “Dom Arthur Leopoldo Coutinho Barbadinho Silveira e Só”.

Na fase Arthur, poucos de nós ficamos no grupo: eu, Anamara, Maria Edite, Reinaldo Antônio de Maria, Carmo Murano e Rosana Benvenuto. Era hora de abrir novas vagas e vieram novos integrantes, alguns da Academia Juvenil de Letras. Nossa resistência em relação ao novo diretor durou pouco, pois ele logo conquistou a todos com seu jeito despojado e “clownteriano”. Foi também um grande mestre.

Conheci a “Farsa” através dele e



tivemos a nossa primeira produção dessa fase, “Os Farsantes”, dirigida por ele e adaptada pela Cíntia Rabaçal. Nessa época o TIMOL ganhava as ruas, passava a ser também teatro itinerante, nos apresentávamos em escolas públicas e em outras Bibliotecas Infante-Juvenis, era uma agenda intensa e uma nova perspectiva de trabalho. Adorávamos entrar naquela Kombi do “SOISA” (apelido que demos ao motorista que se chamava Sousa). A gente botava o Arthur e a Cíntia “doidos”, puxa, como demos trabalho! Mas, enfim, dali nasceu uma forte amizade e posteriormente dividi o palco profissionalmente com Arthur

Leopoldo e Silva em duas produções.

Já maior de idade (porque tínhamos que nos desligar do grupo aos 18 anos), fiz uma substituição numa montagem do Arthur, “O Museu da Emília” no papel da Tia Anastácia; eu me pintava toda de preto e botava um bundão postiço, kkkkkkkk. Foi incrível!

Eu e o Paulinho fizemos amizade com o povo da AJL, e participamos de muitos “chás acadêmicos”. Fizemos viagens juntos e muitas festas à fantasia. Sou feliz por ter hoje contato com muitos daquela época e saber que ainda falamos “a mesma língua”, afinal éramos unidos pela afinidade. Alguns se foram e deixaram na gente uma lacuna, um enorme buraco no peito. Meu querido Paulinho, cuja amizade transcendeu e vivemos um lindo affair, Ney, Naldo, Wladi, Marcellus e o Arthur, que se foi recentemente e com quem convivi muito nos últimos anos; trocamos muitas e boas experiências.

Posso dizer que me considero uma pessoa privilegiada por ter tido a oportunidade de viver o TIMOL. Nós éramos INTENSOS, PERMISSÍVEIS, À FLOR DA PELE mesmo... Nossas experiências ficarão para sempre em nossa memória.

PAULA
SALGADO



IMOL...TIMOL...TIMOL

FALA,
TIMOL!

Bons tempos de teatro! Sempre que passo pela porta do Auditório Lúcia Lambertine, quando piso ali, me dá uma emoção tão forte, tão boa como se eu estivesse revivendo os melhores momentos da minha vida! Inclusive estava ali, quando foi inaugurada a placa com o nome do auditório. Ali eu tinha amigos! Ali via atores que admirava e admiro, confidentes, companheiros em todas as horas e para o que desse e viesse. O grupo mais gostoso do mundo! No TIMOL descobri a Anamara atriz, a Anamara sensível e tudo a que se tem direito quando somos adolescentes. Podíamos tudo, afinal, éramos artistas!

Já estava no grupo há algum tempo quando, um belo dia, o Caruso marcou uma reunião no lugar do ensaio. E qual era o assunto? Simplesmente para me dar a notícia de que eu ia ter que sair do grupo! Éramos dezenove atores... Comecei a chorar na frente de todos, antes mesmo de entender que eu havia sido convidada por produtores que haviam me assistido no TIMOL, para participar de um espetáculo profissional. O Caruso quis dar a notícia pessoalmente! Era 1978. Ele estava muito feliz por

mim, mas eu não tinha muita noção do quanto aquilo era importante para minha carreira e para minha vida! Minha grande tristeza era ter que abandonar meu grupo, meus melhores amigos! Ia iniciar uma nova etapa da minha vida! O bom é que eu morava na esquina da biblioteca e batia cartão lá todo dia. Nos fins de semana ia para o TBC. Naquele tempo tinha espetáculo às dez da manhã e às quatro da tarde. Depois da primeira temporada profissional, ainda tive a oportunidade de trabalhar com o grupo em alguns espetáculos, já com a direção de Arthur Leopoldo.

Sou grata ao TIMOL pela minha formação como pessoa e por tudo que penso a respeito de teatro. Lá tive a honra de aprender com diretores como MARCOS CARUSO E ARTHUR LEOPOLDO E SILVA!

ANAMARA
SALGADO



UM LADRÃO NO QUARTEIRÃO - 1979



A DÁDIVA - 1979



DO ME ABOCEM

Um dia, fechamos os olhos e saímos a viajar pelo mundo da fantasia. Paramos primeiro num reino maluco onde todos usavam óculos. Era a cidade de OCULOSÂNDIA. Ficamos pouco tempo por lá, pois não agüentávamos o ar horrível que se respirava. Voltamos, mais um pouco e chegamos a PERFEITAPOLIS, que era a própria CIDADE DA ALEGRIA. Queríamos lá permanecer mas um mago maluco e dasmemoriado fez inventar a nossa ventada e, quando vimos, estávamos nas páginas de um livro que contava uma VIDA DE PALHAÇO. Acabamos de ler a estória e conseguimos sair do livro. Vimos que nos encontráramos dentro de um CASARÃO velho e abandonado. Andamos e examinamos o lugar. Encontramos uma sala cheia de retratos antigos. Havia uma ima de uma SANTA e de uma SANTINHA. Encontramos uma foto antiga da família, com passeios de BERÇO A BENGALA. Passamos para a parte de cima da casa e sentimos os CONTRASTES que haviam lá dentro: na parte superior, tudo era limpo, novo e arrumado. Chegamos até uma janela e espiamos: era noite, UMA NOITE ENCANTADA. As crianças lá fora brincavam e formavam um PRESEPIO DE RUA. Aquilo nos fez refletir e começamos a ter PENSAMENTOS SOBRE O NATAL.

De repente, alguém veio e nos fez voltar à realidade, dizendo que havia UM LADRÃO NO QUARTEIRÃO.

Não nos importamos: fechamos os olhos novamente, pois a nós era dada A DÁDIVA de saber senhar.





PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS INFANTO-JUVENIL

T I M O L - 1 5 A N O S

O TEATRO INFANTIL MONTEIRO LOBATO convida V.Sa e Exma família para a comemoração, de seu 15º aniversário, dia 14-07-80, às 20hs, no "Auditório Lúcia Lambertini", R. General Jardim, 485, quando será apresentada a peça: O S F A R S A N T E S.



OS FARSANTES - 1980



* A peça "Os Farsantes" é desenvolvida especialmente para atingir um público infantil de preferência, através de um roteiro de Comédia Dell'Arte e de estruturas de manifestações populares do nordeste, ou melhor, que não são apenas do Nordeste. O Bunda-meu-boi, por exemplo, existe em todo o Brasil com exceção de São Paulo.

Procurando sempre recuperar tais manifestações, que não tem possibilidade prática de serem ter em grandes centros, cultivamos na criança o teatro como forma de educação social. Esse teatro supre a falta de meios de comunicação que não sejam massificantes, pedindo assim fazer da manifestação (festa-ação) popular um teatro ação e vice-versa, onde a criança não é educada dentro de padrões estabelecidos, mas é integrada socialmente - por um meio cultural*.

TIMOL



F

FALA,
TIMOL!

ui para o TIMOL a reboque do Arthur Leopoldo e Silva, éramos namorados então, 1980, e eu já fazia trabalhos com ele nas montagens da produtora dele, a Transart. No TIMOL fui assistente dele e um “tapa qualquer buraco”. Assim, escrevi duas adaptações (“Os Farsantes” e “Papel e Tinta”); fui assistente em todas as montagens. Também fui figurinista, aderecista, maquiadora, cenotécnica, iluminadora, na medida das necessidades de cada montagem. “Os Palhaços”, uma pantomima, é criação nossa, com Marcos Magro, também ex-TIMOL, contemporâneo do Arthur.

Fui porteira, fiz (menos a parte gráfica) a revista TIMOL 18 ANOS – generosamente chamada de ‘livro’ –; passei horas, na madrugada, véspera da estreia de “Os Farsantes”, chave de fenda na mão, apertando parafusos nas poltronas de madeira da plateia... Quando me casei com Arthur o TIMOL foi no enxoval (dele), de forma que fazia parte da minha vida, porque o trabalho nunca terminava. Os adereços de “Tribobó City” (chapéus, casquetes, máscaras) foram confeccionados na minha mesa novinha; o TIMOL morava conosco. Nossos amigos mais chegados eram integrantes

do grupo; Carmo Murano fotografou meu casamento, Felipe Azeredo me ofertou o carro com motorista de sua família; há coisas inesquecíveis na vida.

Nas montagens, passávamos DIAS enfiados na Biblioteca, até altas horas da madrugada; nós, o guarda e os famosos fantasmas (tinha fantasma, SIM), montando cenários que, aparentemente, jamais caberiam no palco do auditório Lúcia Lambertini. E ficavam ÓTIMOS, perfeitos... Como na montagem de “Tribobó City”, uma superprodução, até um “saloon” de dois andares nós criamos ali.

Bom era o engajamento das pessoas, principalmente Carmo Murano, que topava tudo e encarava com fé, sempre presente e incansável. A primeira administração municipal depois do fim da ditadura não trouxe as maravilhas que esperávamos, pelo contrário. A nova coordenadora da área chegou chamando o TIMOL de “teatrinho” e nos “forneceu” PAPEL CREPOM para montarmos “Tribobó”... e SÓ! Arthur, aquele gênio, invadiu o sótão da BIJ e achou ali cortinas antigas, de “shantung”, na cor bordô, metros e metros de tecido às traças; desceu com uma bela quantidade. O tecido foi desbotado em lotes, com alvejante, na banheira da casa da Carmo (salve, Carmo!), em vários tons de rosa, porque nenhuma peça ficou igual à outra. E essas (transformadas

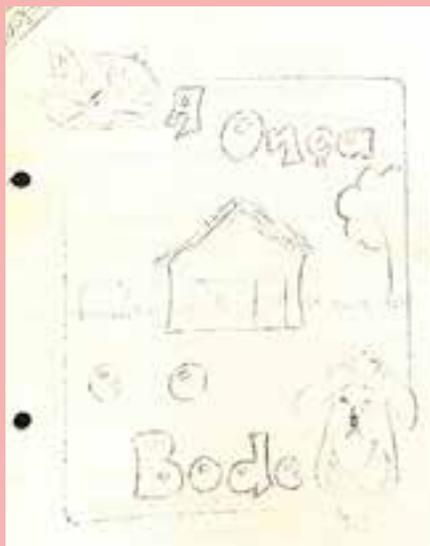
em ‘trainéis’ pintados realisticamente) foram as paredes, colunas e portas do “saloon” de dois andares. Arthur invadiu o guarda-roupa do TIMOL e de lá tirou vestidos longos de época, uma belíssima saia de veludo e uma blusa rendada para a Mocinha; os personagens masculinos foram quase todos de jeans, fiz os chapéus característicos para alguns, como o prefeito (uma cartola), o homem rico (um chapéu preto de copa baixa) e o chapéu do mocinho. A duras penas Arthur conseguiu autorização para as costureiras reformarem alguns outros figurinos. “Los índios” receberam uma faixa de cabeça com uma pena cada um, mais uma tanguinha, no estilo apache americano. Era uma turma de uns 20, todos bem crianças, que ficavam escondidos naquelas coxias “enormes” durante o espetáculo inteiro (sob minha responsabilidade, meu Deus...), só entrando em cena no último minuto. Uma invasão “grand finale”, o público gritava, um delírio. No total eram 32 em cena, uma superprodução, feita na marra e na garra. Caruso assistiu ao espetáculo para a classe e disse ao Arthur: “Acho que dificilmente você vai se superar depois disso...” Um sucesso total, em cartaz aos domingos à tarde. Os moradores do bairro adoravam, assistiam sempre, famílias inteiras, traziam bolo para os atores. UM ARRASO! Foi a melhor encenação do Arthur, um

espetáculo que ninguém que tenha visto esquece, até hoje.

Claro que não dá para contar aqui tudo o que aconteceu na época. O TIMOL é uma entidade etérica, tem vida própria, atrai e assimila as pessoas de que necessita para continuar vivendo; generosamente, concede a essas pessoas a graça de VIVER teatro. E essa entidade vai sobreviver por MUITO tempo ainda. Possivelmente sobreviverá à própria biblioteca, quando a existência de espaços assim se tornar obsoleta... Mas o TIMOL, com o poder acumulado em décadas de existência, permanecerá, pois a força da ARTE, que desperta e expõe os talentos, é muito maior do que as mentes burocratas, do que administrações municipais, do que interesses políticos. Quem (sobre)viver verá.



CÍNTIA RABAÇAL



A ONÇA E O BODE - 1980

O QUE É?

"A ONÇA E O BODE" é uma adaptação feita pelo grupo a partir de estudos sobre uma das formas de expressão mais ricas e populares do nosso folclore - o fábulo.

O espetáculo é realizado através da utilização de técnicas de jogos, no qual são determinados os personagens, o que fazem e onde o fazem; permitindo que o mesmo aconteça livremente, para que o espectador possa realizar um olhar infante e que cada um dos espectadores seja também um jogador.

ARTHUR

COMO FOI?

A montagem foi feita pelo TIMOL (Teatro Infantil Municipal Monteiro Lobato) com a adaptação do texto através

de jogos teatrais e exercícios de pantomima, além da confecção do cenário e material de cena, realizado pelo grupo todo.

Nesta adaptação, o grupo apresenta um trabalho diferente, integrando atores e o público. Enquanto no último trabalho ("Os Farsantes") encontramos uma participação através da manifestação folclórica em si, neste espetáculo propomos a integração com o público pelo jogo. A não-dependência de um texto rígido permite que os atores debatam livremente com o platêu, cujas interferências são válidas a qualquer momento; o que é possível ocorrer através dos meios de comunicação de massa ou teatro formal.

Esperamos um resultado no qual, melhor do que qualquer espetáculo, exista uma relação mais próxima do criança com o arte.

HUGO



uem tem um mestre, tem o infinito da vida

FALA,
TIMOL!

O TIMOL foi a minha escola de teatro. Ali tinha tudo que eu poderia sonhar do que era viver intensamente o teatro. Tínhamos um palco, com equipamentos de iluminação e sonorização, uma sala de figurinos com costureiras e acervo de tudo, roupas, adereços, desenhos e livros de referência.

Era um grupo amador mais profissional que muitos grupos profissionais. Fazíamos temporadas constantes na nossa casa, o Auditório Lúcia Lambertini, e também nos apresentávamos, no mínimo uma vez por semana, em escolas públicas e em outras bibliotecas de vários pontos da cidade. Aprendi a amar São Paulo assim, andando naquelas Kombis da Prefeitura para levar nossa arte aos seus mil cantos.

O TIMOL era, e tenho certeza de que ainda é, um espaço mágico. Quando me tornei um profissional do palco, muitas vezes senti saudades daquela estrutura única e daquele ambiente de diversão, loucura e realização plena.

Na época, na Biblioteca, eu participava da Academia Juvenil de Letras e fui seduzido pelas montagens do

TIMOL feitas pelo Marcos Caruso. Ficava vidrado naquelas peças, morrendo de inveja daqueles atores. E quando tinha lá meus dezesseis anos, tomei coragem, rompi com minha timidez exagerada e ingressei no grupo. O diretor havia mudado, era o Arthur Leopoldo e Silva, pessoa que se tornou muito importante na história da minha vida.

Sempre provocativo, Arthur me colocou diante do jogo teatral, com um despojamento cênico que me atraía, apesar de ser algo absolutamente inusitado para a época. Foi ele quem nos trouxe a pouco difundida obra de Viola Spolin e seus jogos de improvisação; algumas das práticas e pensamentos de Augusto Boal e nos fez mergulhar no ambiente da farsa, da Comédia Dell'Arte e, principalmente, no universo dos palhaços. Posso dizer que os fundamentos do trabalho que faço hoje nasceram ali.

Arthur tinha uma predileção pela reflexão após os exercícios cênicos e isso instigava a todos nós. Tanto, que parte de nosso elenco – eu, Luiz Felipe Azeredo Santos, Carmo Murano e Márcia Nunes – acabou criando um grupo paralelo, que queria fazer peças para público adulto, chamado Rua de Circo. Um trabalho era extensão do outro, pois as proposições, desejos e sonhos eram comuns.

A amizade entre todos nós permaneceu e permanece até hoje.

Tempos depois, Arthur se casou com minha irmã Elisa e nasceu minha sobrinha Marina. Nessa época, convidei o Arthur, junto com o Jairo Mattos e o Alexandre Roit, a participar de um grupo que estava começando, os Parlapatões. Ele atuou e dirigiu e deu o pontapé inicial de nossas primeiras peças. Era o meu mestre atuando ao meu lado e isso me orgulhava muito.

A vida, por seus tortos caminhos, afastou Arthur de mim. Recentemente, quando ele faleceu, o filme das partes lindas, das suas contribuições inesquecíveis à existência dos muitos que conviveram com ele, passou freneticamente diante de todos como um susto, entre o agradável e o desagradável, para se inscrever definitivamente na delicada história de nossas vidas. Num suspiro, lembrar do TIMOL me transbordou a memória para perceber um mestre que não foi devidamente reconhecido, um irmão que nem sempre teve a companhia de quem o amava. E, como um pedido de perdão, espero que esse meu depoimento possa clarear e reafirmar o amor infindável pela alma livre e o grande coração que o Arthur tinha. Sua memória ficará para que o TIMOL siga sempre.

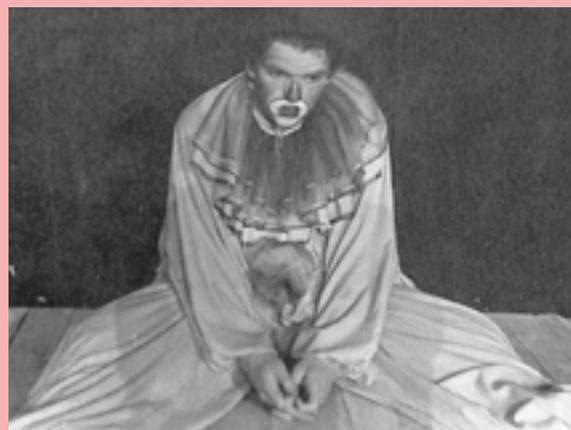
HUGO
POSSOLO



PINGO E PONGO 1981



OS PALHAÇOS - 1981 A 1983



O

s anos passam e as experiências marcantes ficam. Como era bom ir naquela biblioteca, como era bom e ainda é, só que bem mais raro, conviver com aquelas pessoas, comer pastel e ter o privilégio de fazer Teatro Infantil, com letra Maiúscula. De poder apresentar “Os Palhaços” para muita gente, no auditório ou fora, em outras Bibliotecas, em festas e outras praças. Contracenar com atrizes maravilhosas, como a Carmo e a Marcia e ainda aproveitar do Hugo, no bom sentido, que atuou algumas vezes com a gente nesse espetáculo.

E o mais importante, o fundamental para que isso tudo tenha sido maravilhoso: ser dirigido pelo Arthur Leopoldo e Silva. Se aprendi alguma coisa, foi com ele. Acho que até ficamos parecidos, me confundiram com ele, numa apresentação recente do TIMOL.

Saudades e vida longa para o TIMOL, que venham mais 50 anos. Luiz Felipe Azeredo Santos

**LUIZ FELIPE
AZEREDO SANTOS**

**FALA,
TIMOL!**

E

utinha 16 anos e minha timidez me fazia mais amiga da literatura do que do palco. Quando passei de espectadora das peças do TIMOL a atriz, incorporei um Visconde atrapalhado que divertiu as crianças.

Isso porque na estreia, tentando passar um ar desengonçado de espiga de milho, eu me desequilibrei e quase caí do palco. No fim da peça, chorei atrás das cortinas, pois imagine se caísse em cima das crianças pequenas que assistiam! Foi aí que o Arthur me confortou: “Foi ótimo. Você vai fazer exatamente assim em todas as apresentações! As crianças morreram de rir”.

Sim, aprendi muito sobre improviso e como transformar uma situação aparentemente trágica em diversão.

Já minha irmã Lena, que tinha 11 anos, foi uma doce Narizinho.

Lembro com carinho das outras meninas que frequentavam a Praça Rotary com a gente e começaram a participar das atividades da BIJ.

Não fiz mais peças no TIMOL, mas

continuei envolvida com a AJL (Academia Juvenil de Letras), de membro até ser a estagiária de Ciências Sociais que tinha como função coordenar a Academia. Então continuei a conviver com o Arthur, uma pessoa amável, com alguns traços de impetuosidade, mas muito generosa.

Nunca mais soube da Lívia, que nos acompanhava nos ensaios, mas me marcou saber que ela abandonou o 3º ano de Química no Mackenzie pela paixão pelo teatro. Minha filha, de 19 anos, chama-se Lívia e é uma figurinha determinada que luta pelo que quer.

Nos anos seguintes, já fora da biblioteca, participei de outro grupo literário no qual nos pintávamos e sem nenhum pudor fazíamos performances nos parques e teatros municipais. No teatro encaixei-me melhor nos bastidores: aprendi a fazer iluminação com a querida Yara Camillo (ex-TIMOL e ex-AJL, das primeiras gerações), que disse que aprendeu tudo o que sabia com o admirável Iacov Hillel, fundador do TIMOL. Nessa área artística tive ótimos mestres.

**CÍNTIA
CORRALES**

O CASAMENTO DA EMÍLIA - 1982



O PEQUENO PRÍNCIPE - 1982



IACOV E O TIMOL

Trechos do depoimento de Iacov Hillel para a revista
TIMOL 18 ANOS

(...)

Lá, onde hoje é o TIMOL, havia um Teatro de Bonecos que a gente chamava de “Elefante Branco”: uma armação enorme para teatro de bonecos e umas cadeiras caindo aos pedaços. (...) Por volta de 1969 comecei a fazer teatro de bonecos com a Maria Amélia de Carvalho... Nos apresentávamos ali mesmo, fazendo teatro, mas nada mais organizado. Até teve uma época, por volta de 61 ou 62, que uma senhora chamada Maria Artigas montou um espetáculo, “A Arca de Noé” no teatro Leopoldo Fróes.

O teatro Leopoldo Fróes foi construído por D. Lenira Fracarolli para ser o teatro infantil da Monteiro Lobato. Ficava na praça da biblioteca. Era um teatro enorme de 600 lugares, que depois foi derrubado. De repente, em apenas um dia, o teatro veio abaixo. Uma máquina imensa derrubou as paredes, tudo veio abaixo e nós não pudemos fazer nada. Só choramos.

Por volta de 64 eu tinha dirigido um grupo de crianças na peça “O Museu da Emília”, lá na FAAP (eu estudava lá). E por que não dirigir uma peça na biblioteca? Já havia dirigido na FAAP e então falei com D. Noemi. Disse eu:

- Gostaria de fazer uma peça bem feita, um trabalho elaborado, do começo ao fim, não estas “pecinhas” que a gente faz de tarde pra apresentar daí a pouquinho. Queria fazer um trabalho bonito, com cenário.

Junto com D. Noemi fizemos “O Museu da Emília” e estreamos no teatro Leopoldo Fróes, isto em 1965, já com o nome “TIMOL” – Teatro Infantil Monteiro Lobato.

Foi uma experiência ótima, fizemos o espetáculo em mais ou menos duas semanas.

Aí, no mesmo ano, a gente fez “A Bruxinha que Era Boa”. (...) Já havia a D. Helena Pascoal, que ajudava a fazer os figurinos, a criançada se animou. Já no ano seguinte fizemos “Margarida no Castelo”. (...) Nisso o Leopoldo Fróes fechou para reforma porque era perigoso e estava caindo aos pedaços realmente.

Naquele espaço, onde hoje fica o TIMOL, ficava uma sala de depósito e, com o fechamento do Leopoldo Fróes, a gente não tinha onde se apresentar. (...) Não tinha jeito, ou a gente fazia alguma coisa ou parava. Aproveitamos então as costas das estantes (que estavam entupindo a salinha) como cenário para a peça. (...) Não tínhamos refletores. Usávamos latas de leite, montamos um palco com praticáveis emprestados do Teatro Municipal e todos os sábados e domingos, dias de apresentações, a meninada tirava todas as cadeiras da biblioteca, montava o Teatro e depois de acabado desmontava tudo.

Nesse tempo, o TIMOL já estava se incorporando. Tinha gente que já trabalhava há dois anos; e junto com o Sr. Fradique construímos o palco que existe até hoje. Fizemos aquela parede madeira que na época não existia. Depois se conseguiram as poltronas do TIMOL. Eram poltronas colocadas na diagonal. Aí dividimos o grupo em dois, por causa da idade das crianças, que já estava variando. Enquanto o TIMOL fazia textos infantis, o Grupo Experimental que fora criado atingiria a faixa etária de 16 anos pra cima.

(...)

Em 1969 eu achei que em vez da gente pegar peças dos outros e montar, deveríamos montar uma coisa nossa mesmo, uma peça escrita por nós. Pra isso, a gente fazia laboratório e cada um trazia o que tinha escrito em casa e depois de três meses resolvemos juntar um texto enorme que se chamou “Quando Eu Menor Tirava Água do Poço, Agora que Cresci

Perdi o Balde”, mas a direção da biblioteca não assumiu a peça e achou que era proibido, nem que falássemos que era uma coisa das crianças, que o pessoal sentia vontade de dizer isso... não adiantou..., tanto que a gente saiu da biblioteca. (...) Só chegamos a montar e apresentar uma vez no Eugênio Kusnet [Teatro de Arena], mais tarde, não na época, com alguns que tinham trabalhado no TIMOL.

(...)

O TIMOL é um teatro diferente dentro da cidade porque é um Teatro feito por crianças para crianças, não uma atividade de final de ano escolar.

(...)

O TIMOL nunca foi um negócio retrógrado, mas pra frente. No caso da peça “Quando Eu Era Menor...”, se você analisar, era uma coisa do momento. Em 1969 era um período de interrogações, de buscas de saídas, havia também uma opressão que era sentida por todo mundo.

CARUSO E O TIMOL

Trechos do depoimento de Marcos Caruso para a
revista TIMOL 18 ANOS

Entrei em 1968, quando ainda o Iacov era o diretor. Eu tinha dentro de mim uma vontade muito grande de representar e não sabia onde, como, com quem começar. Então o TIMOL foi uma coisa fantástica que apareceu em minha vida, no momento em que a gente era um grupo de crianças que fazia tudo mesmo. Não havia apoio financeiro, o que se tornou maravilhoso, pois a partir de nossa criatividade passamos a fazer de tudo, desde cenários até figurinos etc. Fiquei trabalhando como ator. Três anos depois, o Iacov passou a direção para mim, de 1972 até final de 1979.

(...)

Em 1975 escrevi a minha 1ª peça, “Uma Noite Encantada”. Os textos eram escritos de acordo com as crianças que eu tinha para apresentar. (...) Escrevi a 2ª, a 3ª... basicamente 80% das montagens da minha época eram minhas.

A partir daí foi dada oportunidade, ao grupo, de escrever. Escrevemos juntos “Contrastes” e outras. O grupo também começou a participar da iluminação e da direção e das partes técnicas da montagem.

No final de 1979, saí, deixando o Arthur para continuar. Escolhi o Arthur porque achei melhor que o grupo fosse dirigido por um membro do próprio grupo, pois assim o grupo não perderia o espírito, que sempre teve, de fazer um trabalho amador no sentido mais profissional da palavra.

Na minha época fizemos grandes conquistas, pois uma nova diretoria assumiu o cargo e com excelente ajuda do grupo conseguimos alguns melhoramentos para o auditório, tanto em termos físicos como estéticos. Além disso, foi comprado também o material do auditório, como mesa de luz e outras coisas.

(...)

Na minha época foi inaugurado o Auditório Lúcia Lambertini. Acredito que não fui um diretor por esporte, mas isso só quem pode dizer é o grupo. Procurei sempre dar condições às pessoas para fazer aquilo que elas gostariam. É evidente que não fui um tirano, mas algumas vezes tomei pulso da situação, pois muitas vezes os adolescentes vinham despejar seus problemas, uma vez que o TIMOL era considerado uma segunda família para eles.

(...)

O teatro feito por crianças e para crianças é um estímulo. (...) No teatro feito por crianças você dá a essas crianças a oportunidade de se desenvolverem criativamente. Eu nunca pensei em ser autor, mas foi no TIMOL que

tive a oportunidade de desenvolver a minha criatividade.

Eu espero que o TIMOL não morra, porque ele não viveu 18 anos, sobreviveu, porque no início era uma dificuldade muito grande fazer os meninos representarem... Eles não queriam, e as meninas é que tinham de fazer os papéis masculinos. Sobreviveu porque as peças que existiam tinham de ser adaptadas para a época. E sobreviveu pela dificuldade de burocracia da Prefeitura.

ARTHUR E O TIMOL

Trechos da entrevista publicada na revista TIMOL 18 ANOS

(...)

Sabe, foi no TIMOL que eu descobri a biblioteca, as salas; a gente tinha que ler meia hora, depois ia jogar, pintar. Tinha a D. Madalena na sala de leitura, ela fazia uns concursos. Tinha o curso de bibliotecário-mirim, a Academia de Letras, a D. Alda do jornalzinho, a Christina Tavares. Eu tinha 13 anos e logo me enturmei. Fazia de tudo, menos teatro. É que o povo do teatro era mais velho. Aí eu ficava com os amigos perturbando o ensaio. Batia nos vidros do auditório. Achava engraçado o Jacó [Iacov Hillel] sair de lá bravo.

Tem um detalhe: depois que a gente lia, recebia uma ficha que tinha que mostrar nas outras salas. No jornal nem sempre precisava, no teatro não precisava nunca. A Christina um dia perguntou se eu não queria fazer teatro. Eu disse sim. Aí fui falar com o Jacó. Ele não sabia que era eu que batia nos vidros, senão ele me dava férias antes de entrar para o grupo. É que quando a gente barbarizava demais a cabeça dele, ele

dava “férias”.

(...)

Em 1969 criamos o “Quando eu era menor tirava água do poço, agora que cresci perdi o balde”. Na época foi importante, era o que a gente queria dizer. Fizemos laboratórios, exercícios, improvisações, expressão corporal, escrevemos... depois de um tempo pintou o texto. Então a direção da biblioteca achou que a peça não era própria, ou melhor, era imprópria. (...) Foi dose, mas apresentamos a peça no Teatro de Arena.

(...)

Mais tarde o Jacó montou a “Verdadeira história da Gata Borralheira, como aconteceu no Brasil por volta de 1930”. (...) Uma glória! Todo mundo gostava, nós, o público, o pessoal de teatro. (...) Foi então que aconteceu um problema novo com a biblioteca. Sem mais, a temporada foi cancelada e o Jacó foi tirado da direção. Bom, mas o público estava esperando lá fora. A peça era o maior sucesso. A diretora teve que deixar fazer naquele dia. Então nós resolvemos curtir em cima. Foi ótimo! A gente se divertiu muito, o público ria mesmo. A diretora subia no palco, mandava parar. O público então ria mais. Sei lá, eles pensaram que era combinado. Foi um horror (risos). Depois ela expulsou várias pessoas, que mais tarde voltaram, é claro. Mas com o Jacó a bronca foi séria.

(...)

Quando o Jacó começou, o Auditório Lúcia Lambertini era uma sala tipo depósito. Então o grupo batalhou, todos os que passaram pelo TIMOL contribuíram para a existência do espaço. Nós ficávamos horas no teatro transando cenário, materiais de cena, iluminação. Nós limpávamos o auditório e até pintávamos as paredes.

(...)

Então, em 1980, o Caruso me chamou para dirigir o TIMOL. É de pai para filho desde...

(...)

Como pessoa eu posso dizer que o TIMOL é a minha escola. Foi minha escola para a vida, num sentido social e até político. Nós trocávamos muitas ideias, discutíamos tudo. Profissionalmente a minha base é o TIMOL. Sem exagero, eu aprendi mais no TIMOL do que em qualquer colégio. (...) Porque o ensino, como está hoje, só tenta transmitir conhecimento. As crianças não aprendem mais a pensar. Só adquirem “história”. Mas o teatro faz pensar, sentir, agir. Isso é mais importante. (...) É claro que a escola e a Universidade são importantes. Mas hoje a Universidade forma doutores e o teatro forma pessoas. Na escola a criança vai ser especialista técnico naquilo só. O teatro, ao contrário, amplia o pensamento. Primeiro, porque ele trabalha com todas as linguagens artísticas; segundo, porque é o meio de comunicação mais direto. De pessoa a pessoa, ele leva ao autoconhecimento e à expressão. O teatro é importantíssimo na formação da pessoa. Para a criança e para o adolescente é fundamental.

(...)

No teatro o conflito está sempre presente, o referencial é amplo. Você trabalha com criação e não com xerox. No TIMOL nós sempre criamos de tudo. Todo teatro sempre foi uma grande oficina. A maior importância do TIMOL é ser uma escola prática de teatro. Isso está ligado ao fato do TIMOL ter seu espaço. (...) Então é importante que se preserve esse espaço para a criança e o adolescente fazer seu teatro. (...) Mas o mais importante de tudo isso é que o espaço seja preservado, para podermos um dia comemorar os 100, os 1000 anos do TIMOL.



RAPTARAM PAPAI NOEL 1983



“MERAS CALÔNIAS!”

Nosso jornal escuta e respeita as duas partes da moeda, por isso sempre fomos chamados o senhor perfeito Gomez White, em seu gabinete, para uma pequena entrevista.

P: É verdade que o senhor fez questão de Saloon da senhora Ca - feteiro todos os dias, e de lá sai todos os noites?

R: Meras calônias, meu jovem. Isso deve fazer parte de uma campanha que a oposição promove para não desmoralizar.

P: Ocorreram lutas de que o senhor, supregue todos os seus po - rentes ao perfeccionismo, isto é verdade?

R: Sem dúvida! Veja bem você, minha família é muito grande e se eu não a supregasse o desam -

prego na Tribobê chegaria a milhões amastadores.

Pergunta: Senhor perfeito, que ia até seus planos para Tribobê City, e que pretende fazer para melhorá-la?

R: Odeamos Tribobê euf a cidade mais rica do mundo. Em breve construiremos um trem de ferro, com um linha entre Florida, para o grãol povo Tri - bobense.

P: Para finalizar, um palavra - nha ao nosso povo.

R: Queris apenas aproveitar esta esta chance de se dirigir a esta grande povo para lembor-la que tudo que fazemos é para seu próprio benefício. Deixo aqui a minha palavra e adeus, e o meu mais - te obrigado a este jornal.

TRIBOBENSE

NÃO

De tempos em tempos surge um grupo, ou até mesmo grupos, com idéias nobres, que se vixim desmoralizar a nossa progressiva cidade.

Um caso tipico disso são os 75 centos bantos, que chegaram até nós, sobre uma proposta de um grupo de senhores nobres, para que se implantem em nossa cidade, a exemplo do que foi feito em outras partes, como os R.U.S., um tal grupo.

Vejam bem os senhores, o desejo bimento desta idéia, a maior parte do 75 centos bantos fiscal de nossa cidade vem da venda de bebidas alcoolicas, que seguramente representam 70% do que é hoje a nossa cidade.

Não é só o aspecto econômico - entretanto, que nos preocupa. O beber em nossa cidade tem uma função sociológica, ou seja, é sempre este que nos dá idéias de confraternização. Trocamos idéias e discutimos seus planos, fazemos pagãos, e por que não dizer fazemos revoluções.

É de extrema urgência, que as pessoas se conscientizem de abster-se da proposta, para que logo tenhamos um novo espaço, que seja significativo para todos os habitantes. Conscientes toda a população a dizer um NÃO à lei seca, a idéia espúria, filha do autoritarismo, que todos nós queremos superar. 1933.

LEIA!!!

Depois de um atraso de 6 horas, populares depreciam diligência. pág. 3

Indice reclamações feitas cheias de receber apitos. pág. 6

Novas propostas de campanha eleitoral de comunistas. pág. 5

Comunicados do Inst. Brit.



O Primeiro Beijo do Teatro Infante Juvenil: Ninguém esquece

MONSTRO OU ESPIÃO?!!!

Há anos em nossa cidade se escuta falar de famoso monstro marinho de 200 metros.

Neste suposto monstro já foi avistado de par várias pescadores, que navegavam ao sul das águas de Sagf.

Agora aparece mais um veredo sobre o caso. Um grande cientista vindo de São Paulo, tem uma nova teoria de respeito do monstro de quinze metros. O prof. Kai De Dal, diz que este monstro visto por várias pessoas, pode ser na verdade um submarino sovietico es - pião.

de São Paulo, tem uma nova teoria de respeito do monstro de quinze metros. O prof. Kai De Dal, diz que este monstro visto por várias pessoas, pode ser na verdade um submarino sovietico es - pião.

Leiamos partir de amanhã um artigo de reportagem sobre o assunto.

DAS CARTEIRAS AOS BANCOS

Na nossa cidade existem várias pessoas de grande importância e de muita destaque, que sempre figurar nestas grandiosas diárias. Um delas é uma óbvio a famosa pistoleira Jg. em Charuto, que a famosa depois de reportera Jé Piffo e Antonio Paganão, tiveram a honra de escrever - tar, em sua residência, na ditado que-ferita. Foi uma conversa de duas horas, durante a qual foram tiradas muitas palavras, que por motivo de falta de espaço não se pôde imprimir. Transcrevemos aqui as seguintes partes desta entrevista.

Jé Piffo: Senhora Juana Charuto, como jornal gostaria de saber, se se foi seu ingresso na vida de atriz?

Juana Charuto: Senhora Jé Piffo, o senhor é muito educado, sempre me disse que se eu tivesse mais uma vez a oportunidade de perguntar, começei cedo, logo aos dez anos me fui já em companhia de primeira mães de como se bater um cartela.

Antonio Paganão: Salve-me um pouco de seu avô.

J.C.: Ah... seu avô, que sempre fazia tanto feio. Meu avô foi um homem de muito valor de caráter e de muita honra, mas, que não sabia escolher os seus "clientes", nunca em sua longa carreira, "alivios" e em sua carteira havia e não que ele trabalhou bastante, morreu aos 50 anos de idade, sem nunca ter, perdidos e perdidos.

J.P.: A senhora nos falou que sempre tentou cartelas, mas que tentamos de saber de suas outras atividades profissionais, pois sei mal de contar, a senhora é uma das maiores pistoleras de toda a cidade?

J.C.: Uma das maiores não, a maior de região. Mas, logo depois das cartelas, eu e meu primo montamos um firme de proteção, que garantia a seus editores, que não se esqueceriam pelo período de um ano, por um insignificante quantia mensal. Depois tivemos os bancos, e J.P.: Como foi sua primeira experiência com bancos?

J.C.: Foi incrível. Eu estava em um cartela, quando me veio uma idéia discutida todos os detalhes de o -

peração, tudo foi muito bem planejado. Então chegou a grande dia, em meu poder se lembrar, todo o resto do jeito que havíamos previsto, isto, porém não encontramos um centavo de lucro. Eles foram avisados e há tempo separamos os cofres de segurança.

J.P.: Já tem um tempo forma assim?

J.C.: Claro, do seguinte em diante as coisas começaram a melhorar, já assimilate mais de 50 bancos até hoje.

J.P.: Salve-me um pouco sobre seu casamento com o senhor.

J.C.: É a mais desgraçada de que alguma, mas é um bom sentido.

J.P.: Como é sua vida particular? Como são seus filhos?

J.C.: Ainda não apareceu um homem, mesmo cidade, que consegue se sentir fazer, sabe todas as frações.

Após a entrevista foi brevemente interrompida e a senhora Juana Charuto saiu de repente, seg de livro para cima, pois estava de sua chamada para por em prática mais um golpe econômico, que se sabe, não seria o Sr. Banco. Não é um bom negócio!!!

18 ANOS TIMOL

Se deseja em obter informações sobre a situação atual, grandes possibilidades de lucro, escreva para o Sr. Bill no Caixa

Prezados - se de uma oportunidade jovem e com tempo disponível para horas extras. Entrevistas no Saloon à noite.

Se deseja em obter informações sobre a situação atual, grandes possibilidades de lucro, escreva para o Sr. Bill no Caixa

CIDADE MARAVILHA - 1985

A

FALA,
TIMOL!

o ler um anúncio no jornal convidando jovens poetas para participar de um Festival em uma biblioteca na Vila Buarque, vi ali a chance de encontrar pessoas que gostavam do mesmo que eu. Enviei meus poemas via correio e fui chamada a participar. Fui recebida na Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato (BIJ) pela Márcia Nunes, que tratou de dirigir a encenação de meu poema “A Um Homem”, com a participação de Mauro Cavalcante, tendo como trilha a banda de rock Uriah Heep. Apresentei-me diante de uma plateia de críticos literários. Era 1979 e eu tinha 16 anos. Paulistana, vinda do conservador bairro do Cambuci, filha de pai jornalista e mãe militar, eu andava às voltas com a vontade de me comunicar e a repressão que havia na época.

O Festival de Poesia foi um êxito e ingressei na Academia Juvenil de Letras, onde nos encontrávamos para ler e conversar sobre poesia, em torno da elegante mesa de jacarandá... Hábito que preservo até hoje com poetas, em minha residência.

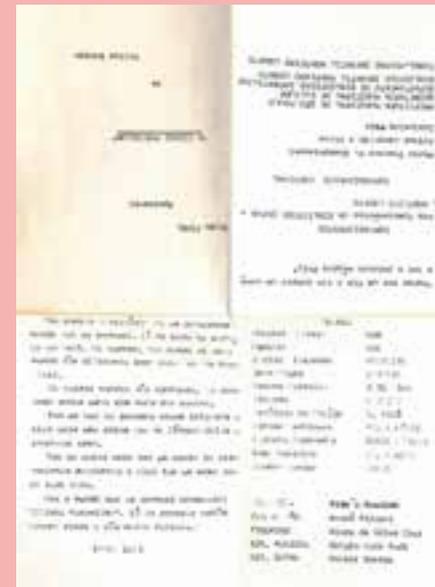
Um período de criação intensa junto aos poetas: Hugo Possolo, Brisa

Nogueira, Yara Camillo, Maria Helena Segundo, Beta Marantes, Ubimara da Silva, muita gente boa.

Acompanhávamos com entusiasmo as produções do Teatro Infantil Monteiro Lobato (TIMOL), conversávamos com os atores, éramos observadores, saíamos para ver outras peças. O que nos encantava, além de toda estrutura à disposição para realizar as leituras, peças, projeções de filmes, varais de poesia na BIJ, era a possibilidade de reunir pessoas que gostavam de escrever com pessoas que gostavam de dirigir e atuar. E vice-versa. Era um flerte artístico irresistível, que nos abria um canal de programação alternativa na biblioteca e até mesmo um intercâmbio com pessoas convidadas, interessadas em participar do processo.

Paulo Chiavegatti teve um papel decisivo nessa fusão. E a peça “Limonada, Uma Cidade Azeda”, de José Carlos Sanches, foi um desses frutos.

Mas foi ao assistir à comédia “Cotidiano”, de Valéria Lauand e Paulo Chiavegatti, e ver a Débora Lauand em cena, que me acendeu a vontade de ser atriz. Anos depois, eu viria a trabalhar com Lela e Paulinho no Grupo de Arte Boi Voador, grupo de grande projeção



Está ou não está de ponta-cabeça? Solução “genial” usada muito pelo TIMOL, em função da falta de recursos. Impressão em A4, dobrada em quatro e xerocada nas máquinas da Prefeitura. Assim nasciam os programas, com uma máquina de escrever e muita criatividade.

em São Paulo, na década de 90.

A peça “Promessas do Sol”, também dirigida por ele, foi um marco dessa união entre a Academia e o TIMOL, uma criação coletiva, vibrante, com uma crítica político-social, demonstrando nossa consciência, nossa expressão e nosso entendimento do momento vivido por nossa geração.

PAPEL E TINTA - 1984

Os ensaios de “Promessas do Sol” eram empolgantes e estavam adiantados; perguntei ao Paulo se havia ainda papel na peça. Ele respondeu que o elenco estava completo, mas que tinha uma personagem, a Prostituta, feita pela Suse Dal Chicco; eu poderia formar dupla com ela! Estreei de peruca platinada. Plateia lotada, mal respirava. Meu pai não foi assistir e minha mãe estava lá, aplaudindo.

Em 1981, ao completar meus 18 anos, era necessário deixar a Academia para dar lugar aos mais jovens; foi quando Arthur Leopoldo e Silva anunciou que montaria o musical western “Tribobó City”, de Maria Clara Machado. Fui contemplada com a vilã Joana Charuto e fiz dupla com Emílio Ribeiro, o Al Gazarra. Um desafio e um rito de passagem para mim: participar enfim do TIMOL, que eu tanto admirava. Foi uma montagem divertida, pois tínhamos que cantar e dançar, sob a batuta do Gerson Surya. Os belos figurinos eram de Cíntia Rabaçal e agradeço a ela e ao Arthur pela liberdade de criação que tive. “Tribobó City” estreitou laços com pessoas inesquecíveis: Paulinho (Chiavegatti), que viria a se tornar meu grande amigo e irmão por longos anos, Naldo Maia, Marcelus Possidônio, Vladimir Morales.

O TIMOL ensina, une, agrega, inclui, faz pensar e criar, é um patrimônio



cultural da cidade de São Paulo, berço de grandes atores e diretores.

Essa liberdade que conquistamos de criar e conviver para além do convencional determinou minha maneira de ver a vida e de ser atriz.

Em 28/09/2009, Paula Salgado e eu promovemos uma linda festa, com a colaboração de muitas pessoas, entre elas Edite Bueno. Foi o primeiro encontro do TIMOL e AJL na BIJ, ocasião em que pudemos rever e abraçar muitos amigos queridos, reafirmar laços e parcerias e contribuir para a continuação dessa história de sucesso.

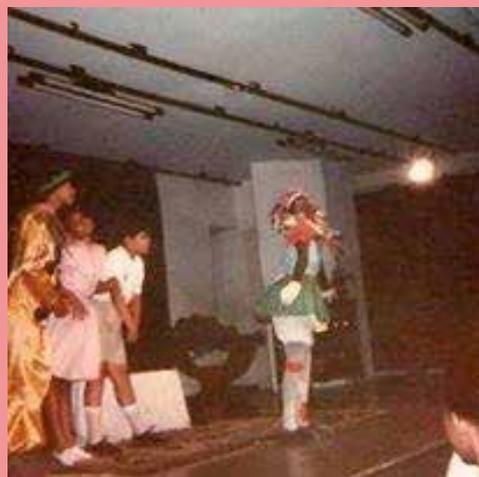


JANE
FIUZA

O CASAMENTO DA EMÍLIA - 1989



No TIMOL a Emília casou 2 vezes. Foram montados 14 espetáculos com textos de Lobato, até agora.



**FALA,
TIMOL!**

Lembro-me de que tinha 12 anos quando li no Jornal “Estadinho” (um jornal voltado para crianças e adolescentes, que vinha dentro do jornal “Estadão”) um anúncio falando do TIMOL. Fui, mas precisava da autorização e escrevi um bilhete como se fosse minha mãe, autorizando que eu fizesse Teatro. Ela não sabia e só descobriu que eu estava fazendo Teatro quando foi à estreia da peça “O Sapo e a Jiboia”, onde eu fazia a Jiboia. Depois veio “O Casamento da Emília”, onde eu fazia a Emília.

**TATIANA
GODOI**

T E A T R O

Biblioteca Monteiro Lobato

DIA 3- EM SONO PROFUNDO - Teatro adulto, com texto e direção de Alexandre Brasil. Até dia 25, Sábados e domingos, às 20h30. Entrada franca.

DIA 3- A BRUXINHA DOROTÉIA - Teatro infantil, com texto de Nilton Negri e direção de Renata Cordeiro. Elenco do Grupo Tímol, da Biblioteca Monteiro Lobato. Até dia 25, Sábados e domingos, às 10h. Entrada franca.

DIA 3- KLIKZIPIYZAPPBOUM! ou o Tubo do Tempo - Teatro infantil, com o Grupo Rabiló de Tanga, da Biblioteca Monteiro Lobato. Texto de Domingos Takeshita e direção de Renata Cordeiro. Até dia 25, Sábados e domingos, às 16h. Entrada franca.

DIA 5- AMOR POR ANEXINS - Um clássico de Arthur Azevedo, -

A BRUXINHA DOROTÉIA - 1990

AMOR POR ANEXINS 1990 A 1993



BETA BORBÔ - 1990 A 1993



A. Beltra



→ camisa de manga curta

→ calça colorida verde

Guilherme



APOIO CULTURAL

Clippyng
R. Dr. Valente, 327 - 4º - 111
Cap. 91322-000 - São Paulo

NEROURIANA
Ativ. e eventos, artesanato
Rua 1300/001 - São Paulo

Lazzulys press
Rua Dr. Valente, 327 - 4º - 111
Cap. 91322-000 - São Paulo

POUSADA DO CORSÁRIO
PARATY - RJ
FONE: (0243) 71. 1866

FOTO RÁPIDA

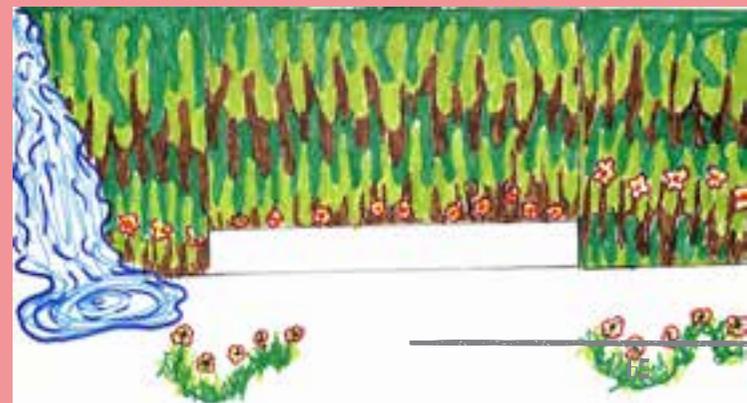
AV. ANGÉLICA, 2.216 - FONES: 255-2072 • 259-8453 • 259-0883

SMC
SECRETARIA
MUNICIPAL DE CULTURA

GRUPO TIMOL
APRESENTA

BETA BORBÔ

DE: CARLA ADUCI
DIREÇÃO: ADELDO MARA E CÍNDIA AQUINO
PRODUÇÃO: TIMOL





FALA,
TIMOL!

Conheço o TIMOL desde 1983, quando entrei para o TIBBIM (Teatro de Bonecos das Bibliotecas Municipais, que usava uma sala da Biblioteca Monteiro Lobato). O diretor, creio que era o Arthur...

Via os jovens com um entusiasmo e envolvimento contagiantes; viviam ensaiando, criando sempre em grupos; esses jovens produziam muito. Outra observação a fazer era ver o orgulho que tinham de fazer parte do TIMOL. Desses jovens, muitos seguiram e seguem no teatro até hoje.

Quando tive a oportunidade de dirigir o TIMOL, procurei manter o mesmo entusiasmo; naquela época havia muitos grupos amadores e o TIMOL adquiriu este espírito, ou seja, todo mundo fazia tudo, cenários, figurinos, adereços, escolha de textos e mesmo escrevendo, como em “O Caso do Roubo das Tranças”, criação de uma das alunas

do grupo. Foi um período muito bom, em que respirávamos teatro o tempo todo, com muita pesquisa, montagem e aprendizado.

Hoje, com orgulho, encerro este depoimento dizendo que o TIMOL fez parte da minha vida, marcando um período maravilhoso.

FRANCISCO
LUIZ

(Chicolu Carvalho)



POVOS DA FLORESTA
1990 A 1993

FULANO DE TAL FISCAL FEDERAL - 1991

O grupo
TIMOL

APRESENTA

"FULANO DE TAL
FISCAL FEDERAL "

Adaptação de CHICO DE ASSIS
Da obra "INSPETOR GERAL"
De NIKOLAI GOGOL

Direção: FRANCISCO LUIZ
Produção: Núcleo de Teatro Monteiro Lobato



DE DEZ EM DEZ SE CONTA AQUILO QUE PODERIA SER UM FAZ-DE-CONTA - 1995

TIMOL
 1965 - 1995
 50 ANOS DE DEDICAÇÃO À JUVENTUDE

APRESENTA
o espetáculo teatral

DE DEZ EM DEZ SE CONTA AQUILO QUE PODERIA SER UM FAZ-DE-CONTA

Direção: **Jairo Maciel** / Texto: **Criação coletiva do grupo**

Dezembro, sábados e domingos, às 18h
 Estação Ivoan

BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL MONTEIRO LOBATO
 Rua General Jardim, 485 - V. Buarque
 Tel: 256-4122

PREFEITURA DE SÃO PAULO

A Prefeitura de São Paulo e a Secretaria Municipal de Cultura apresentam



Grupo TIMOL
 1965-1995
 30 anos de dedicação à juventude

"De dez em dez se conta aquilo que poderia ser um faz-de-conta"

Direção: **JAIRO MACIEL**
 Texto: **criação coletiva do grupo**

BIBLIOTECA INFANTO-JUVENIL MONTEIRO LOBATO
 Rua General Jardim, 485 - V. Buarque
 Tel: 256-4038 / 256-4122

IBV
 O PARAÍSO
 BILIBNEWS
 A LIBERDADE
 O CERQUEIRA CÉSAR
 Pág. 3

De Palco em Palco
 São Paulo, de 27 de abril a 09 de maio de 1995 - 10ª 112 - ANO V

Grupo Timol retrata a ditadura militar



Intervista

Um acontecimento social, histórico e cultural se estruturou de tal forma que, sem perceber, se passou a retratar sobre as acontecimentos recentes da nossa História.

A direção e de Jairo Maciel e, a escrita de Rauli Leme, direção da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato marca o início das atividades de um grupo que, formado há 30 anos, em plena ditadura militar, nasceu a partir de alunos e alunos como Jairo Maciel, Márcus Caruso e Arthur Lepecki em sua infância.

Serviço

A Biblioteca Monteiro Lobato fica na Rua General Jardim, 485 - Tel: 256-2718. A peça será em vários aos sábados e domingos, às 18h. Até 28 de abril.

A peça "De Dez em Dez se conta aquilo que poderia ser um faz-de-conta", uma homenagem de "Palco em Palco", de Jairo CÉSAR, com direção coletiva do Teatro Infanto-Juvenil Monteiro Lobato (Timol), apoiado pela secretária Aulde Assis.

O espetáculo acompanha de maneira bem humorada, e inspirada de um grupo de jovens leucêmicos a uma festividade ditada pela realidade.

Esperamos o tempo passar e as angústias e dores se tornarem de se divertir e relaxar, e paz sobre as informações recebidas que influem no resto de



FALA, TIMOL!

credito que a minha cronologia junto ao grupo TIMOL se deu a partir de janeiro ou fevereiro de 1995 (mês incerto).

Voltei de Nova Iorque, depois de ter fixado residência nos Estados Unidos, por cinco anos, onde fui estudar devido a uma bolsa que recebi do Instituto Internacional de Teatro. Vencendo esse prazo, retornei ao Brasil.

Inicialmente, minha ideia era morar em Santa Catarina. Para ser mais preciso, na cidade de Joinville, onde minha família residia. Depois do convite para fazer pós-graduação na ECA-USP, sob a orientação do Professor Doutor Clóvis Garcia, resolvi fixar residência em

São Paulo, cidade esta que já havia me acolhido em anos anteriores.

Fui residir na Rua Maria Antônia, local este que guardo com muito carinho, pois ali fiz minhas lucubrações intelectuais.

Durante meus passeios matinais pela redondeza, sempre que podia dava uma passada na a Biblioteca Monteiro Lobato para ler os jornais do dia.

Observando a praça onde a Biblioteca está situada, pude perceber um fluxo de jovens em situações de risco; eles utilizavam o espaço da praça para “cheirar cola” (tão em voga, naquele período – hoje, crack).

Sensibilizado com aquela triste realidade, um dia resolvi procurar a diretora da Biblioteca. Depois de algumas tentativas, finalmente nos sentamos e pudemos conversar sobre aquela melancólica realidade que circundava aquele ambiente, cuja filosofia e finalidade era para o uso intelectual de crianças e jovens da região. E o que víamos era um verdadeiro flagelo de jovens e adolescentes.

A então diretora, Roseli T. Silva Leme, ficou encantada com a minha proposta de desenvolver uma oficina de teatro com aqueles jovens dependentes do “cheiro da cola”. E ali mesmo, naquele dia, criamos um escopo para um projeto sócio-cultural e teatral, que seria enviado para a Secretaria Municipal de Cultura.

Alguns dias depois, retornei à Sala da diretora Roseli e apresentei o projeto

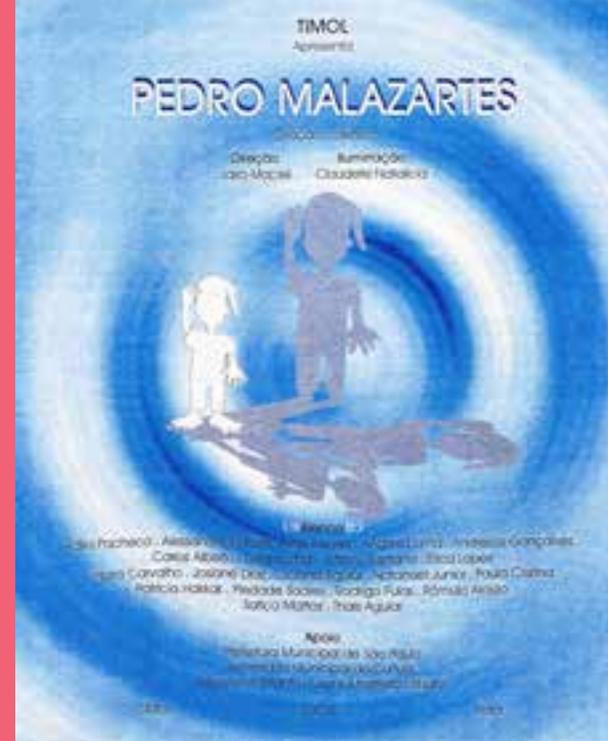
“O TEATRO COMO EXPRESSÃO DE VIDA – REATIVANDO O TIMOL”. A mesma leu o projeto e se emocionou e disse que se dependesse dela poderíamos começar imediatamente.

Solucionada a parte burocrática junto à Secretaria Municipal de Cultura, começamos imediatamente as Oficinas de Teatro. E nesse início pudemos contar com o apoio da Socióloga Azilde Andreotti.

Mesmo diante da resistência de alguns jovens usuários, muitos compareciam às oficinas de teatro que eram abertas não só para eles, mas para todos os jovens da comunidade. Acreditávamos que, assim, poderíamos integrar a juventude da comunidade – independente da situação sócio-econômica – e os que viviam na vulnerabilidade. O que vimos foi uma comunhão perfeita.

Se dentro do espaço da Biblioteca as oficinas de teatro ofereciam uma perspectiva de comunhão entre esses jovens, lá fora a realidade era cruel. Muitas vezes presenciávamos tiroteio em plena Praça da Biblioteca. Jovens presos e espancados.

Se fôssemos relatar aqui todos os fatos que presenciávamos, fatos estes que fugiam ao nosso controle e que nos deixavam muito magoados, precisaríamos de mais algumas páginas. Falo de um fato pontual. Numa manhã de sábado, ensolarada, como



fazíamos costumeiramente, chegamos à Biblioteca para realizar nossa oficina de teatro e deparamos com uma cena que nos marcou para todo sempre: um dos nossos afinados, ainda dependente do cheiro da cola, havia injetado ácido na veia do braço e ali morreu encostado junto a uma árvore da Praça da Biblioteca. Dor! Uma dor que até hoje dói!

A vida continuava e o meu projeto junto àquele coletivo estava por findar. Sentíamos que tudo ali tinha vida, tudo pulsava. Aqueles jovens tinham sido contagiados pelo vírus do teatro e eu não poderia abandoná-los naquele momento, em circunstâncias emocionais

tão graves.

Sentamos, eu, a diretora Roseli, a socióloga Azilde e, num esforço conjunto, decidimos dar continuidade ao projeto que imediatamente foi encaminhado à Secretaria Municipal de Cultura e aprovado. A segunda etapa da oficina consistia em montar um espetáculo teatral.

Propus para o coletivo a peça “Baile na Curva”, de Júlio Cesar Conte (amigo meu de Porto Alegre), que nos cedeu generosamente os direitos. Começamos a nossa pesquisa, tentando fazer aqueles jovens entenderem os anos de chumbo que o Brasil acabara de viver e que culminaria com um espetáculo que chamamos: “De Dez em Dez Se Conta Aquilo Que Poderia Ser Um Faz-de-Conta”.

Durante nossas pesquisas, trouxemos Iacov Hillel – um dos fundadores do Grupo TIMOL e Professor da EAD, Escola de Arte Dramática da USP –, que ficou muito emocionado quando soube que o grupo estava sendo reativado e principalmente quando soube da proposta de montagem de uma peça de teatro em que se falaria um pouco da História do Brasil e sobre a longa noite que parecia não ter mais fim, durando vinte e cinco anos e deixando um saldo de mortos e mutilados.

Outro momento importante durante a nossa pesquisa foi quando Geraldo Vandrê aceitou conversar com o

PEDRO MALASARTES - 1996



coletivo e falar um pouco da sua sofrida experiência junto à ditadura militar. Falou, falou, se emocionou, todo mundo chorou e depois cantou, cantou! Como ele mesmo disse: era o que ele sabia fazer de melhor. Foram momentos inesquecíveis.

Os jovens estavam superconfiantes na tarefa que tinham pela frente. Foram até a Rede Bandeirantes de Televisão e TV Cultura, conseguiram muito material sobre esse período da História. Alguns desses meninos aos poucos deixaram a “cola”, outros voltaram para casa, mesmo diante da negação dos pais (tivemos de intervir para que pudessem retornar ao lar). Foram momentos que o próprio tempo não esquecerá. Aqui, caberiam mais algumas páginas de histórias. Quantas histórias!

O resto vocês já sabem! Já havia

enviado por e-mail; o material está contido nos recortes de jornais. Montamos “De Dez em Dez Se Conta Aquilo Que Poderia Ser Um Faz-de-Conta”. E em 1996 montamos “Pedro Malasartes”.

Depois disso a vida acadêmica na USP me levou para longe desses meninos e meninas, que até hoje guardo com todo carinho em meu coração. Se tivesse que voltar lá atrás e começar tudo de novo, não hesitaria. Ficou apenas a SAUDADE! Saudade, dor que dói, que dói! É, foi um tempo que o próprio tempo não esquecerá! QUE ASSIM SEJA! Que fim levaram todas essas Crianças?

JAIRO
MACIEL

M

inha história com o TIMOL

FALA,
TIMOL!

Participar da história do TIMOL por quinze anos (1995 a 2010) e escrever sobre essa trajetória é falar de uma parte muito importante e significativa da minha vida. Sinto-me privilegiada em participar da história desse lindo projeto, que teve iniciativa de Iacov Hillel em 1965, na Biblioteca Monteiro Lobato.

Quando assumi a coordenação do grupo, em 1995, percebi a responsabilidade que tinha em manter a essência do projeto, teatro feito por crianças para crianças. Foram muitos anos de dedicação, aprendizado e paixão. Ensinando e aprendendo.

A possibilidade de conviver com tantas pessoas, suas histórias, seus projetos e seus sonhos, foi um grande presente. Muitos ficaram por anos e abraçaram o projeto como parte das suas vidas, outros passaram e outros se foram. Mas sempre deixando suas marcas e colaborando de alguma forma para o crescimento do trabalho.

Manter um grupo coeso por tantos anos me possibilitou acompanhar muitos jovens em várias etapas de suas vidas e presenciar esse crescimento,

tendo como instrumento a arte; percebi o seu poder transformador. Hoje posso ver meninas que se transformaram em mulheres e meninos em homens (artistas, “chefs” de cozinha, professores, advogadas, biólogas, relações-públicas, músicos, administradores, engenheiros, produtores, mães, pais e etc.)

Pessoas...

Acredito que seres pensantes e mais atuantes são colaboradores para um mundo melhor, pois sabem o poder do coletivo, da solidariedade, da doação, da ação, principalmente, do amor. Entendem que só se constrói algo de força, de mudança, com respeito ao próximo e à vida. A arte tem este poder esclarecedor.

Agradeço por esta passagem, que só me trouxe sabedoria para continuar minha jornada.

ROSELAINÉ BRAZ RODRIGUES

Biblioteca Infância-Juvenil Monteiro Lobato
e Grupo **TIMOL**

Convidam para a apresentação da peça
Tempo Jovem
de Roselaine Braz

Dia: 28 de setembro de 2001
Local: Teatro Fernando de Azevedo
na Praça da República
Horário: 20h30

Logos: FUNDAÇÃO DE CULTURA DE SÃO PAULO, COFAN, FUNDAÇÃO DE CULTURA DE SÃO PAULO, FUNDAÇÃO DE CULTURA DE SÃO PAULO

TEMPO JOVEM 1999 A 2001

Divulgação

Prefeitura Municipal de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura
Biblioteca Infância-Juvenil Monteiro Lobato
TIMOL – Teatro Infância-Juvenil Monteiro Lobato

APRESENTAÇÃO: Tempo Jovem
Texto: Grupo Timol e Roselaine Braz

O Grupo TIMOL (Teatro Infância-Juvenil Monteiro Lobato), se identifica como sendo um teatro feito por crianças e para crianças, caracterizando-se como grupo efetivo da Biblioteca Infância-Juvenil Monteiro Lobato desde 1965.
O objetivo principal é através da arte de representar englobar aspectos diretamente ligados à educação, incentivando as crianças à leitura e a pesquisa.

FICHA TÉCNICA:

Direção: Roselaine Braz	Coordenação: André Neres
Dramaturgia: Renato Cesar	Sonoplastia: Rosana Braz
Maquiagem: Rosana Braz	Figuras: O Grupo
Preparação Corporal: Emília Siqueira	Compositores das Músicas: André Neres e Fernando Lima
Projeto Gráfico:	

ELENCO

1. Simone Barros	8. André Neres
2. Cristiane Barros	9. Flávia de Lima
3. Karla Barros	10. Luana Souza
4. Priscila Costa	11. Adriana Moreira
5. Isabela Tulinio	12. Ana Mara
6. Dulce Santos	13. Ivan Casarato
7. Fernando Lima	

Sinopse: A peça *Tempo Jovem* foi construída a partir da criação coletiva dos adolescentes do Grupo TIMOL. O espetáculo trata das relações entre os jovens em uma sala de aula e alguns conflitos desta fase, abordando temas como sexualidade e drogas.

Público Alvo: A partir de 12 anos

Apresentações:
Dias: 11,13,18, 20 de novembro às 19:30h
21, 22 de novembro às 15:00h

Local: Biblioteca Infância-Juvenil Monteiro Lobato
R. General Jardim, 485 Fone: 256-6418

14 QUINZE O BEIJO NA TERRA - 1999 A 2002



TIMOL apresenta "O Beijo na Terra"
de MARCUS VINICIUS DE A. F. AMARAL

2002
November

Entrada Franca

DIAS:								1	2	DIAS:
QUARTAS:	3	4	5	6	7	8	9			SÁBADOS:
13, 20 e 27	10	11	12	13	14	15	16			23 e 30
às 15 horas	17	18	19	20	21	22	23			às 19 horas
	24	25	26	27	28	29	30			

Local : BJJ Monteiro Lobato
Rua : General Jardim, 500 - V. Buarque
Fone : 3256-4122

ALICE NO SÍTIO DO PICA PAU AMARELO 2002

Grupo Timol Apresenta:
Alice no Sítio do Pica-pau Amarelo

Direção: Roselaine Braz e Emilie Sugas
Dia: 20/10/2002 Às: 14.00 Horas
Teatro Alfredo Mesquita,
Av. Santos Dumont - nº 1.770
Santana - Tel 6221-3257

Entrada Franca

TEMPO JOVEM - 2003

TIMOL apresenta **TEMPO JOVEM**
de Roselaine Braz



2003

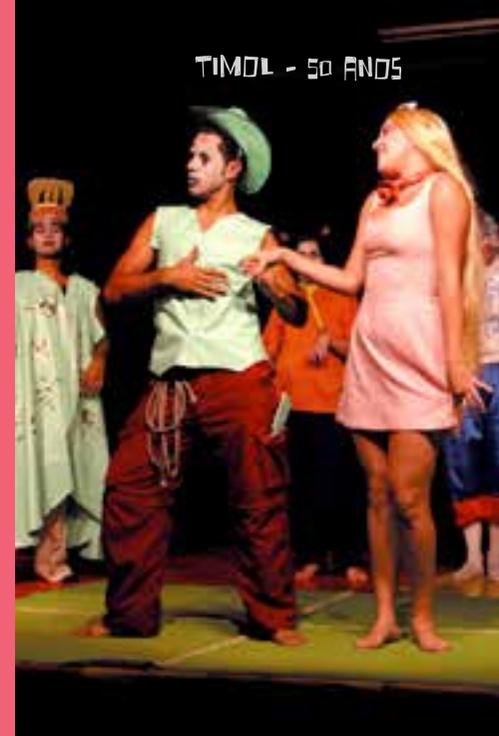
AGOSTO

					1	2	3			
4	5	6	7	8	9	10	sábados			
11	12	13	14	15	16	17	ds			
18	19	20	21	22	23	24	19:00 hs			
25	26	27	28	29	30	31				

Local : BJI Monteiro Lobato
Rua : Rua General Jardim , 485 - V. Buarique
Fone : 3256-4122



O BAÚ DA INSPIRAÇÃO PERDIDA - 2004



ALICE NO SÍTIO DE LOBATO - 2005

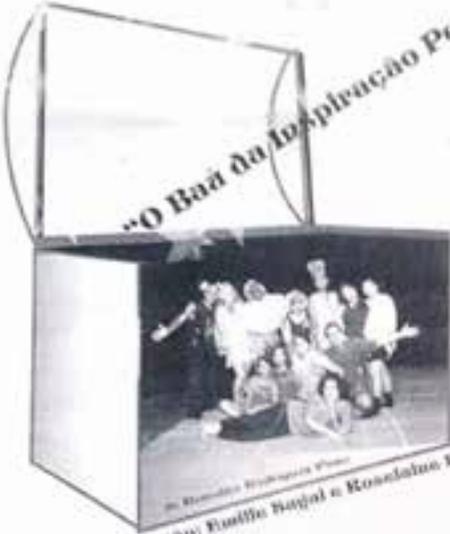




O BAÚ DA INSPIRAÇÃO PERDIDA - 2005

**Biblioteca Monteiro Lobato
e o Grapo Timol
apresentam:**

"O Baú da Inspiração Perdida"



**Aos Domingos - 11h
Abril
2005**

Gratuito

Auditoria da Biblioteca Monteiro Lobato
Rua General Jardim, 489 - Vila Sumaré
Tel: 01235-011 / Fax: 3356-4122

© 2005 PAROL

ROMÃO E JULINHA, ÀS AVESSAS 2006 A 2008

GRUPO TIMOL
Apresenta
ROMÃO E JULINHA, ÀS AVESSAS
(uma adaptação da obra de Oscar Wilde)
Teatro Infância-Juvenil
Direção - Rosalinda Braz e Estelle Sogal

TEMPORADA 2006

OUTUBRO
Quartas-feiras: 11, 18 e 25, às 15h
Quintas-feiras: 19 e 26, às 15h

NOVEMBRO
Quartas-feiras: 8, 22 e 29, às 15h
Quintas-feiras: 9, 16, 23 e 30, às 15h
Sábados: 11, 18 e 25, às 10h

DEZEMBRO
Quinta-feira: 5, às 15h
Quinta-feira: 7, às 15h
Sábados: 2 e 9, às 16h

Local: Auditório da Biblioteca
Monteiro Lobato
Rua General Jardim, 485
Vila Guará
Tel. 3256-4122

ENTRADA FRANCA





A PÍLULA FALANTE 2008





ALICE NO
SÍTIO DE
LOBATO
2009





ARTHUR

Simplesmente Arthur... Único e inconfundível, até imitado, jamais igualado.

Hiperativo, como gênio que era; ansioso, inteligente demais, sofria de excesso de ideias. Tantas, que jamais conseguiu ordená-las o suficiente para fazê-las materializar. Isso ninguém entendia.

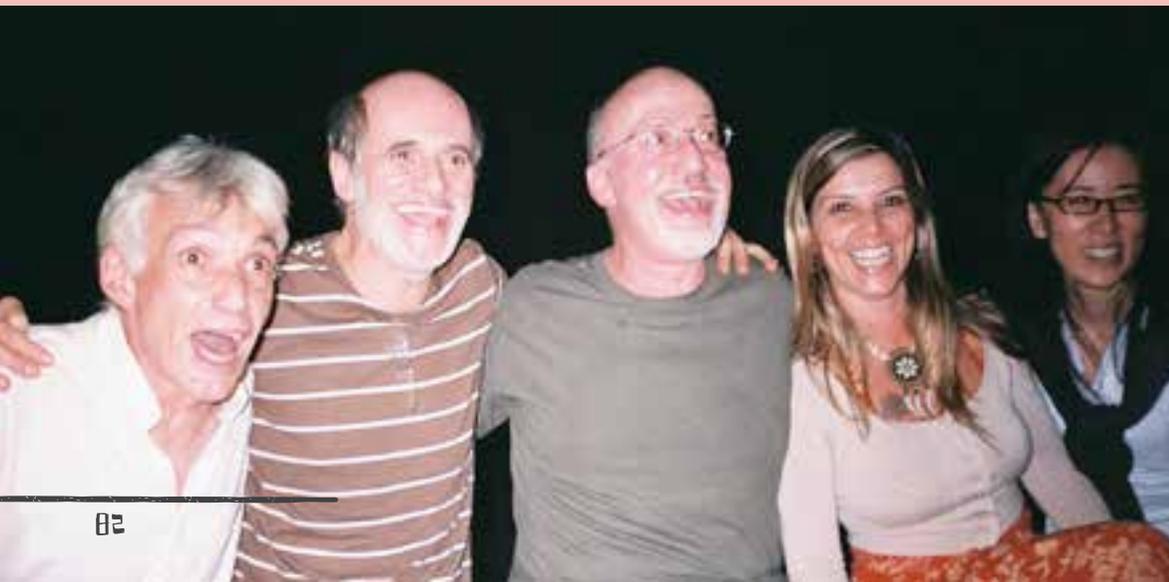
Atrapalhado, como os gênios são. Era canhoto, mas foi obrigado (como acontecia até meados dos anos 60) a aprender a escrever com a mão direita, resultando numa letra bem ruim e em duas mãos completamente desastradas, destruidoras. Quando surgiram os primeiros *fast foods*, no início dos anos

70, silenciou um “Jack in the Box” (na Rua Sete de Abril), só para descartar o lixo de sua bandeja, assustando os clientes com o barulho, um assombro! Para sair de casa procurava, pegava, soltava, desistia e descartava MIL coisas, colocando e tirando-as dos bolsos, até perder alguma coisa importante, como um documento. Ia e voltava, entrava e saía de quartos, da cozinha, esquentava e tomava uns três cafezinhos durante aquela preparação e, finalmente, saía. Atrasado, cronicamente. Depois voltava, correndo e suando porque tinha “esquecido” alguma coisa. O mais seguro era permanecer fora do caminho...

Engraçado, era MUITO engraçado, gestos, expressões, posturas, tudo muito histriônico, como o *clown* genial que era; um tipo de pantomima ambulante,

algo entre Chaplin, Harold Lloyd... Muito talentoso, “achou-se” na arte teatral ainda bem jovem, viveu nessa arte, ensinou essa arte com graça e extrema competência, coisa para poucos. Produziu, dirigiu, interpretou, foi cenógrafo, iluminador, sonoplasta, encenador, oficineiro, professor, foi TUDO no mundo do teatro, um mundo à parte, como todos sabem. Só não conseguia cantar, por puro bloqueio, porque tinha uma bela voz de barítono que nunca dominou, caía na gargalhada, em cena.

AMIGO, foi amigo de todos, sempre tinha uma palavra boa, um incentivo, um “toque”; jamais falava mal, pouquíssimo criticava. Perdoava TUDO, esquecia logo, mesmo que tivesse até chorado, se magoado, sempre deixava barato, “tudo bem”. GENEROSO, de um desprendimento que não conheço nada parecido. BOM, cheio de bondade dentro do peito, portanto indefeso neste mundo em que vivemos. Não sabia dizer NÃO, tornando-se frágil diante dos “outros” por isso. Dedicado, totalmente dedicado à sua arte, ao teatro. No final de 2014, FINALMENTE conseguiu organizar seu currículo COMPLETO, pela primeira vez: teve uma surpresa. Iniciando em 1967, totalizou mais de 40 páginas repletas. Ele, olhos arregalados, disse: “Nossa, EU fiz TUDO ISSO???” Espetáculos, oficinas ministradas, cursos feitos e ministrados, criação de grupos etc. etc. etc.



Já no século XXI um curso superior de Pedagogia, que fez devagar e terminou com louvores. Especializado em duas matérias, deixou incompleto um trabalho de pós-graduação (uma tese de Arte Educação, claro). Além de não ter conseguido uma bolsa (por causa da idade), a cada vez que chegava próximo da conclusão percebia novos aspectos que poderiam melhorar sua tese. Desde a infância foi perseguido implacavelmente pelos medíocres em postos de comando, que tinham PAVOR de sua genialidade, de suas ponderações muito à frente no tempo, do seu carisma. Neste país é assim. Não conseguia mais trabalho nas suas áreas; sabe-se porque, mas nem vale registrar.

HUMILDE, tão humilde, como só as Grandes Almas podem ser. Nos últimos dois anos veio morar no litoral e empurrava um carrinho de sorvetes, de onde tirava uma subsistência básica, muito modesta. Fez faxinas, por diárias, e na maior alegria, porque tinha um trabalho. As leis que promovem a contratação de maiores de 50 anos pelas empresas chegaram meio tarde para ele, sua saúde já não era a mesma, fumante inveterado. SÓ DEIXOU LUZ E AMOR, por todos os lugares onde passou e conquistou as pessoas. Sei que se foi cansado de tanta 'batalha'. Seu maior legado é uma beleza, uma criatura linda, talentosa, MARINA.

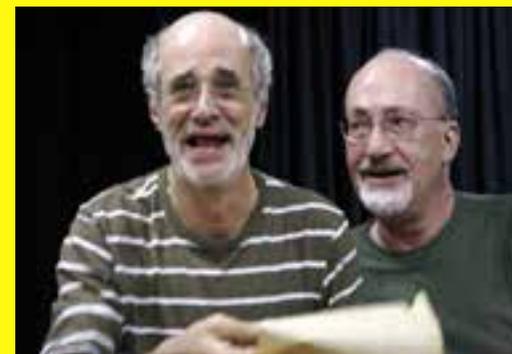
Seu nome nunca brilhou em marquises de teatros, em matérias especializadas; não esteve em “entourages”. Mas permanecerá sempre brilhando intensamente no espírito de CADA UM que teve o privilégio de conviver com ele. Não foi para a LUZ porque já É a LUZ, sempre foi. Nesta época em que já vivemos a Nova Era, em que o planeta está elevando sua frequência vibracional, ele não morreu simplesmente. Porque na verdade a morte não existe, somos todos seres imortais. SOMOS ALMAS, temporariamente instaladas em corpos. Assim, ele ASCENDEU, chegou às dimensões superiores ANTES de nós, que o amamos. Quando chegar nossa vez ele nos receberá, tão brilhante e iluminado que só o reconheceremos porque, no momento de nos dar boas-vindas, ele vai chegar atrasado, correndo, riscando o espaço como o cometa de cauda mais luminosa já visto...

Arthur Leopoldo e Silva 1954 - 2015

por Cíntia Rabaçal

ENCONTRO - 2009

Em 2009 foi realizado um encontro entre diversos artistas que passaram pelo TIMOL ao longo de sua história. As fotografias destas páginas são deste encontro. Na página 82: Arthur Leopoldo e Silva, Marcos Caruso, Iacov Hillel, Roselaine Braz e Emilie Sugai; nesta página, abaixo: Hugo Possolo e Yara Camillo; Marcos Caruso e Iacov Hillel; Arthur Leopoldo e Silva, Marcos Caruso e Iacov Hillel.



CORALINE 2011

TIMOL - Teatro Infantil Monteiro Lobato - apresenta.

Coraline

Cenas adaptadas do conto de Neil Gaiman

"Coraline" é um conto de terror para crianças, que fala sobre a medo e a coragem diante de situações difíceis da vida.

Adaptação: Grupo TIMOL
Direção: Martha Dias

Apresentações:

01/12 - quinta-feira às 15h

02/12 - sexta-feira às 20h

04/12 - domingo às 15h

Local:

Audatório da Biblioteca Monteiro Lobato



oje tem TIMOL

FALA,
TIMOL!

A primeira lembrança que tenho de teatro vem dos meus oito anos, quando assisti à peça “O Museu da Emília” encenada pelo TIMOL em 1968.

Lembro-me de que naquele ano ganhei minha bicicleta Faustina e tomava leite com groselha para ir passear na pracinha, que não possuía grades. Fazia todo o percurso da praça rodeando o Teatro Leopoldo Fróes, a Biblioteca e descendo com velocidade as rampinhas que davam acesso à calçada.

A praça e sua Biblioteca são até hoje o quintal da minha casa.

Quando D. Benta se queixava dos botões que Pedrinho perdia de suas roupas, tinha início uma viagem que decidi fazer para sempre: fazer teatro.

Aos doze anos comecei a frequentar os ensaios do TIMOL, juntamente com minha irmã Débora e nossa amiga Telma. Não cheguei a estreiar em “O Casarão”, já sob a direção de Marcos Caruso (Ruso); porém, pude participar de improvisações e leituras do texto e nem tenho como relatar a importância que senti por estar ao lado daqueles monstros sagrados do meu universo teatral que eu havia visto

em cena, despertando em mim o desejo de atuar.

Em 1973, enfim, minha estreia: “Vida de Palhaço”, e a esta seguiram-se outras montagens, até 1979, quando, já com dezenove anos, precisei deixar o grupo. Nesse tempo já havia entrado para o teatro profissional com o Caruso e não posso deixar de citar que meu querido e saudoso amigo/irmão Paulo Chiavegatti, também do grupo, anos depois, foi meu padrinho quando entrei na EAD – Escola de Arte Dramática, onde reencontrei Jacov, então meu professor de interpretação. E assim muitas voltas este mundo deu.

Destino caprichoso!

Trinta e três anos depois, retorno como diretora do grupo.

Quando retornei ao TIMOL, em 2012, havia apenas um encontro semanal, o que é bem pouco perto do número de ensaios que antigamente se fazia (três a cinco dias da semana) e o grupo havia se transformado numa turma do PIÁ (Programa de Iniciação Artística)! Como pode? Em diálogo com a Direção da Biblioteca e Coordenação do PIÁ, projeto que abrigava o grupo desde 2011, recuperei mais uma tarde de ensaios.

HISTÓRIAS NA GARRAFA 2013





Em 2013 e 2014, fui contratada pelo Programa Vocacional; já ensaiávamos duas vezes por semana no Auditório, que havíamos perdido como nosso espaço. E pensar que o Auditório só existe porque aquelas crianças lideradas pelo Iacov ocuparam-no com suas invenções... Felizmente, em 2015 outra conquista se deu, o TIMOL voltou a ser gerido pelo Sistema Municipal de Bibliotecas, o que o aproxima de sua situação original no ano em que celebra os seus 50 anos de existência; o grupo finalmente voltava para sua casa.

...

Sentada ao fundo do palco, ouço a porta, feita de vidro e madeira, abrir-se, com seu som peculiar que já conheço há tantos anos. O primeiro rosto surge. E assim, em todas as tardes de ensaio, um a um atravessa a porta, adentra o Auditório cujo aroma também reconheço, e tornamos verdade uma frase que me acompanha há anos: Hoje tem TIMOL – seja para assistir, para atuar ou para dirigir.

Cada integrante desta nova fase da minha experiência parece espelhar a criança/adolescente que fui. Juntamente com essa garotada, a quem agradeço com muita emoção, que me acompanha nestes últimos quatro anos, pude escrever minha terceira história.

Destino caprichoso!

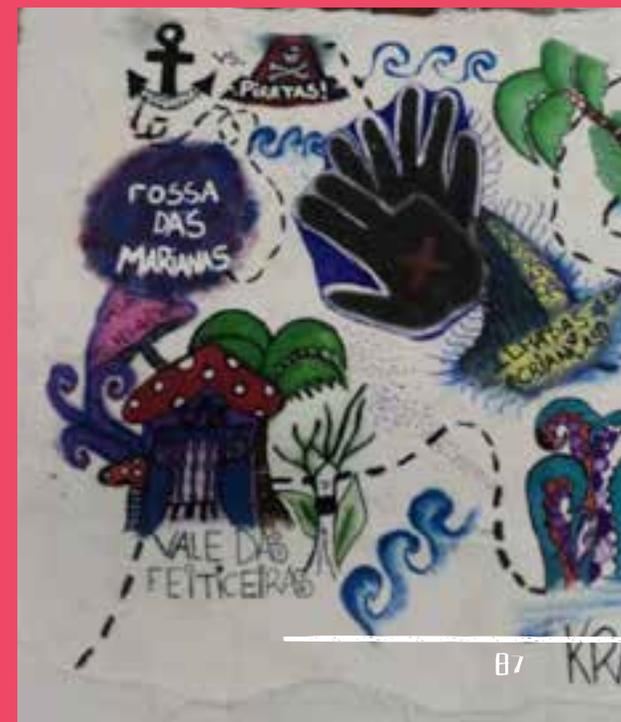
Comemorei em cena o décimo aniversário do grupo; quando poderia imaginar que estaria lá celebrando seus 50 anos?

Obrigada por tudo, TIMOL.

FELIZ ANIVERSÁRIO!

Que você possa fazer outras crianças tão felizes quanto fez a mim.

**VALÉRIA
LAGANO**





EVAPOROU-SE 2014 A 2015



FALA,
TIMOL!

IMOL: algo que se faz presente na minha vida desde 2012, quando entrei pela primeira vez no auditório e percebi seu cheiro tão único. Frio na barriga. Eu não conhecia ninguém – e depois foi como se já os conhecesse há muitos anos.

Quando tento escrever sobre tudo o que tenho vivido nesse lugar e grupo tão maravilhoso, tenho certa dificuldade, como se o que sinto não pudesse caber num pedaço de folha e se contentasse em ser exclusivo do coração.

Esse grupo só me faz mais feliz a cada dia, como uma grande família. Leva os atores ao palco para contar histórias; fora dele somos melhores cidadãos.

LARISSA
FREIRE





TIMOL tem sido uma experiência grandiosa em minha vida.

Durante muitos meses, em 2014, passei por umas lutas, coisas que me deixaram bem abalada. Dentro do TIMOL consegui me reerguer.

O TIMOL me faz bem, alimenta minha alma. A necessidade é tanta, assim como respirar. Tem o poder de me fazer flutuar, esquecer o mundo e os problemas. É minha felicidade. E felicidade, para mim, é uma janela para o mágico. Minha janela é o TIMOL.

**CAROLE
SCHIMITH**



om, para mim, o TIMOL foi um presente. Entrei meio desnorreada, com a visão que era realmente uma aula de teatro ou algo parecido; superou todas as minhas expectativas.

Quando entrei estavam em fase de

**FALA,
TIMOL!**

retomada de uma antiga peça, “Evaporou-se”, onde tive que me encaixar e, como dizem, “dançar conforme a música”. No começo achei que seria muito difícil me encaixar num papel tão forte como o do prefeito, contando com o fato de que eu tinha acabado de chegar, mas o apoio, e a ajuda que todos me deram, foi lindo e consegui fazer tranquilamente.

O TIMOL é um grupo, quase uma família, que trabalha sempre em conjunto, e que me acolheu de uma maneira encantadora. Cada experiência, cada improvisação era um sentimento novo, meus olhos chegavam a brilhar ao ver tamanha manifestação da Arte ali na minha frente, representada por pessoas tão jovens e com tanto gosto pela coisa. Eles me fizeram e ainda fazem amar cada vez mais o teatro. Eles não, NÓS, pois agora também faço parte dessa família, que há 50 anos vem trazendo lindas experiências a todos que já passaram por aqui, pois você pode até sair do TIMOL, mas ele nunca sairá de você!

**NATÁLIA
NOVAES**



quantas máscaras nós temos?

A máscara da família, a máscara dos amigos, a máscara do profissionalismo, a máscara do desconhecido...

Máscaras essas que nos auxiliam na camuflagem da pessoa que somos. Escondemo-nos atrás de facetas de nós mesmos, como um próprio *alter ego*, que nos protege da completa exposição.

O teatro, pra mim, é muito engraçado. Entrar no auditório é sentir a queda de todas as máscaras, facetas e falsos eus. O auditório é aceitação, é desconstrução do mito social do sorriso ser a única emoção aceitável. É válvula de escape. Sou eu.

E é construindo, incorporando e trazendo vida ao personagem do papel que eu sou eu. O que deveria ser a maior de todas as máscaras torna-se, na verdade, um espelho.

Isso é teatro. Isso é TIMOL.

**LARA
BIANCO**

E

FALA, TIMOL!

estava voltando do Colégio em mais um dia de indecisões da adolescência, o dia ensolarado e o cansaço mental eram tão grandes que eu e meu amigo Gabriel cogitamos a possibilidade de ficar calados por alguns segundos.

E então, do nada, eu disse a frase que mudou toda minha vida: “Sabe, meu sonho sempre foi ser ator”.

Gabriel riu e disse a segunda frase mais importante da minha vida: “Legal, eu poderia te apresentar no grupo em que faço teatro.”

E assim arranjamos um assunto para o resto do caminho de casa, e o resto dos próximos dois anos.

Gabriel narrou toda a história de um grupo infantil que fora criado por um jovem garoto apaixonado por teatro, aquilo parecia mais uma contação de história de tanta magia. Meu grande amigo também não pôde deixar de falar de seus grandes méritos em cima do palco, dos papéis principais que fez e dos elogios que recebeu.

No meio daquele carisma imenso com que o grupo TIMOL foi descrito, pelos argumentos fortes e olhos brilhantes de Gabriel, eu formei milhares de imagens



de como seriam as pessoas lá dentro, se eu me identificaria, se seria de fato bom em cima do palco.

Certo dia, meu amigo veio me avisar de um “pré-encontro” do grupo para matar a saudade. O evento era uma peça de teatro de sombras no próprio auditório onde eu iria ensaiar pelo resto do ano. Combinei com Gabriel e ele me levou para aquela biblioteca velha e estranha aos meus olhos.

Uma garota careca chegou, beijou o Gabriel e perguntou meu nome.

“Henrique”, eu disse, gaguejando.

Logo depois vieram outras pessoas que eu não me lembro e enfim ELA, a famosa VALÉRIA DIRETORA DO TIMOL E EX-NTEGRANTE DO GRUPO.

Ela me cumprimentou e perguntou meu nome.

“Henrique” – fazendo força para deixar a voz sair.

Entramos no auditório, e um cheiro imundo de coisa velha veio ao meu

nariz me trazendo desagrado. Sentamos e percebi logo de cara que éramos uns poucos na platéia; os integrantes conversavam enquanto eu esperava pequenas brechas para rir e me inserir o mínimo na conversa. Eu não sabia como reagir aos olhares avaliativos daquela mulher misteriosa que só vestia preto, cheguei a imaginar que ela tinha me achado bonito.

O espetáculo tinha cerca de 40 minutos, os quais se arrastaram, me fazendo deslizar pela poltrona, não estava nada acostumado com peças “longas”. Quando finalmente terminou, me despedi do grupo e fui para casa pensando em como seria meu primeiro dia.

Faltava uma semana para o nosso PRIMEIRO ENCONTRO, o tempo parecia se arrastar mais lentamente, como se a peça que eu havia visto com o grupo tivesse se multiplicado 1800 vezes. Demorou, mas o dia chegou. Desci as escadas do meu prédio e vi, ao lado de Gabriel, um menino magro, um rosto já conhecido por mim (meu vizinho).

Chegando lá, eu conheci a coxia, que não fazia sentido algum para mim, parecia desleixada e desorganizada; o palco não parecia ser um ambiente confortável de estar.

Exercícios rolaram, e uma cena ruim, minha, também; e acho que depois disso eu não me lembro...

Foi como se um clarão começasse a iluminar minha mente – fazendo aquela coxia, que aparentava ser tão complexa, tornar-se totalmente compreensível – e me ajudasse na magia da criação, como se o cheiro de coisa antiga tivesse se transformado no cheiro mais confortável e energético da minha vida, como se aquela biblioteca fosse um castelo de histórias inimagináveis. O palco agora era onde eu gostava de ficar, era impossível me conter no TIMOL, lá eu recebia um choque de 220v de criatividade.

Eu me dediquei ao teatro mais do que já havia me dedicado a algo na minha vida, aquilo era bom, estar ali sendo outro era um presente para mim.

Nas cenas bem ruins, nos personagens mais falhos e mal planejados, o amor por aquela arte continuava crescendo no meu coração.

Eu evoluí e agora o palco parece

fazer sentido; e uma pequena parte desse mistério imenso do teatro me fez sentir que podia viver ali tranquilamente.

Buscando e correndo atrás das teorias teatrais só para me considerar um ator de verdade, eu me tornei um ser criador, que vive a favor de sua arte, que se move pelo amor ao que faz.

O centro da cena deixou de ser o importante, a atenção da platéia, os elogios, tudo se tornou mera alegoria depois que eu comecei a viver essa descoberta contínua chamada TIMOL.

Amo o TIMOL como se fosse meu pai, às vezes não nos entendemos, mas só queremos fazer o melhor um pelo o outro.

TIMOL 50 anos.

HENRIQUE
PERICLES



FALA,
TIMOL!

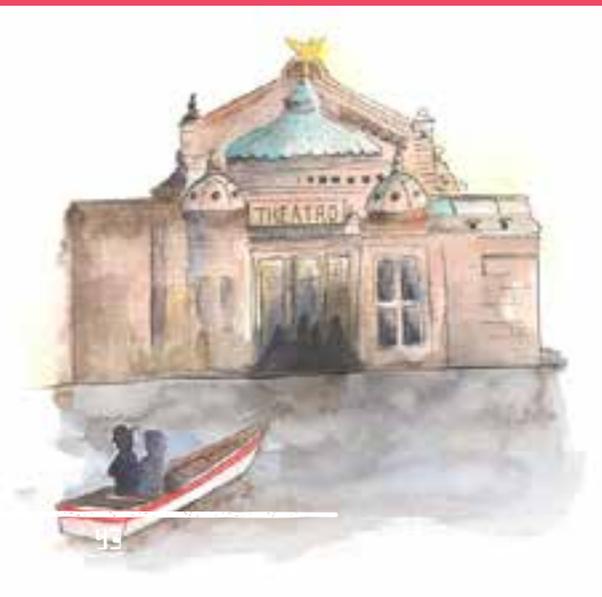
TIMOL deu poesia às minhas tardes, não só de terça e quinta, mas também quando eu o deixava e ele não saía da minha cabeça. Cada exercício, conversa, cena, corpo e alma. A direção é uma etapa excepcional e tenho certeza de que não houve pessoa que soubesse lidar melhor conosco do que a Valéria. Mãe, amiga, mestra. Para falar a verdade, o TIMOL para mim é mais escola do que minha própria escola. É estranho isso: aprender a ser o outro e chegando cada vez mais perto de nós mesmos.

Comecei em 2012 e quero ter o orgulho de dizer, quando tiver algum passado, que meu primeiro passo foi aqui. Ele muda. Deve ter mudado. E mudará. Porém, o cheiro e a vontade de ser continua a mesma, espero que sempre. Quando o deixar, só ficarão as lembranças (lindas) que eu tenho daquele lugar. Sinto orgulho de fazer parte desse grupo que me fez crescer como ator e pessoa. Gratidão.

NINGO
LIMA



O CONTO DA COMPANHIA DESCONHECIDA - 2015



Elenco atual do TIMOL

TODOS OS ESPETÁCULOS DO TIMOL

1965

1. O MUSEU DA EMÍLIA

Autoria – Monteiro

Lobato

Direção – Iacov Hillel

Outubro

2. A BRUXINHA QUE ERA BOA

Autoria – Maria Clara

Machado

Direção – Iacov Hillel

3. MARGARIDA DO CASTELO

Autoria – Nilda Maria
Quadros

Direção – Iacov Hillel
Dezembro

4. AUTO DE NATAL

Autoria desconhecida

Direção – Iacov Hillel

1966

5. MARGARIDA DO CASTELO

Autoria – Nilda Maria
Quadros

Direção – Iacov Hillel
Outubro

6. QUERO A LUA

Adaptação - Tatiana
Belinky (Da obra de
James Thurber)

Direção – Iacov Hillel
Dezembro

7. PRESÉPIO VIVO

Autoria desconhecida

Direção – Iacov Hillel

1967

Julho

8. QUEM CASA QUER

CASA

Autoria – Martins Penna

Direção – Iacov Hillel

Participação no V

Festival de Teatro

Amador do Estado de

São Paulo

(Então como Grupo
Experimental TIMOL)

- 1º lugar nas
eliminatórias da Capital,

empatando com “Os
Fuzis da Sra. Carrar”

(Grupo Porão)

- 4º lugar nas semifinais
de Santo André-SP

- Prêmio de melhor atriz
coadjuvante para Wilma

Schiesari-Legrís

- Prêmio de melhor

figurinista para Rodiön

Gracel

Dezembro

9. SINOS DE NATAL

Autoria – Lucia

Benedetti

Direção – Iacov Hillel

1968

Maior

10. O MUSEU DA EMÍLIA

Autoria – Monteiro

Lobato

Direção – Iacov Hillel

Agosto

11. UM FANTASMA

CAMARADA

Autoria – Helen Louise

Miller

Direção – Iacov Hillel

Outubro

12. O PASTELÃO E A TORTA

Tradução e adaptação–
Claudio Fornari (De uma
farsa medieval)

Direção – Iacov Hillel

13. MÉDICO À FORÇA

Adaptação da obra de
Molière

Direção – Iacov Hillel
Dezembro

14. A DÁDIVA

Autoria desconhecida

Direção – Iacov Hillel

1969

15. QUANDO EU ERA MENOR TIRAVA ÁGUA DO POÇO, AGORA QUE CRESCI PERDI O BALDE

Criação coletiva

Direção – Iacov Hillel

[Este espetáculo não
teve permissão para
ser apresentado na

Biblioteca. Foram
feitas algumas

leituras no Teatro de

Arena. Esse trabalho
permanece, vivo, na

memória de todos
os que participaram.

Nas palavras de Iacov
Hillel: “Um texto e um
procedimento muito
modernos para a

época... Uma pesquisa
sobre depoimentos e
escritos da meninada.

TIMOL com toda honra.”]

Dezembro

16. RAPTARAM PAPAI

NOEL

Autoria – Maria Clara
Machado

Direção – Maria
Christina Tavares

1970

Junho

17. PLUFT, O

FANTASMINHA

Autoria – Maria Clara
Machado

Direção – Maria
Christina Tavares

Outubro

18. CIRCO DE BONECOS

Autoria – Oscar Von
Pfulhl

Direção – Maria
Christina Tavares

Dezembro

19. AUTO DE NATAL

Adaptação do Evangelho
de São Lucas

Direção – Iacov Hillel

1971

Março

20. A VERDADEIRA HISTÓRIA DA GATA BORRALHEIRA COMO ACONTECEU NO BRASIL, POR VOLTA DE 1930

Autoria – Maria Clara
Machado

Direção – Iacov Hillel
Dezembro

21. O EMBARQUE DE NOÉ

Autoria – Maria Clara
Machado

Direção – Marcos Caruso
e Christina Tavares

1972

Abril

22. O SACI

Adaptação – G.D. Leoni
(Da obra de Monteiro
Lobato)

Direção – Marcos Caruso
Agosto

23. A ONÇA E O BODE

Autoria desconhecida
Direção – Arthur

Leopoldo e Silva
**24. A ÁRVORE QUE
ANDAVA**

Autoria – Oscar Von Pfhul

Direção – Maria Christina Tavares
Outubro

25. O CASARÃO

Autoria – Walter Quaglia
Direção – Marcos Caruso
Dezembro

26. PRESÉPIO DE RUA

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
1973

Maio

27. O APRENDIZ DE FEITICEIRO

Autoria – Maria Clara Machado

Direção – Marcos Caruso
Novembro

28. VIDA DE PALHAÇO

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
1974

Outubro

29. FESTIVAL DE FANTOCHES

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
Dezembro

30. A DÁDIVA

Autoria desconhecida
Direção – Marcos Caruso
1975

Abril

31. HOMENAGEM A LOBATO – Semana do

Livro

Autoria – Marcos Caruso

Direção – Marcos Caruso
Junho

32. UMA NOITE ENCANTADA

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
Dezembro

33. PRESÉPIO DE RUA

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
1976

Agosto

34. PERFEITÁPOLIS, A CIDADE DA ALEGRIA

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
Dezembro

35. AUTO DE NATAL

Autoria desconhecida
Direção – Marcos Caruso
1977

Junho

36. SANTA SANTINHA

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
Setembro

37. CINDERELA

Adaptação e criação coletivas
Direção – Marcos Caruso
Outubro

38. CONTRASTES

Criação coletiva
Direção – Marcos Caruso
Novembro

39. DE BERÇO A BENGALA

Criação coletiva
Direção – Marcos Caruso

Dezembro

40. AUTO DE NATAL

Autoria desconhecida
Direção – Marcos Caruso
1978

Maio

41. PERFEITÁPOLIS, A CIDADE DA ALEGRIA

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
Outubro

42. O CASARÃO

Autoria – Walter Quaglia
Direção – Marcos Caruso
Dezembro

43. PENSAMENTOS SOBRE O NATAL

Criação coletiva
Direção – Marcos Caruso
1979

Maio

44. OCULOSÂNDIA

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
Outubro

45. UM LADRÃO NO QUARTEIRÃO

Autoria – Marcos Caruso
Direção – Marcos Caruso
Dezembro

46. A DÁDIVA

Autoria desconhecida
Direção – Marcos Caruso
1980

Maio

47. OS FARSANTES

Adaptação– Cintia Rabaçal (De uma farsa medieval)

Direção – Arthur Leopoldo e Silva

Outubro

48. A ONÇA E O BODE

Adaptação coletiva (De uma fábula)

Direção – Arthur Leopoldo e Silva
Dezembro

49. AUTO DE NATAL

Adaptação – Arthur Leopoldo e Silva
Direção – Arthur Leopoldo e Silva

1980/81

50. PINGO E PONGO

(Uma pantomima)

Roteiro – Edson Nogueira Biller
Direção – Edson Nogueira Biller

1981/83

51. OS PALHAÇOS

Roteiro – Marcos Magro, Cintia Rabaçal e Arthur Leopoldo e Silva

Direção – Arthur Leopoldo e Silva
1982

Maio

52. O CASAMENTO DA EMILIA

Adaptação da obra de Monteiro Lobato
Direção – Arthur Leopoldo e Silva e Lívia Cristina de Freitas
Setembro

53. DA TRAGÉDIA AO ABSURDO

Criação Coletiva
Direção – Arthur Leopoldo e Silva
Outubro

54. O PEQUENO PRÍNCIPE

Adaptação da obra de Saint-Exupéry
Direção – Arthur Leopoldo e Silva
Dezembro

55. RAPTARAM PAPAÍ NOEL

Autoria – Maria Clara Machado

Direção – Arthur Leopoldo e Silva
1983

56. OS FARSANTES

Adaptação– Cintia Rabaçal (De uma farsa medieval)
Direção – Arthur Leopoldo e Silva
Junho

57. TRIBOBÓ CITY

Autoria – Maria Clara Machado

Direção – Arthur Leopoldo e Silva
1984

58. PAPEL E TINTA

Adaptação – Cintia Rabaçal (Da obra de Maria Angélica de Oliveira)
Direção – Arthur

Leopoldo e Silva

1985

59. A CIDADE

MARAVILHA

Autoria - Valter Santos

(Valter Mandú)

Direção - Valter Santos

(Valter Mandú)

1986 e 1987

NÃO FORAM

ENCONTRADOS

REGISTROS DO TIMOL

NESSE PERÍODO.

1988/89

60. O SAPO E A JIBOIA

Autoria - José Arrabal

Direção - Renata

Moraes

1990

Abril

61. O CASAMENTO DA

EMÍLIA

Adaptação coletiva

(Da obra de Monteiro

Lobato)

Direção - Renata

Cordeiro

Novembro

62. A BRUXINHA

DOROTÉIA

Autoria - Nilton Negri

Direção - Renata

Cordeiro

1991

63. BETA BORBÔ

Autoria - Carla Aducci

Direção - Claudia Aguiar

e Aderaldo Maia

1990/93

64. AMOR POR ANEXINS

Autoria - Arthur Azevedo

Direção - Francisco Luiz

(Chicolu Carvalho)

65. PRAÇA DE

RETALHOS

Autoria - Carlos Meceni

Direção - Francisco Luiz

(Chicolu Carvalho)

66. O CASO DO ROUBO

DAS TRANÇAS

Autoria - Zoica Andrade

Direção - Francisco Luiz

(Chicolu Carvalho)

67. POVOS DA FLORESTA

Adaptação - Jose Maciel

e Francisco Luiz

Direção - Francisco Luiz

(Chicolu Carvalho)

68. FULANO DE TAL,

FISCAL FEDERAL

Autoria - Chico de Assis

Direção - Francisco Luiz

(Chicolu Carvalho)

1994

NÃO FORAM

ENCONTRADOS

REGISTROS DO TIMOL

NESSE PERÍODO.

1995

69. HISTÓRIAS DO SÍTIO

Adaptação da obra de

Monteiro Lobato

Direção - Roselaine

Braz

(Ainda como grupo

Lambãozinho, vindo do

CCJ da Praça Roosevelt)

70. O MENINO MÁGICO

Adaptação da obra de

Rachel de Queiroz

Direção - Roselaine

Braz

(Ainda como grupo

Lambãozinho, vindo do

CCJ da Praça Roosevelt)

71. A ESPADA DE OURO

DO AVÔ DO TATARAVÔ

Adaptação da obra de

Marisete Rizzoli

Direção - Roselaine

Braz

1995/96

72. DE 10 EM 10 SE

CONTA AQUILO QUE

SERIA UM FAZ DE CONTA

Adaptação coletiva (Da

obra "Bailei na Curva",

de Julio Cesar Conte)

Direção - Jairo Maciel

1996

73. PEDRO

MALASARTES

Adaptação coletiva

Direção - Jairo Maciel

74. EM DIA DE CHUVA

TUDO ACONTECE

Autoria - Sandra

Marques e Francisco

Pereira

Direção - Roselaine

Braz

75. E AGORA? MAMÃE

CASOU DE NOVO

Autoria - Sonia Nicolai

Direção - Roselaine

Braz

1997

76. TRIBOBÓ CITY

Autoria - Maria Clara

Machado

Direção - Roselaine

Braz

77. 14 QUINZE O BEIJO

NA TERRA

Autoria - Marcos

Vinícius de Arruda

Camargo

Direção - Roselaine

Braz

1998

78. HISTÓRIAS DO SÍTIO

DO PICAPAU AMARELO

Adaptação da obra de

Monteiro Lobato

Direção - Roselaine

Braz

1998/01

79. TEMPO JOVEM

Criação coletiva

coordenada por

Roselaine Braz

Direção - Roselaine

Braz

1999

80. TV X CONSUMIDOR

Criação coletiva

coordenada por

Roselaine Braz

Direção - Roselaine

Braz e Emilie Sugai

1999/00

81. TV X CONSUMIDOR

Criação coletiva

coordenada por

Roselaine Braz

Direção - Roselaine

Braz e Emilie Sugai

1999/01

82. 14 QUINZE O BEIJO

NA TERRA

Autoria - Marcos

Vinícius de Arruda

Camargo

Direção - Roselaine

Braz

2000

83. O MENINO MÁGICO

Adaptação da obra de

Rachel de Queiroz

Direção - Roselaine

Braz e Emilie Sugai

2000/01

84. A PÍLULA FALANTE

Adaptação da obra de

Monteiro Lobato

Direção - Roselaine

Braz e Emilie Sugai

2001

85. TEMPO JOVEM

Criação coletiva e

Roselaine Braz

Direção - Roselaine

Braz

FEPAMA 2001 -

Federação Paulistana de

Artistas Amadores

Melhor Direção -

Roselaine Braz

2002

86. 14 QUINZE O BEIJO

NA TERRA

Autoria - Marcos

Vinícius de Arruda

Camargo

Direção - Roselaine

- Braz
FEPAMA - Federação
Paulistana de Artistas
Amadores - 2002 -
Teatro Alfredo Mesquita
2º Melhor Espetáculo -
Categoria Adulto
Melhor Ator Revelação -
Rafael Segalli
**87. ALICE NO SÍTIO DO
PICAPAU AMARELO**
Adaptação da obra de
Monteiro Lobato
Direção - Roselaine Braz
e Emilie Sugai
Colaboração - Oiram
Antonini (pesquisador)
FEPAMA - Federação
Paulistana de Artistas
Amadores - 2002 -
Teatro Alfredo Mesquita
2º Melhor Espetáculo -
Categoria Infantil
Melhor Atriz - Ju Garcia
Melhores Atores
Coadjuvantes -
Fernando Lima, Thiago
Henrique e Alexandre
Corrêa
2003
88. TEMPO JOVEM
Criação coletiva
coordenada por
Roselaine Braz
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
**89. ALICE NO SÍTIO DO
PICAPAU AMARELO**
Adaptação da obra de
- Monteiro Lobato
Direção - Roselaine Braz
e Emilie Sugai
2004
**90. O BAÚ DA
INSPIRAÇÃO PERDIDA**
Autoria - Benedito
Rodrigues Pinto
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
3º FET - Festival
Estudantil de
Caraguatatuba
1º Melhor Espetáculo -
Categoria Infantil
Melhor Maquiagem -
Grupo TIMOL
Melhor Coreografia -
Emilie Sugai e Fernando
da Silva Lima
Melhores Atores
Coadjuvantes - Juarez
Carlos de O. Pinto e
Leão Onofre
91. GUETOS
Criação coletiva
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
2005
**92. ALICE NO SÍTIO DO
LOBATO**
Adaptação da obra de
Monteiro Lobato
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
4º FET - Festival
Estudantil de Teatro -
Caraguatatuba
2º Melhor Espetáculo
- Categoria Infantil
Melhor Direção -
Roselaine Braz e Emilie
Sugai
Melhor Figurino - Ana
Peres e grupo TIMOL
Melhor Iluminação -
Emilie Sugai
**93. O BAÚ DA
INSPIRAÇÃO PERDIDA**
Autoria - Benedito
Rodrigues Pinto
Direção - Roselaine Braz
e Emilie Sugai
2006/07
94. O MUSEU DA EMÍLIA
Autoria - Monteiro
Lobato
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
2006/07/08
**95. ROMÃO E JULINHA
ÀS AVESSAS**
Autoria - Oscar Von
Pfuhl
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
2007
96. REINAÇÕES DO SACI
Adaptação da obra de
Monteiro Lobato
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
2008
97. A PÍLULA FALANTE
Adaptação da obra de
Monteiro Lobato
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
- 98. HISTÓRIAS DO SÍTIO**
Adaptação da obra de
Monteiro Lobato
Direção - Roselaine Braz
e Emilie Sugai
2009
**99. ALICE NO SÍTIO DO
LOBATO**
Adaptação da obra de
Monteiro Lobato
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
**100. O MENINO
MINOTAURO**
Adaptação - Roselaine
Braz (Da obra de Luiz
Felipe Botelho e André
Neves)
Direção: Roselaine Braz
e Emilie Sugai
2009/10
101. TEMPO JOVEM
Criação coletiva
coordenada por
Roselaine Braz
Direção - Roselaine
Braz
2010
102. A PÍLULA FALANTE
Adaptação da obra de
Monteiro Lobato
Direção - Roselaine
Braz e Emilie Sugai
103. TEMPO JOVEM
Criação coletiva
coordenada por
Roselaine Braz
Direção - Roselaine
Braz
- 2011**
104. CORALINE
Adaptação coletiva (Da
obra de Neil Gaiman)
Direção - Martha Dias
2012
**105. DEPOIS DE
AMANHÃ**
Criação coletiva
Direção - Valéria
Lauand
2013
**106. HISTÓRIAS NA
GARRAFA**
Autoria - Wesley
Mendonça (Sobre
criação coletiva)
Direção - Valéria
Lauand
Dezembro
**107. O ESPÍRITO DE
NATAL**
Adaptação coletiva (De
um conto natalino)
Direção - Valéria
Lauand
2014/15
108. EVAPOROU-SE
Criação coletiva
Direção - Valéria
Lauand
2015
**109. O CONTO
DA COMPANHIA
DESCONHECIDA**
Criação coletiva
Direção - Valéria
Lauand

PESSOAS DO TIMOL

DIRETORES, ATORES, TÉCNICOS, AMIGOS, FAMILIARES... ENFIM, PESSOAS QUE DE ALGUMA FORMA COLABORARAM COM O GRUPO AO LONGO DESSE TEMPO

Ademar C. A. Dianesi
Aderaldo Maia
Adila Pacheco
Adilson Rodrigues
Adolfo Bortolozzo
Adriana
Adriana Moreira
Aída Marchette
Alberto de Souza
Alberto Gauss
Alberto Wild
Alcides de Souza Pinto
Alda Fria
Alessandra Mota
Alessandra Tavares
Alessandro Delarissa
Alexandre Arze
Alexandre Corrêa
Alice Cruz
Aline Alvarez
Alípio Donizeti da Silva
Amanda Carvalho
Amanda Góes
Amaro Sant'Anna
Ana Glória
Ana Laura Garcia
Ana Lúcia
Ana Mara
Ana Maria
Ana Maria Robson
Ana Paula
Ana Paula Prates
Ana Peres
Ana Pinheiro
Anabela Schor
Anahí
Analaura de Souza Pinto
Anali
Anamara Salgado
André Falconi
André Niess
André Pires
Andrea Cristina
Andrea Marzano
Andrezza Gonçalves
Andrezza Lima
Angélica Camillo

Angélica de Araújo
Anna Clara de B. Ribeiro
Anna Maria P. Pinheiro
Antonio Barreto
Antônio França
Antônio Hélcio Spessoto
Antônio Maria
Araquém Martins
Ariadne Roberta
Arnaldo Gaspar Luiz
Arthur do Banjo
Arthur Leopoldo e Silva
Áurea Monteiro
Avany Rennó
Bárbara Brambila
Bárbara Duraes
Beatriz Duraes
Beta Marantes
Bete Monteiro
Bianca Bianchi
Bianca Lessa
Boi da Láia
Brida Bernardo
Brisa Poeta (Brisa Nogueira)
Bruna Alves
Bruna Veloso
Bruno Barroso
Bruno Bre
Bruno Vasconcelos
Caio Bergler
Caio Piacente
Caio Sérgio Monteiro
Camila Benko
Camila Moreira
Carioca
Carla de Andrade
Carlos Alberto
Carlos Alexandre
Carlos Barmack
Carlos da Costa
Carlos Kauffmann
Carlos Marinho
Carlos Silveira
Carmem Lúcia
Carmo Murano
Carole Schimith
Carolina Camargo

Carolina Casati
Carolina Lagazzi Dreger
Catarina Andreas
Cebola
Celeste R. de Barros
Celia Cardoso
César
César Augusto
César Barroso
Charles Carvalho
Christina Borges
Chrystian Szankrowski
Cintia Monteiro (Cintia Corrales)
Cintia Rabaçal
Clara
Claudete Natalícia
Cláudia
Cláudia Aguiar
Cláudia Brodskin
Cláudia Elaine
Cláudia Ida
Cláudia Kischlis
Cláudia Maylla
Cláudia Menezes
Cláudia Segall
Claudio Garcia (Cacau)
Clayton Gallo
Clayton Miguel
Cleto João (Tinho)
Conceição Barreira
Cornélia
Cristiane Barros
Cristiane Fernandes
Cristina
Cristina Borges
Cristina Mazzei (Crissy Madden)
Cynthia Yabasse
Cypriano
Daniela Bousso
Daniela Cavaliere
Daniela Moreira
Débora Lauand
Deby de Paula
Dekko
Denise Santos

Diego Lima
Dino Galvão Bueno
Dorival Caldeira
Douglas
Douglas Duraes
Doy Maria
Edésio Santana
Edimar Reis
Edson Nogueira Biller
Edson Santana
Eduardo Camargo
Eduardo da Silva
Elaine
Elaine Brisque
Elaine Cristina Alves
Elaine Teixeira
Eliana Del Bianco Alves
Eliane Inglese
Eliane Souza
Elica Lopes
Elisa Soveral
Elisabete Teixeira
Elisângela Santos
Emília Faganello
Emilie Sugai
Emílio Ribeiro
Enio Ricardo
Erica Marques Soares
Érika Lúcia Paulino
Erlan
Esperança Coppola
Estella Dominguez
Eugênia Cintra
Evelise Carneiro
Evellyn Tainá Pimenta de Sá
Fábia Marylla
Fábia Tuma
Fabiana Camargo
Fabiana Lima
Fabiana Muchini
Fabiana Oliveira
Felipe Frazão
Felipe Vitri
Fernanda
Fernanda Azevedo
Fernanda Bonfim
Fernando Lima
Fernando Negah
Fernando Prata
Flávia de Lima
Flávio Guarnieri
Flávio Lotto
Flávio Rhode

Francisco Aron
Francisco Euzébio Colombo
Francisco Luiz (Chicolu Carvalho)
Gabriel Eleutério
Gabriela Carvalho Tavares
Gabriela Torres
Gabriella Rocha
Galahad
Gedalva
George Alves
George Mattos
Geórgia Finardi
Germana Crosta
Gerson de Souza (Gerson Suria)
Gerson Dias
Gesse B. dos Santos
Gideon Júnior
Gilberto Genestra
Gilberto Macedo
Gilson Ramos
Giovanna Arroio
Gisele Neves
Gonzaguinha
Goreti Bratti
Grillo Wanderlei
Guilherme
Guilherme Assano
Guilherme França
Gustavo Felix
Hallan Santos
Helena Pasqualli
Hemilton Martins
Henriete Gleser
Henrique Pércles
Henriqueta Lopes Albertin
Hilda Baldini Netto
Hugo Possolo
Iacov Hillel
Ildelfonso Barroso (Nenê Barroso)
Ilza
Inara Carvalho
Inês
Isabela Tubino
Isza
Ivan Carneiro
Jacélia Barbosa
Jadson
Jairo Maciel
Jane Fiuza
Janio Teles Ribeiro

Jaqueline Gurgel
Jean Paulo
Jef
Jéssica Guedes Feitosa
Jessica Pereira
João Paulo Gama
João Zangrossi Salim
Joel Jardim
Johanna Santos
Jonas
Jorge Scuro
José Carlos Sanches
José Damião Souza
José de Anchieta
José Eduardo Pimenta de Oliveira
José Luiz Araujo
José Nunes
Josiane Dias
Josie Maciel
Ju Garcia
Juarez Carlos de O. Pinto (JC)
Juliana Garcia
Júlio Guerra
Juscélino Firmino
Jutilde
Karina Nascimento
Kathy
Kátia Barros
Katia Oliveira
Kerullen de Sá
Kiko
Kokocht
Laércio Gonzaga de França
Aranha
Laerte Peralli
Lafayette
Laís Bedricow
Lalinha
Lara Bianco
Lara Carvalho
Lara de Melo
Lara Pinheiro Dau
Larissa Freire
Larissa Lino
Larissa Maia Piacente
Larissa Sigliani
Láucia Paiva
Laura Carolina O. Lima
Laura Carolinah
Laura Melo
Laura Neto

Lauren Cintra	Marcia Maia	Miguel Pixies	Priscila Costa	Rosângela Rodrigues	Tomás Whitaker Ferreira
Lauren Paiva	Marcia Nunes	Millena Macedo	Priscilla Barão	Rose Micheleti	Toni Faquetti
Leão Onofre	Marcia Santos	Mirela Lima	Priscilla Hygino	Roselaine Braz	Tuca (violão)
Lena Monteiro	Márcia Souza	Miriam Ízela	Radidja Munhoz	Roseli Silva	Tunica Teixeira
Lenita	Marco Antonio Leão	Mislene Leão Salomão	Rafael da Silva	Rosilda Ferreira	Ubimara Silva
Leonardo F. H. Oliveira	Marco Pamio	Santos	Rafael dos Santos	Rui	Ulisses Alencar
Leonardo Fabrício	Marcos	Mônica	Rafael Freitas	Rui Costa	Valdívia Gutierrez
Lia Santos	Marcos Caruso	Moon Ghost	Rafael Segalli	Ruth	Valéria Lauand
Lília Giacomini	Marcos Magro	Murilo Alvarenga	Rafael Toledo	Ruth de Souza	Valeria Santos
Lilian Lima	Maria Alice	Naire Siqueira	Ramí Gershon	Sabrina Teixeira	Valquíria Parricalli
Lilian Rose	Maria Alice Machado	Naldo Maia	Raphael Gonçalves	Sanae Mattos	Valter Santos (Valter Mandú)
Liliane Cássia	Maria Amélia Carvalho	Nando Lima	Raquel Ferro	Sandra Pandolfo	Vanessa Andrade
Livia Cristina Freitas	Maria Angelica Garcia	Nathalia Novaes	Rebeca Cruz	Sandra Santos	Vanessa Mello
Lorena Escames	Maria Aparecida Silva	Natanael Junior	Regina	Satico Mattos	Vanilla Lopes
Lourdes	Maria Cecília	Nazareth de Castro Pena	Regina Bueno	Sebastião Bazotti	Vera Buchain
Luana Medeiros	Maria Cecília Censoni (Ciça Censoni)	Nécia	Regina Sartori	Sérgio	Vera Christina Georges
Luana Souza	Maria Cecília Leite	Nelson	Reinaldo Antônio de Maria	Sérgio Carmi	Vera Cristina
Lúcia da Silva	Maria Cristina Guanaes	Nelson Arcângelo	Renata Anez	Sergjo Luiz Audi	Vera Lúcia
Luciana Aguiar	Maria Christina Tavares	Nelson Screnci	Renata Cordeiro	“Seu” França (avô de integrantes)	Verônica Feitosa
Luciana Campos	Maria Christina Tavares (Christina Tavares)	Ney Chatagnier	Renata Moraes	“Seu” Marcos	Virginia Garcia
Luciana Morillo	Maria da Piedade	Nicolle Mariano	Renato Cesar	Shirlei Rubinstein	Virginia Marcia
Luciana Nogueiror	Maria del Carmen	Nidia de Souza	Ricardo	Shirley Torres	Volges Severo
Luciene Lima (Tutu)	Maria Edite (Edite Bueno)	Nidia Rita De Cassia Prioli	Ricardo Gouveia	Sidnei Caria	Walkiria Panicali
Luciene Mendes	Maria Eugénia Censoni	Nidia Soares	Ricardo Ribeiro Souza	Sidney Brandão	Walquíria
Ludovico	Maria Eugénia Obniski	Nilo Campos	Ricardo Santos	Silvana Guimarães	Wesley Mendonça
Luis Carlos Lopes	Maria Helena Segundo	Noemi do Val Penteadado	Ricardo Soares	Silvana Martinez	Will Damas
Luís da Costa	Maria José	Noêmia	Rita	Silvia	Wilma Schiesari-Legrís
Luiz Augusto	Maria Leone Santana	Noêmia Scaravelli	Rita de Andréo	Silvia Daskal	Wilson R. Valentino
Luiz Carlos Abreu	Maria Lima	Nuno Lima	Rita Santos	Silvia Maria	Wladimir Morales
Luiz de Paula	Maria Lucia	Octávio Almeida	Roberta Brandão Lopes	Simone	Yara Camillo
Luiz Estevão Vieira	Maria Lúcia Guanaes	Odette Teixeira	Roberto Coppola	Simone Barros	Zé Ricardo
Luiz Feitosa	Maria Lúcia M. da Silva	Ophelia França	Robson Alex Pinto	Simone Lima	Zilá Ponzoni
Luiz Felipe Azeredo Santos	Maria Rita do Amaral	Orlando Fernandes	Robson Camargo	Souza (“Soiza”)	Zoraide
Machado Dutra	Maria Tereza Malheiro	Paniagua Rogério	Robson Emílio	Sr. Fradique	***
Magda da Silva	Stempniewski	Patrícia Bueno	Robson Rodrigues	Stefani Nicoli	Agradecimentos especiais às pessoas que nos apoiaram na realização desta publicação e do Evento TIMOL - 50 ANOS
Maiara Pimenta dos Santos	Mariana Augusta	Patrícia Cukier	Rodolfo Gracel	Suse Dal Chicco	Angela M. Arantes
Maira Leme	Mariana França	Patrícia Hakkak	Rodolfo Cavalcanti	Tadeu Brambila	Figueiredo
Mami Faganello	Marilia Ceci	Patrícia Scalvi (Pati)	Rodrigo Fulas	Tália Yabusaki	Azilde Andreatti
Manauara Teixeira Lopes	Marilia Mortensen	Paty Augusta	Rodrigo Toledo	Tatiana	Heloisia Bonfanti
Manolo	Marilu Barbosa	Paty Prieto	Rodrigo Ventura	Tatiana Almeida	Miro Nalles
Manuela Gonçalves	Marisa Martinez (Marisa Solano)	Paula Cristina	Rogéria Aparecida de Castro	Tatiana Froza	Oiram Antonini
Maranhão	Martha Dias	Paula Salgado	Rogério Brito	Tatiane da Silva	Rafael Carvalho
Marcela	Matheus Alves	Paulo Castilho	Romeu Assunção	Taty Godoi	Valéria Silva (Espaço Arterial)
Marcela Andrau	Matheus Costa e Silva	Paulo César	Rômulo Araújo	Telma Andrade	Vera Alves (Espaço Arterial)
Marcela Gusmão de Lima	Maura Renata	Paulo Chiavegatti	Ronaldo Ciambroni	Telma Nogueira	
Marcella de Lucca	Mauro Cavalcante	Paulo Roberto	Rosa	Teo Ponciano	
Marcelus Possidônio	Mauro Lima (pai de integrante)	Paulo Roberto de Oliveira	Rosa Célia Hernandes	Thainá Souza	
Marcelo Batista	Michele Rita	Paulo Vasconcelos	Rosamaria Maciel	Thais Aguiar	
Marcelo Fernandes	Michele Toledo	Pedro Figueiredo	Rosana Bemvenuto	Tháric Diniz	
Marcelo Pereira	Miguel	Phillipe Ludovico	Rosana Braz	Thiago Henrique	
Marcia Caldas		Piedade Soares	Rosana Pereira	Thiago Pinheiro	
Marcia Del Picchia		Pituca	Rosângela Mascarenhas	Thiago Regis	
Marcia Kackman		Potira Caruana R. Neves			

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Fernando Haddad

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Nabil Bonduki

COORDENADORIA DO SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS

Waltemir J. B. Nalles

DIVISÃO DE PROGRAMAS E PROJETOS

Heloisa Bonfanti de Nóbrega Gouveia

DIRETORIA DA BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO

Ângela Maria Arantes Figueiredo

DIREÇÃO DO TIMOL

Valéria Lauand

COORDENADORIA DO SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS

Rua Catão, 611 | Lapa | São Paulo | SP | 05049-000

Telefone: 11 3675-7916

www.bibliotecas.sp.gov.br

EQUIPE DESTA PUBLICAÇÃO

EDIÇÃO/COORDENAÇÃO

Luiz Felipe Azeredo Santos

LEVANTAMENTO HISTÓRICO

Carmo Murano

REVISÃO

Cíntia Rabaçal e Yara Camillo

ORGANIZAÇÃO/SELEÇÃO DE IMAGENS

Valéria Lauand e Francisco Euzébio Colombo

COLABORADORAS

Anamara Salgado, Ciça Censoni, Cíntia Corrales,
Edite Bueno, Katia Oliveira e Paula Salgado

DIGITALIZAÇÃO

Espaço Arterial

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mariana Galender e Pedro Felício

Impressão e Acabamento | Gráfica Cinelândia

Capa | cartão triplex

Miolo | papel couchê, 120g

Fonte dos títulos | Fruity Drink

Fonte do corpo de texto | Franklin Gothic

Tiragem | 500

T585

Timol: Teatro Infantil Monteiro Lobato 50 anos / coordenação Luiz Felipe Azeredo Santos. – São Paulo : Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas, 2015.

99 p. : Il.

1. TIMOL – História 2. Teatro infantojuvenil – São Paulo - História I. Santos, Luiz Felipe Azeredo Santos (coord.)

CDD – 792.0226



“No TIMOL tinha um retorno, uma vibração, porque eram crianças que diziam pra crianças aquilo que elas queriam ouvir. (...) O melhor do TIMOL é a relação entre palco e plateia, que se dá no mesmo nível. A importância do TIMOL na educação é o que de melhor se pode ter. Na realidade, teatro é uma atividade que mexe com tudo que o ser humano tem. Não estou falando do ensinamento, mas do próprio fato da pessoa estar lá. Pelo fato de se apresentar, a pessoa tem que desenvolver várias coisas que ela tem embutida, a comunicação e a expressão. O teatro dá contato com o desenho, a dança, estudo da psicologia, um estudo da personagem da própria pessoa que vai representar esta personagem e também dos outros seres humanos. Você só ajuda o desenvolvimento da criança à medida que você dá a ela o que ela vai fazer. O estímulo da criatividade se dá quando você mostra as várias opções. Um espetáculo feito por crianças é um estágio do desenvolvimento humano e não uma obra em si, acabada.”

Iacov Hillel